

**FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO**

**LETÍCIA AKAMINE DA COSTA**

**MEMÓRIAS:  
HISTÓRIAS DE DOIS SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO**

São Paulo

2017

**FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO**

**LETÍCIA AKAMINE DA COSTA**

**MEMÓRIAS:**

**HISTÓRIAS DE DOIS SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo sob orientação da Prof. Ms. Fernanda Larossi

São Paulo

2017

**LETÍCIA AKAMINE DA COSTA**

**MEMÓRIAS:  
HISTÓRIAS DE DOIS SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo sob orientação da Prof. Ms. Fernanda Iarossi.

---

Local e data de aprovação

---

Prof. Ms. Fernanda Iarossi  
Mestre em Comunicação Social, FAPCOM

---

Prof. Dr. Alexandre Barbosa  
Doutor em Ciência da Comunicação, FAPCOM

---

Juliana Quintella  
Chefe de Programas, TV Câmara SP

São Paulo  
2017

## **RESUMO**

Este projeto de Trabalho de Conclusão de Curso aborda a produção de um documentário sobre dois sobreviventes do Holocausto que vieram para São Paulo depois da Segunda Guerra Mundial. O objetivo é entender o contexto em que isso ocorreu, desde suas histórias de superação da guerra até a adaptação cultural em São Paulo, através de pesquisa bibliográfica a fim de produzir um produto audiovisual baseado nas experiências dessas pessoas que são dois dos últimos remanescentes vivos de uma das maiores atrocidades do século XX.

**Palavras-chave:** Judeus, Segunda Guerra Mundial, Documentário, Holocausto, Jornalismo.

## **ABSTRACT**

This Project is about the production of a documentary about two Holocaust survivors who came to São Paulo after the World War II. The main goal is to understand the context in which that happened, from their overcoming stories to their cultural adaptation in the city of São Paulo, through research that aims the production of a non-fictional film based on the experiences of these survivors who are two of those who went through one of the biggest atrocities in the 20th century.

**Keywords:** Jews, World War II, Documentary, Holocaust, Journalism.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. OBJETIVOS GERAIS.....	7
3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	7
4. JUSTIFICATIVA.....	8
5. PROBLEMA .....	9
6. HIPÓTESE .....	9
7. DESCRIÇÃO DO PRODUTO .....	10
8. REFERENCIAL TEÓRICO .....	11
8.1 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	11
8.1.1 A GUERRA E A IMIGRAÇÃO PARA SÃO PAULO .....	12
8.1.2 O HOLOCAUSTO.....	15
8.1.3 CONTEXTO-BRASIL DE IMIGRAÇÃO JUDAICA .....	20
8.1.4 POVO DAS DIÁSPORAS.....	22
8.2 DOCUMENTÁRIO .....	25
8.2.1 CONCEITO: DIFERENÇA ENTRE FICÇÃO E NÃO-FICÇÃO .....	25
8.2.2 TIPOS DE DOCUMENTÁRIO.....	29
8.2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADE JORNALÍSTICA E HISTÓRIA ORAL .....	31
8.3 PERSONAGENS.....	35
8.3.1 RITA: CRIANÇA JUDIA NO MEIO DA GUERRA .....	35
8.3.2 JULIO: DO ESCONDERIJO AO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO .....	39
9. METODOLOGIA.....	44
10. DIÁRIO DE CAMPO.....	46
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
12. REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....	54
13. CRONOGRAMA.....	55
14. APÊNDICES.....	56
14.1 ENTREVISTA E DECUPAGEM JÚLIO GARTNER.....	56
14.2 ENTREVISTA E DECUPAGEM RITA BRAUN .....	69
14.3 ROTEIRO .....	82
15. ANEXOS .....	93
15.1 AUTORIZAÇÕES.....	93

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como missão entender, através da produção de um documentário, as memórias, impressões e adaptação de dois sobreviventes do Holocausto: o sr. Julio Gartner e a sra. Rita Braun, no período que compreende a Segunda Guerra Mundial e a vida no Brasil - com sobreviventes que tiveram que imigrar por razões muito adversas. A cidade de relevância principal é São Paulo, local este que foi escolhido por essas pessoas para reconstruir a vida e esquecer os horrores do Nazismo.

O senhor Julio Gartner é um senhor de 93 anos que, hoje em dia, gosta de jogar tênis e se define como “apenas um colaborador” na sua empresa. Senhor Júlio é sempre imediato e pronto para contar sua história. Ele viveu os anos da guerra dividido entre a clandestinidade e a vida nos campos de concentração. Passou fome, frio, violências emocionais e físicas e, por anos, preferiu não contar suas histórias. Segundo ele, queria ser apenas pai, esposo e não um sobrevivente. Mas há alguns anos, Julio começou a abrir sua história para quem quisesse ouvir. Hoje dá palestras sobre o assunto e até foi tema de um documentário sobre esse período, chamado “Sobrevivi ao Holocausto”.

A senhora Rita Braun é a grande chave desse trabalho. Conhecê-la foi uma coincidência, mas desenvolver um produto com a história dela foi um grande desafio. Sempre muito solícita, Rita me atendeu as inúmeras vezes em que liguei ou fui até sua casa pedindo mais informação, mais imagens, mais alguma coisa. Ultimamente, Rita não está muito bem, apesar de sua simpatia e vaidade estarem intactas.

Rita era apenas uma criança de 9 anos quando tudo começou. Sua salvação e a de sua família se deve, em parte, pelo fato de ser menina, e não ter no corpo a marca de um judeu. Rita atravessou a guerra também em dois períodos, mas, no caso dela, foram os anos vivendo no gueto e os anos na clandestinidade. Ela insiste em dizer que não houve marcas deixadas da guerra, mas dá pra saber que isso não é exatamente verdade. Ela lamenta as perdas e reflete com certa tristeza sobre tudo o que aconteceu.

Esse trabalho poderia ter sido desenvolvido a partir de uma linha mais histórica, mas (um pouquinho baseado no “Últimas Conversas”, de Eduardo

Coutinho”) virou uma grande contação de história de duas pessoas comuns bem extraordinárias. A partir daí esse projeto flerta um pouco com a história oral, como um argumento para a relevância e interesse nas duas histórias.

Dentro desta proposta, esse trabalho se encaixa - na linha geral da FAPCOM - na classificação “Linha 1: Comunicação: sociedade, educação e cultura”, por entender-se que esse trabalho fala sobre um povo e um dos episódios mais dramáticos da história recente envolvendo um crime contra a humanidade desse grupo. No campo específico de Jornalismo, esse trabalho se encaixa na “Linha específica 2 - Processos, Políticas Editoriais e Narrativas Jornalísticas”, já que faz uso das técnicas de entrevista e uso das informações a partir do ponto de vista dos personagens para produção de um documentário, levando em conta as fases de apuração, pré-produção, produção e pós-produção.

## **2. OBJETIVOS GERAIS**

Esse trabalho explora o contexto da guerra e imigração de dois sobreviventes do Holocausto. Isso é feito através de projeto experimental em formato de documentário, no qual são apresentados os depoimentos do sr. Julio Gartner e da sra. Rita Braun como eixo central do produto, sempre tendo em vista que suas histórias de superação são relevantes como testemunho do que aconteceu com os judeus na Segunda Guerra Mundial.

## **3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Entrevistar sobreviventes do Holocausto na cidade de São Paulo.
- Entender quais são as memórias que essas pessoas guardam da Guerra.
- Entender como foi a adaptação no Brasil.
- Estudar linguagem e processos de produção de documentário.

#### 4. JUSTIFICATIVA

O documentário apresentado conta sobre as memórias de Guerra e adaptação de dois sobreviventes do Holocausto: o Sr. Julio Gartner e a Sra. Rita Braun. Ambos são poloneses e, mesmo com idades e conseqüências diferentes na época, eles viram, ouviram e viveram os horrores da guerra e pagaram física e psicologicamente pelo “crime” de serem judeus.

Há muitos produtos sejam eles livros, filmes, documentários, séries, reportagens e outras plataformas que fizeram e fazem belamente o trabalho de retratar o momento histórico e político que compreende a Segunda Guerra Mundial, por vezes, falando sobre os sobreviventes, buscando ser o mais fidedigno possível aos acontecimentos que marcaram as vidas de milhões de pessoas. Aliás, diz-se “pessoas” porque não foram só os judeus – apesar de serem a maioria – que sofreram com a intolerância, mas também negros, gays, ciganos, Testemunhas de Jeová, prisioneiros políticos, etc.

O Sr. Julio Gartner, por exemplo, foi ele mesmo personagem de um documentário sobre suas passagens pelos campos de concentração, chamado “Sobrevivi ao Holocausto” (2012), de Caio Cobra e Marcio Pitliuk. Nele, o Sr. Gartner faz o percurso de suas fugas e prisões pela Polônia e conta suas experiências em cada um desses lugares. A Sra. Rita Braun também. Ela escreveu um livro que não foi publicado em uma editora, mas que ela o vende ou distribui em suas palestras, chamado “Fragmentos de uma vida” de maneira independente. Nele, Rita – como é carinhosamente conhecida, já que seu nome é Henrietta – fala sobre os momentos mais difíceis do Gueto, a coragem de sua mãe e as dezenas de situações perigosas que passaram ao fingirem ser católicas. Tudo isso também vai estar no produto proposto nesse projeto.

No mercado editorial, é mais comum encontrar livros que narram algumas dessas histórias, como é o caso de “A lista de Schindler” (1982), de Thomas Keneally; “O diário de Helga” (2013), de Helga Weiss; “Eu sobrevivi ao Holocausto” (2015) de Nannette Konig; e até história em quadrinhos, como é o caso de “Maus” (1986 e 1991), de Art Spiegelman, que chegou a ganhar o Prêmio Pulitzer em 1992.

Já em levantamento para este projeto, pôde-se perceber que poucos documentários exploram as perspectivas dos sobreviventes do Holocausto durante a Guerra e também no período pós-Guerra como, por exemplo, “Night will fall” (2015), do diretor e antropólogo inglês Andre Singer, e, “Os filhos de Hitler” (2011), do diretor Chanoch Zeevi - apesar de este em específico ser mais focado nos filhos dos Nazistas, também há histórias de sobreviventes. No contexto de pessoas que vieram para o Brasil isso é ainda mais raro. Sendo assim, onde estão os remanescentes do Holocausto judeu? O que eles fazem? Se casaram? Tiveram filhos? Quem são eles?

Por isso, esse trabalho tem como objetivo, a partir da linguagem audiovisual e jornalística, se valer do privilégio temporal de ainda restarem alguns sobreviventes para contarem eles próprios sobre quem são e o que os faz serem tão interessantes como “objeto histórico” e como pessoas que têm algo para ensinar sobre superação e a crueldade humana. E eles estão aqui em São Paulo. Foi aqui que escolheram reconstruir suas vidas e esquecer do passado.

## **5. PROBLEMA**

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, muitos judeus sobreviventes mudaram para outros países com o objetivo de construir uma nova vida, e desses, muitos vieram para o Brasil, com histórias de como sobreviveram à Guerra. Portanto, quais são as memórias e histórias de superação que esses sobreviventes carregam?

## **6. HIPÓTESE**

Muito se fala sobre os campos concentração, câmaras de gás e trabalhos forçados realizados pelos judeus. No entanto, a Guerra não atingiu todos eles de forma igual, haja visto o exemplo da jovem Anne Frank, que passou cinco anos escondida e vivendo um tipo de falta de liberdade e medo particulares.

Portanto, considera-se nesse trabalho que os dois sobreviventes – mesmo vivendo no mesmo país – têm histórias de superação e seus próprios horrores particulares causados pelas restrições, torturas, fome, doenças, separação e, por vezes, fuga.

Com o fim da Guerra, em 1945, o apoio da população dos países anteriormente ocupados por Hitler ao Nazismo tornava inviável a permanência e reconstrução da vida nesse ambiente ainda muito hostil, já que a ideologia antissemita estava incutida no povo – isso é válido para os países de parte do Centro e Leste europeu<sup>1</sup>.

Com o fim da guerra, em 1945, o movimento imigratório de judeus sobreviventes para países onde o nazismo não tinha alcançado foi natural. Os países que mais receberam os judeus até a constituição do estado de Israel foram os países do oeste europeu, EUA, Brasil e Argentina, que será melhor explicado mais a frente. Os sobreviventes que vieram para o Brasil trouxeram na bagagem uma história de superação e a missão de se adaptar em uma cultura que não era a sua.

## **7. DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

O produto apresentado é um documentário construído e roteirizado a partir dos padrões de apuração, pré-produção, produção e pós-produção que competem ao jornalismo. Por se tratar de um tema que está relacionado com um fato histórico relativamente recente e que ainda tem testemunhas vivas, e por a proposta do trabalho ser justamente amparada pelas memórias pessoais deles, entende-se que a narrativa é construída baseada no depoimento dos dois personagens e que eles são válidos enquanto documento do Holocausto.

Além disso, é usado o recurso de narração para “introduzir e finalizar” os depoimentos e passar impressões dos personagens, a forma como cheguei até

---

<sup>1</sup> Falar sobre Centro e Leste Europeu é um desafio porque essa divisão passar por conceitos não só geográficos como também ideológicos. Mas, para efeito de inteligência do que estamos tratando, os países da Europa Central são: Alemanha, Luxemburgo, Suíça, Áustria, República Tcheca, Eslovênia, Croácia, Hungria, Eslováquia, Polônia, Lituânia, Letônia, Estônia; Os países que compreendem o Leste Europeu são: Parte da Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. Alguns dos países do Centro são comumente considerados do Leste e, nesse trabalho, isso não fará diferença, portanto, entenda-se amplamente a região da Europa Oriental.

eles e como decorreram as entrevistas. Isso não foi feito de forma descritiva, mas contando a experiência.

O produto tem 24 minutos, portanto de acordo com as normas da FAPCOM, e é pensado através de um padrão de TV de enquadramento e narrativa, com possível divisão em dois blocos, usando linguagem simples e acessível. Por isso, considera-se que o público-alvo depende do veículo de comunicação onde o documentário poderia, eventualmente, ser exibido. No entanto, entende-se que o teor mais histórico limite o produto a emissoras de TV que aceitem esse modelo e deem espaço para este tipo de assunto/cobertura jornalística (como TVs Públicas ou programação educativa dos canais abertos ou fechados).

Como possível meio de veiculação desse produto futuramente, pode ser considerado um programa regular da grade da TV Câmara SP chamado “Espaço Universitário”, onde alunos de Comunicação e Cinema são convidados para uma entrevista sobre a execução de seus trabalhos audiovisuais e as exibições destes. Há também a possibilidade de exibi-lo em um programa similar da TV Cultura, chamado “Campus em ação”.

Além do “Espaço Universitário” e do “Campus em ação” há uma plataforma online chamada VideoCamp na qual é possível disponibilizar o produto para a exibição na própria plataforma. Esse site tem como objetivo divulgar trabalhos de temas mais sociais, culturais, que impactam e ou que sejam de interesse social. Portanto, considera-se essa uma possibilidade para a veiculação.

No mais, por enquanto, não há pretensão de inscrever o trabalho em prêmios ou editais específicos, porém sempre mantendo em vista editais do Fundo Setorial de Audiovisual (FSA), da Ancine; e editais do Programa de Ação Cultural (PROAC), de fomento à produção audiovisual paulista.

## **8. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **8.1 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

### 8.1.1 A GUERRA E A IMIGRAÇÃO PARA SÃO PAULO

1 de Setembro de 1939. Esse é o dia em que a Alemanha invadiu a Polônia, e é oficialmente quando começaram a ser contados os dias da Guerra que, até o fim com a rendição do Japão, somam 2.174 dias. Foram cerca de 46 milhões de mortos, dos quais 6 milhões eram judeus (GILBERT, 2014).

Para que possamos entender a progressão da Guerra - e mais importante do que isso, o Holocausto, que é tema principal desse trabalho - é preciso entender alguns fatos anteriores ao conflito, como por exemplo, a Primeira Guerra Mundial. Essa ocorreu de 1914 a 1918 e foi causada, entre outros motivos, em razão de expansão territorial e alianças particulares entre países para garantir vantagens econômicas e apoio militar (SONDHAUS, 2013). A história desse episódio não é de interesse desse trabalho. No entanto, o resultado da Primeira Guerra Mundial teve impacto direto na Alemanha derrotada. Em 1918, a Guerra chegou ao fim com os países da Tríplice Aliança enfraquecidos, portanto foi decidido o fim da Guerra e depois disso foi firmado o Tratado de Versalhes – que obrigava a Alemanha a indenizar os países vitoriosos, ceder territórios conquistados e diminuir seu exército (SONDHAUS, 2013). Entende-se que a Alemanha virou “bode expiatório”, ou seja, ela foi a mais penalizada pelo conflito. Isso gerou um sentimento de injustiça e ressentimento por parte do país.

Depois da Guerra se estabeleceu a República de Weimar<sup>2</sup> na Alemanha, que compreende o período de 1919 a 1933. Seu início foi marcado pela mudança de sistema político, da Monarquia para uma República Parlamentarista dominada, principalmente, pelo Partido Social Democrata Alemão. Esse foi o momento em que a Alemanha se estabilizou novamente depois da Guerra. No entanto, a queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929 trouxe de novo o estado de crise econômica e política para o país.

Nesse cenário, surge o Partido Nazista – cujo nome oficial era, na verdade, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – criado em

---

<sup>2</sup> MELO, Sylvia Lenz de. República de Weimar: Alemanha 1919 – 1933. Universidade Federal de Londrina/ PR. HISTÓRIA & ENSINO, Londrina. Paraná, volume 02: p. 101-111, 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12772/11100>> Acesso em: 14 de abr. de 2017

1919 por Anton de Drexler. A fundação do partido, desde o começo, teve relação com o anti-semitismo, como explica Carneiro (2007):

Desde o início, os judeus eram apontados como os responsáveis pela derrota da Alemanha na guerra, pela imposição da democracia de Weimar, mentores do Tratado de Versalhes e propagadores do socialismo na Alemanha. Nesta linha de pensamento foi idealizado o programa do partido divulgado em fevereiro de 1920, tendo Hitler e Anton Drexler como seus mentores intelectuais. (CARNEIRO, 2007, p. 22)

Acontece que o pensamento antisemita era debatido desde o século XIX com teorias de autores como Theodor Fritsch, Houston Chamberlain, e Arthur de Gobineau sobre a inferioridade dos judeus. Na época da Primeira Guerra Mundial, a “questão judaica” já era bem consistente na Alemanha, já que “os judeus eram acusados de não participar das Forças Armadas, de não assumir a defesa da nação alemã, interessados que estavam em garantir benefícios pessoais” (CARNEIRO, 2007, p.22). O ambiente estava mais que propício para o Partido Nazista.

Ainda nos anos 30, Hitler e o partido Nazista instituíram a SS (Schutzstaffel) que era a Tropa de Elite do Nazismo e considerados como que um exército particular. Esses eram selecionados de acordo com padrões arianos e diferenciavam-se da chamada SA (Sturmabteilung) ou Tropas de Assalto, que até então era a polícia do regime. A SS acabou por superar a SA em número e importância (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM)<sup>3</sup>.

Segundo Coggiola (2015, p.11), “em 1945, na Alemanha, quase um milhão de homens tinha envergado o uniforme negro com a insígnia da caveira, partindo de um núcleo inicial que em 1929 contava com apenas 280 elementos”. Essa informação é importante porque foi essa instituição militar que foi responsável por manter a ordem e garantir que os padrões do partido Nazista estivessem sendo cumpridos pelos civis, além de serem os responsáveis pelo “serviço sujo” para limpeza étnica dos países dominados pela Alemanha.

---

<sup>3</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). SS, a Polícia do Estado. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007675>> Acesso em: 15 de abr. de 2017

O chefe da SS era Heinrich Himmler, ele foi o responsável por criar a Gestapo (Geheime Staatspolizei), um tipo de polícia secreta que também estava incumbida de manter a ordem e punir o que estivesse fora dos padrões de determinação de conduta, políticos e étnicos estabelecidos por Hitler. (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM)<sup>4</sup>.

Como já comentado anteriormente nesse texto, a Guerra começou oficialmente em 1 de setembro de 1939 com a invasão da Polônia pela Alemanha que resultou no anúncio de guerra por parte de Inglaterra e França, em 3 de setembro - apenas dois dias depois (GILBERT, 2014).

O objetivo de Hitler era não só reconquistar territórios perdidos na Primeira Guerra Mundial, mas também sujeitar o máximo de países da Europa ao poderio alemão e, assim, eliminar aos poucos as raças inferiores, como explica Coggiola (2015).

O “projeto geral” (Generalplan Ost) do nazismo para Europa oriental e a URSS, formulado várias vezes entre 1940 e 1942 [...] previa as mortes de dezenas de milhões de membros das “raças inferiores” (eslavos, principalmente; sem falar do total extermínio dos judeus, que eram uma - numerosa - minoria no Leste europeu), pela via da fome, para transformar esses imensos territórios em zonas de colonização pela Alemanha (isto é, pela “raça ariana”): “Os alemães deportariam, matariam, assimilariam ou escravizariam as populações nativas, levando ordem e prosperidade para uma fronteira humilhada. Entre 31 e 45 milhões de pessoas, a maioria eslavas, deveriam desaparecer... entre 80% e 85% dos poloneses, 65% dos ucranianos ocidentais, 75% dos bielorrussos e 50% dos tchecos deveriam ser eliminados”. Esses objetivos seriam realizados, entre outros meios, por um “Plano da Fome” que mataria por inanição 30 milhões de pessoas em apenas alguns meses, isto só para começar. Na Europa oriental, os deslocamentos de pessoas realizados pelos governos de Hitler e Stalin entre 1939 e 1943 afetaram trinta milhões de pessoas, com um elevado percentagem de vítimas mortais. (COGGIOLA, p. 8, 2015)

Já no começo, a ofensiva britânica era enérgica. Em 4 de setembro, a Grã-Bretanha lançou bombas sobre navios e instalações navais da Alemanha em Wilhelmshaven e a partir daí outros ataques foram ganhando espaço, sendo que por parte da Alemanha, os ataques seriam baseados em uma política mais

---

<sup>4</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). SS, a Polícia do Estado. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007675>> Acesso em: 15 de abr. de 2017

“ousada”, já que essa passou a não respeitar as leis e tratados de guerra acordados nos anos anteriores (GILBERT, 2014).

Para esse trabalho não é totalmente relevante falar sobre as questões políticas envolvendo a Segunda Guerra Mundial, mas sim as políticas do partido Nazista de terror e extermínio baseado em critérios totalmente aleatórios.

### **8.1.2 O HOLOCAUSTO**

Em relação à Alemanha, a guerra estava acontecendo em dois níveis - tanto entre as potências europeias e Estados Unidos, quanto com a população dos países invadidos. Isso porque, como já comentado, a ascensão do partido Nazista com seus ideais não só políticos, mas também de seleção dos que mereciam ou não viver, transformaram a guerra em uma questão muito mais dramática. A partir daqui entende-se que a guerra será tratada pela perspectiva da Solução Final e, quando necessário, serão abordados os fatos puramente políticos da guerra, como ataques, revides, invasões - nessa ótica, o que terá maior relevância serão os fatos que levaram ao fim da guerra e não meramente seu desenrolar.

A partir de 1933 quando o partido Nazista finalmente assume o governo, as coisas começaram a ficar muito difíceis para os judeus da Alemanha - que correspondiam a 0,76% da população em 1933 (COGGIOLA, 2015, p.22) - e até dos países vizinhos (como veremos mais para frente):

Várias leis para excluir os judeus da sociedade civil - com destaque para as Leis de Nuremberg de 1935 - foram decretadas na Alemanha antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Campos de concentração foram criados; os presos enviados eram submetidos a trabalho escravo até morrerem de exaustão ou doenças. Quando a Alemanha ocupou os territórios da Europa Oriental, unidades paramilitares especializadas, Einsatzgruppen, assassinaram mais de um milhão de judeus em fuzilamentos em massa. Judeus e ciganos foram confinados em guetos superlotados, até serem transportados, através de trens de carga, para campos de extermínio, onde, se sobrevivessem à viagem, a grande maioria era sistematicamente morta em câmaras de gás. (COGGIOLA, 2015, P. 57)

Como citado, leis foram responsáveis por começar de vez o processo que levaria à tentativa de extermínio do povo. As Leis de Nuremberg, foram de fato

um passo significativo porque determinavam quem era realmente sangue alemão e quem não era, sendo que dos judeus foi retirada a cidadania e proibido o casamento entre estes e cidadãos de sangue alemão (CARNEIRO, 2007, p. 30). O interessante disso é que a própria população dos países dominados pelo Nazismo foi convencida do malefício que as raças inferiores eram para o país em termos sociais e até mesmo na progressão da Guerra (COGGIOLA, 2015, p. 58) .

Há de se lembrar que isso era também influenciado pela quantidade de propagandas nazistas que rebaixavam os judeus e os colocava na posição de exploradores do trabalho, maus, sem dignidade. As mães judias eram, por vezes, tidas como impuras, enquanto as arianas eram retratadas como o símbolo da fertilidade ideal. As imagens tinham sempre características que faziam alusão ao diabólico, ao feio e assustador. (CARNEIRO, 2007, p. 32)

Um fato em 1938 deixou mais do que claro que a partir de então tudo seria muito mais difícil e era, de fato, um prelúdio de que a própria população estava trabalhando em favor dos caprichos do Reich. Na noite do dia 9 para o dia 10 de Novembro aconteceu o Kristallnacht - ou noite dos cristais - um evento em que estabelecimentos judeus foram atacados e muitos foram mortos motivados por uma ação da SA e da própria população dos países em que isso aconteceu (que foram Alemanha, Áustria e algumas regiões da Tchecoslováquia). As autoridades alemãs explicaram o fato como que sendo uma resposta dos próprios cidadãos ao assassinato do diplomata alemão Ernst Von Rath, morto por um judeu jovem depois que este descobriu que seus pais tinham sido expulsos da Alemanha (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM).<sup>5</sup>

A partir do Kristallnacht o clima de terror estava instaurado. Muitos judeus foram levados a Campos de trabalhos forçados – onde eram literalmente forçados a trabalhar – e/ou os guetos.

---

<sup>5</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). A noite dos cristais. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005201>> Acesso em: 15 de abr. de 2017

Os guetos são uma parte interessante da progressão da política antissemita do partido Nazista. A ideia era segregar os judeus do resto da sociedade em bairros dos quais não faziam parte, com pessoas que não conheciam, em condições desumanas. Foram aproximadamente 1000 guetos construídos na Polônia e União Soviética. Com a Solução final – que será melhor explicada mais para frente – a partir de 1942, os Guetos começaram a ser destruídos. O maior gueto da Polônia era o gueto de Varsóvia que tinha cerca de 400 mil moradores em uma área de pouco mais de 3 quilômetros. (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM)<sup>6</sup>.

Uma das personagens desse trabalho, a senhora Rita Braun, morou em um gueto durante vários meses, e viu seus familiares e amigos serem mortos, além de passar por situações de fome intensa, enfermidade, pavor constante. Ela e sua família fugiram do gueto para viver clandestinamente. Isso será melhor detalhado no produto audiovisual proposto.

Dentro do gueto, era necessário também usar identificação, como a braçadeira com a estrela de Davi e, claro, fazer trabalhos forçados. Os guetos tinham problemas de superlotação, sendo que muitas vezes, mais de uma família dividia uma mesma residência. O acesso à alimentação era escasso e quase todos viviam em situação de desnutrição, frio e doenças.

Depois que começou a guerra, e que a Alemanha passou a anexar os territórios de países vizinhos como Áustria e Polônia, mais campos foram construídos nesses países a fim de estarem a serviço da guerra, fossem com o objetivo de construir estradas, fossem para interesses bélicos. Vários campos de concentração foram construídos com o desenrolar da guerra, como mostra Coggiola (2015):

Uma rede de mais de 40 mil instalações na Alemanha e nos territórios ocupados pelos nazistas foi utilizada para concentrar, manter, explorar e matar judeus e outras vítimas. [...] Campos de concentração foram criados; os presos aí enviados eram submetidos a trabalho escravo até morrerem de exaustão ou doenças. Quando a Alemanha ocupou os territórios da Europa Oriental, unidades paramilitares especializadas, Einsatzgruppen, assassinaram mais de um milhão de judeus em

---

<sup>6</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). Guetos. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005059>> Acesso em: 14 de abr. de 2017.

fuzilamentos em massa. Judeus e ciganos foram confinados em guetos superlotados, até serem transportados, através de trens de carga, para campos de extermínio, onde, se sobrevivessem à viagem, a grande maioria era sistematicamente morta em câmaras de gás. (COGGIOLA, 2015, p. 58)

É importante entender que, mesmo antes do início oficial da guerra a ideia dos campos já estava estabelecida, e com o início desta é que os alemães passaram a ver essa mão de obra como também capital bélico. (CARNEIRO, 2007, p. 47 - 48). Uma coisa era certa: quem era apto para o trabalho podia sobreviver, quem não era - e isso assume-se velhos, crianças e deficientes - era enviado para as câmaras de gás.

A Polônia, como explica Carneiro, foi um prato cheio para as experiências do partido Nazista:

A Polônia, invadida por tanques alemães em 1º de setembro de 1939, transformou-se no laboratório da Solução Final. Um mês depois da invasão, Heydrich - chefe da Gestapo - ordenou que os judeus fossem reagrupados nos grandes centros ferroviários e ali concentrados em guetos. [...] A ordem era de que a Prússia oriental, a região de Poznan e a Alta Silésia também fossem limpas de judeus. (CARNEIRO, 2007, p. 48-49)

Até 1942 o pesadelo dos judeus estava garantido. Mas a partir de 1942, nem quem era apto para o trabalho estava salvo. A ideia não era apenas aproveitar da mão de obra dos judeus para a produção e indústria da guerra, mas sim exterminá-los, e então começaram a ser cada vez mais frequentes o uso das câmaras de gás, por exemplo.

Segundo Carneiro (2007), “acredita-se que a ordem do extermínio foi dada por Hitler [...] em 1941, sendo os comandantes das Unidades de Ação Especial encarregados da liquidação dos judeus na Rússia”. Em janeiro de 1942, um eventos reunindo os principais funcionários dos ministérios alemães, foi organizado para discutir isso. Esse evento foi a chamada Conferência de Wannsee, como também explica Coggiola (2015):

Em Wannsee foram de fato feitos levantamentos numéricos dos judeus do toda Europa, inclusive de países neutros, revelando o propósito de aniquilação total, sem respeitar fronteiras ou normas jurídicas de nações não incluídas dentro do Reich. (COGGIOLA, 2015, p. 57)

A partir de então começou a ficar evidente a diferença entre campo de concentração e campo de extermínio. Os campos de extermínio, como já falado, foram decididos a partir da Conferência de Wannsee. O primeiro campo de extermínio foi Chelmno, inaugurado em Warthegau, Polônia, no final de 1941. Nesse campo, o uso do gás começou a ser feito em caminhões onde os judeus eram transportados. O maior campo de extermínio, no entanto, foi o de Auschwitz-Birkenau (também na Polônia), que em 1943, operava quatro câmaras de gás Zyklon B. Estima-se que um milhão de pessoas tenham sido mortas lá. (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM).<sup>7</sup>

É importante lembrar que enquanto tudo isso acontecia, a Alemanha continuava a avançar pelo território do leste europeu e Rússia como explica Carneiro (2007):

À medida que as tropas alemãs avançavam, os massacres aumentavam. Em 22 de julho de 1941, quando Hitler invadiu a União Soviética, dezenas de milhares de judeus desapareceram das cidades de Vilna, Kovno, Riga, Bialystok e Minsk. [...] Foram assassinados na floresta de Ponar, em Vilna, cerca de 20 mil judeus, e, em fins de setembro 34 mil judeus de Kiev. Em Odessa, um dos mais importantes centros judaicos da Ucrânia foram mortos, em outubro, cerca de 19 mil judeus. Estatísticas alemãs indicam que 250 mil judeus bálticos e bielorrussos morreram até essa data. (CARNEIRO, 2007, p. 58)

Foi a partir das Leis de Nuremberg, do Kristallnacht e da perseguição étnica descarada que milhares de judeus foram fuzilados, assassinados, tirados de suas casas e realojados em guetos, humilhados, desassistidos e escravizados. Com o progredir da guerra e o aumento de revéses – inclusive do inverno russo – que a Alemanha ia sofrendo, o objetivo virou um só: “se a guerra não pudesse ser ganha, era preciso ao menos eliminar os judeus da face da Europa.” (COGGIOLA, 2015, p.59).

Como já comentado anteriormente, a parte política e militar da guerra entre os países do Eixo e os Aliados<sup>8</sup> não são de maior importância para esse

---

<sup>7</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). Campos de extermínio: visão geral. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005145>> Acesso em: 14 de abr. de 2017.

<sup>8</sup> Eixo: Japão, Itália e Alemanha; Aliados: Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética. (COGGIOLA, 2015).

trabalho. Mas para efeitos de esclarecimento, é importante lembrar que a guerra acabou em 1945, depois de uma série de invasões do exército vermelho de Stalin aos territórios alemães; retomada da França pelos Aliados, numa ação coordenada popularmente conhecida como “Dia D”; depois disso o avanço do exército americano em direção à Berlim; e por fim, em agosto de 1945, os ataques com bombas atômicas à Hiroshima e Nagasaki, pelos Estados Unidos. Em 2 de setembro de 1945, a guerra estava oficialmente acabada com a rendição do Japão. (COGGIOLA, 2015).

### **8.1.3 CONTEXTO-BRASIL DE IMIGRAÇÃO JUDAICA**

A imigração judaica no Brasil não é fato contemporâneo. Desde a época do Brasil Colônia, a presença de judeus no país é recorrente. No entanto, o período de interesse para esse trabalho será apenas a década de 40, quando a Segunda Guerra Mundial estava acontecendo, e por consequência dessa, o país ganhou certa relevância ao receber os sobreviventes das atrocidades do Holocausto. Para que possamos entender um pouco o papel do Brasil nesse momento específico, é preciso entender a presença judaica no Brasil e as características do povo judeu como nômades até 1948, com a criação de Israel.

A história da imigração judaica no Brasil começa no período da colônia, momento este em que a perseguição religiosa é muito forte em Portugal e na Espanha devido à influência da igreja católica no posicionamento das coroas portuguesas e espanholas. (AVIGDOR, 2010). Muitos dos judeus desses países chegam em terras brasileiras, principalmente na Bahia, com um novo título: o de cristãos-novos (TOPEL, 2005).

Já no século XIX, garantida a liberdade religiosa e com o desenvolvimento comercial e produtivo do Brasil, a imigração desse povo – mas não só deles – se torna algo mais corriqueiro.

No entanto, segundo Decol (2001), foi a partir de 1920, quando Argentina e Estados Unidos começam a estabelecer políticas de restrição para alguns grupos, que a imigração judaica se intensifica no Brasil. Para entender como isso pode ter afetado o Brasil, podemos considerar o momento de restrição à esse e outros povos nos EUA, que compreende de 1917 a 1924 – período este em que,

como já mencionado, houve uma onda migratória dos judeus para terras brasileiras.

Segundo Decol (Lestschinsky, 1961; Wischnitzer, 1948 *apud* Decol, 2001), nas duas primeiras décadas do século XX, estima-se que 50 mil judeus tenham vindo para o Brasil. Isso principalmente por causa do desenvolvimento comercial e produtivo do Brasil. Curiosamente, nos dados censitários do IBGE de 1940<sup>9</sup> há uma categoria curiosa: “israelitas”, ou melhor dizendo, judeus. Nesse censo, seriam quase 56 mil judeus vivendo no país, ou seja, esse povo já tinha alguma relevância por aqui.

Conectando as décadas de 1920 e 1940 estão dois fatos relevantes a serem considerados como consequência e causa, respectivamente, da imigração judaica nesse período: As políticas getulistas de imigração, em 1930; e a Segunda Guerra Mundial.

Nos anos 40, a Segunda Guerra Mundial é fato extremamente relevante para a vinda de sobreviventes judeus para o país. Com o fim da Guerra, em 1945, o apoio da população local ao Nazismo tornava inviável a permanência e reconstrução da vida nesse ambiente ainda muito hostil, já que a ideologia antissemita estava incutida no povo – isso é válido para os países de parte do Centro e Leste europeu.

A partir de 1945, muitos judeus do leste europeu saíram de suas terras, e buscaram asilo em países do oeste da Europa (países Aliados) e América, especialmente, Estados Unidos, Brasil e Argentina (DECOL, 2001). No Brasil, a onda migratória de judeus no pós-Guerra durou até, aproximadamente, 1950, quando o Estado de Israel já estava estabelecido. Isso aconteceu em um período em que o país passava por um processo de industrialização e modernização, que foi um dos gatilhos para que os judeus se integrassem à sociedade, como explica Sorj (2008):

---

<sup>9</sup> CENSO DEMOGRÁFICO 1940. Censo demográfico: população e habitação. Rio de Janeiro: IBGE, 1950. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII\\_Brasil.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf)>. Acesso em: 10 de set. de 2016.

A década de 50 no Brasil caracteriza-se, na lógica de integração dos judeus à sociedade brasileira, como a “idade de ouro” da segurança dos membros desse grupo. Economicamente o país atravessava uma fase de grande expansão industrial e dinamização urbana atendendo aos anseios de uma classe média de identidade cada vez mais fortalecida. As oportunidades de ascensão social, via mercado, tornavam-se cada vez mais nítidas, sobretudo para profissionais habilitados e de formação superior. Politicamente, o país respirava ares de democracia não apenas através de sua dinâmica político-institucional, como também através da diferenciação e de disputas entre grupos de interesses, revelando timidamente a formação de um cenário pluralista. (SORJ, 2008, p. 100)

Além disso, os judeus que vinham do Leste da Europa – onde a ideologia nazista se espalhou e onde o Holocausto e os campos de trabalhos forçados tomaram lugar – já eram naturalmente mais inseridos na sociedade daqueles países, e portanto, essa não seria uma adaptação brusca, como afirma Topel (2005):

Entre 1900 e 1950, várias ondas migratórias judaicas se estabelecem em São Paulo, formadas basicamente por pessoas provenientes da Europa Central e Oriental. Todavia, à diferença dos judeus da África do Norte, os judeus ashkenazitas<sup>10</sup> estiveram fortemente influenciados pelos ideais da Revolução Francesa – tanto no que diz respeito ao contexto social maior em que estavam inseridos, quanto à visão de mundo judaica pós-Hascalá<sup>11</sup> que, em maior ou menor grau, tinham se difundido pela Europa toda. Assim, ainda que as primeiras instituições judaicas fundadas em São Paulo tenham sido sinagogas tradicionalistas calcadas nas sinagogas europeias, esse judaísmo – já em franca decadência na Europa – não ganhou a força necessária para prolongar-se muito além da primeira geração. (TOPEL, 2005, p. 189)

Por isso, entende-se que além das questões de língua, clima, alimentação e algumas outras coisas, a adaptação desse povo não foi difícil, e eles conseguiram se integrar à sociedade brasileira muito bem, muitas vezes até como se fosse sua própria cultura.

#### **8.1.4 POVO DAS DIÁSPORAS**

---

<sup>10</sup> Segundo Topel (2005) Ashkenazitas são judeus provenientes da Europa Central e Oriental

<sup>11</sup> Iluminismo Judaico na Alemanha do século XVIII.

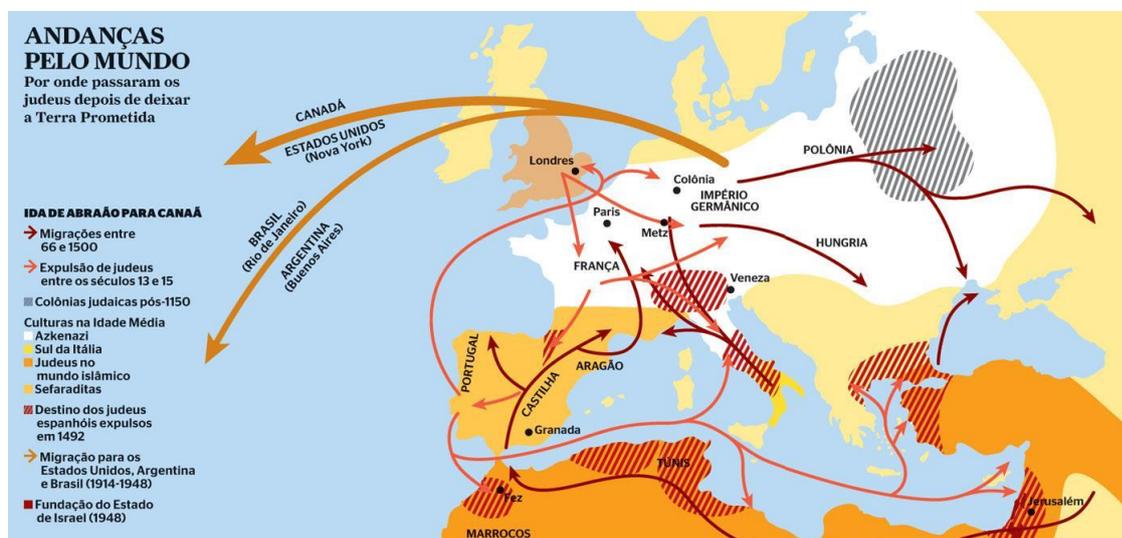
É importante para a qualidade deste trabalho entendermos questões históricas profundas do povo judeu – questões estas que tenham alguma relação final com a imigração judaica em São Paulo.

Um ponto determinante para entendermos as características “nômades” do povo até, pelo menos, a criação do estado de Israel, é a Diáspora judaica.

Há registros desde a Idade Média nesses países em que havia perseguição dos judeus por motivos religiosos, políticos e até mesmo econômicos – esse último a partir da criação da burguesia e da forte presença dos judeus nesse estrato social. Essa questão do preconceito contra os judeus e a falta de uma terra própria que unifica-se o povo, fez deles um povo errante, que se espalhou por diversos países e facilmente se mobilizavam para outros dependendo das condições do país de origem natural ou do de destino. (PÓVOA, 2007).

A segunda Diáspora judaica aconteceu por volta de 70 d.C, com a destruição de Jerusalém pelos romanos. Esse fato forçou os judeus a mudarem de região, e em grande parte migraram para países da Ásia menor, Norte da África e Sul da Europa (PÓVOA, 2007). As comunidades judaicas do Leste Europeu ficaram conhecidas como Ashkenazi, e as comunidades da península ibérica eram conhecidas como Sefardim (PÓVOA, 2007).

Esses dois eventos são apenas os historicamente mais importantes para entender a mobilização da comunidade judaica de um lugar para outro. No mapa abaixo, as rotas da comunidade divididas por período:



Fonte: Diáspora: Descubra como os judeus se espalharam pelo mundo.  
Disponível em: <<http://origin.guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/diaspora-descubra-como-judeus-se-espalharam-pelo-mundo-743351.shtml>> Acesso em: 13 de nov. de 2016

De acordo com Decol (2001), no contexto de imigração judaica do Brasil, a vocação urbana da comunidade desde a Antiguidade fez com que alguns polos mais urbanos e desenvolvidos como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre fossem buscados por esse povo.

Em São Paulo, bairros centrais como o Bom Retiro, foi ponto de concentração inicial desse povo que, segundo Rattner (1977), começou a migrar para bairros de classe média e mais afastados como Higienópolis, demonstrando um distanciamento com a tradição – já que a comunidade judaica que começou a chegar no começo do século XX estava lá – e maior assimilação da cultura local (isso, especialmente a partir da década de 70).

Rattner (1977) observa que, a partir dos anos 70, há um fluxo maior da classe média alta judaica para bairros mais residenciais, de alto padrão, como Higienópolis, Jardins e Consolação. Nesse período essa “fragmentação” socioeconômica da comunidade ficou mais evidente.

A complexidade do povo judeu – que transita entre praticantes da religião judaica ou apenas membros do grupo étnico-social judaico – é um dificultador para mapear o que, de fato, foi assimilado da cultura brasileira, comparar com o que foi trazido por eles depois da onda migratória da década de 40, e quais as características categóricas da comunidade judaica paulistana, considerando que entre religião e grupo étnico há um abismo, já que há frentes ortodoxas fervorosas da religião – os quais, portanto, não se misturaram em nada com a cultura local; os judeus por hereditariedade – os quais podem, inclusive, ter outra religião; e até mesmo os sobreviventes do holocausto, em sua grande maioria *ashkenazitas*, com um posicionamento filosófico muito mais aguçado do que os *sefaraditas*, que em sua maioria chegaram ao Brasil antes da Guerra. (PÓVOA, 2007). Esse fato torna-se relevante quando levado em consideração as porcentagens desses dois grupos em São Paulo:

Decol nota a proporção de ashkenazita e sefaraditas na comunidade paulistana em ocasião desta pesquisa [cadastro na Federação Israelita do Estado em 1979]; cerca de 77,2% dos judeus não naturais do

Estado de São Paulo eram ashkenazitas, enquanto 22,8% eram sefaraditas. (DECOL, 1999 *apud* AVIGDOR, 2010, P. 105)

Sobre os números e as nacionalidades dos judeus em São Paulo, Avigdor (2010) revela:

Em 1979, foi feito um novo cadastro na Federação Israelita do Estado, desta vez organizado por ano de chegada e região/continente de origem, desde 1901 até 1979, a maioria, 53% originados da Europa Oriental: Polônia, Romênia, Rússia, Hungria, Lituânia, Bessarábia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Bulgária, Letônia e Ucrânia. Se a estes acrescentarmos os imigrantes da Europa Central: Alemanha e Áustria somam-se mais 12,8%. Oriundos da Ásia 22%, América 6% e Europa Meridional/Ocidental 4,5%. (AVIGDOR, 2010, p. 105)

Entendendo que a maioria dos sobreviventes do holocausto eram ashkenazitas e provenientes do centro e leste europeu, considera-se que a Segunda Guerra Mundial, e mais especificamente o Holocausto tiveram bastante peso na composição da comunidade paulistana judaica. Assumindo, portanto, que vieram para o país em condições bem adversas, trazendo consigo suas próprias histórias desse episódio da história. E que se estão aqui é porque encontraram condições para estabelecerem e construir suas vidas, fosse no âmbito familiar, econômico, religioso, social, ou qualquer outra esfera de suas vidas pessoais.

## **8.2 DOCUMENTÁRIO**

### **8.2.1 CONCEITO: DIFERENÇA ENTRE FICÇÃO E NÃO-FICÇÃO**

Já na introdução do livro “Introdução ao documentário”, Nichols (2001) começa com uma afirmação bastante complexa e que norteia as premissas sobre a categorização de documentários no decorrer desse trabalho:

Essas diferenças [entre documentário e ficção], [...] não garantem uma separação absoluta entre ficção e documentário. Alguns documentários utilizam muitas práticas ou convenções que frequentemente associamos à ficção, como, por exemplo, roteirização, encenação, reconstituição, ensaio e interpretação. Alguns filmes de ficção utilizam muitas práticas ou convenções que frequentemente associamos à não ficção ou ao documentário, como, por exemplo,

filmagens externas, não atores, câmeras portáteis, improvisação e imagens de arquivo. (NICHOLS, 2001, p. 17)

Ainda provocando esse dismantelamento da certeza sobre o que é documentário e quais as características deste, João Moreira Salles<sup>12</sup> (2005, p.57-58), faz coro ao dizer que o documentário não tem “um cardápio fixo de técnicas, nem [...] um número definido de estilos” porque não conta com a estabilidade da indústria, como acontece com o cinema ficcional. Porém, Fernão Ramos (2013, p.25), e Nichols (2001), enumeram alguns recursos comumente usados em documentário, como: presença de locução (voz *over* ou voz de Deus), câmera na mão, roteiro aberto, entrevistas, gravação de som aberto, uso de atores sociais ou pessoas normais e reais como personagens principais.

Esse trabalho propõe-se a discutir a fluidez do conceito a fim de encontrar fatores comuns a esse gênero para que se delimite sua abrangência mesmo que às definições de documentário sejam dadas o benefício da imprecisão, como aponta Nichols (2001):

A definição de “documentário” é sempre relativa ou comparativa. Assim como amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda. (NICHOLS, 2001, p. 47)

Nichols (2005, p. 54) pontua que além das características técnicas comuns ao gênero, comentadas anteriormente, os documentários têm também a pretensão informativa, que têm uma lógica de apresentar o problema, dar o contexto informativo, fazer uma análise e por fim, muitas vezes, apresentar uma solução.

Mesmo apresentando esses aspectos comuns, para Nichols (2001), a dificuldade da conceituação de documentário se dá principalmente porque este não é uma reprodução da realidade, mas sim uma “representação do mundo em que vivemos”, condicionada a uma específica visão de mundo que compete a

---

<sup>12</sup> Salles, João Moreira. “A dificuldade do documentário”. In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby, Novaes, Sylvania (orgs.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2005, p.57-71.

quem faz o documentário, apesar de que “os documentaristas compartilham o encargo, autoimposto, de representar o mundo histórico em vez de inventar criativamente mundos alternativos” (NICHOLS, 2001, p. 53). O autor também coloca que, essa ideia da representação da realidade não confere menos responsabilidade e seriedade ao documentário, mesmo estando condicionada à subjetividade, linguagem, direção de quem o faz.

Porém, Salles (2005, p.58) apresenta um outro lado disso: é importante para a natureza do documentário que o espectador tenha fé no “realizador” – ou seja, que ele acredite nas coisas que são ditas, nos fatos históricos apresentados, nos personagens da história. Sem isso, não há fundamento para o documentário. Portanto, assume-se que o documentário, apesar da dificuldade de conceituação e da reprodução cem por cento fiel da realidade por causa da subjetividade do autor, há um fundamento imprescindível que é a confiança que o “realizador” diz a verdade para o espectador.

Ambos Nichols (2001) e Salles (2005) apresentam uma provocação em relação às instituições como parte da discussão sobre o conceito de filmes do gênero documentário. Por exemplo, se uma empresa define um filme como documentário, este não necessariamente precisa da aprovação, ou “filtro” da crítica ou do espectador. Ele simplesmente nasce como produto da indústria, assim como os filmes “hollywoodianos” nascem como produtos de Hollywood (NICHOLS, 2001, p. 50). Ambos se baseiam em casos como por exemplo, History Channel, Discovery Channel, 60 minutos, da rede CBS, para basear a ideia de que a procedência de um documentário tem peso para defini-lo como tal: “saber de onde vem um filme ou vídeo ou em que canal ele é exibido é um importante indício de como devemos classificá-lo” (NICHOLS, 2001, p. 50).

Somado a isso, segundo Ramos (2013, p. 25) “o documentário [...] é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário”. Isso quer dizer que não só a indústria ou características estilísticas de padronização de uma obra que busque uma relação real com o mundo histórico/não ficcional, tem peso na conceituação, mas, de alguma forma, a própria intenção do autor de representar a realidade (RAMOS, 2013, p. 22).

Aqui, mais uma vez, a fronteira entre ficção e não-ficção não é fácil de ser estabelecida porque, apesar de isso soar com alguma estranheza, como já falado, há uma certa liberdade para utilizar recursos de ficção na narrativa documental. Por exemplo, em seu artigo, Salles (2005), faz uso de um diálogo<sup>13</sup> que ocorreu nas gravações de *Nanook do Norte*, de 1922, o primeiro documentário de que se tem notícia, que fala sobre a vida de esquimós. Nesse diálogo, o autor daquele filme diz: “Você e seus companheiros sabem que talvez tenham que deixar de matar o animal, caso isso interfira com o filme?” – ao passo que recebe a resposta: “sim, sim. A filmagem vem em primeiro lugar”. Apesar disso, segundo o Salles (2005), esse é, de fato, o primeiro documentário da história. Isso significa que mesmo que tenha existido uma interferência explícita do diretor do documentário, a própria natureza da proposta daquele produto não o desqualifica.

De acordo com Salles (2005, p.62), “o que faz um filme ser um documentário é a maneira como olhamos para ele; em princípio tudo pode ou não ser um documentário, dependendo do ponto de vista do espectador”. Isso é considerado com ressalvas já que filmes de ficção serão sempre filmes de ficção e documentários serão sempre documentários. Segundo Salles (2005, p. 62), o que pode acontecer é, por exemplo, ao estudar a vida de Judy Garland ou técnicas vocais de atrizes norte-americanas, o *Mágico de Oz* “possa ser analisado como documentário” (SALLES, 2005, p.62). Isso porque dentro dos contextos exemplificados, o filme seria um material documental da atuação da atriz ou de como os musicais americanos eram roteirizados, por exemplo.

Ramos (2013, p.24) apresenta um endosso para essa ideia de que o espectador é parte importante da definição do que é documentário. No entanto, o autor acrescenta um aspecto importante no caso da ficção, que é a relação do espectador com a narrativa, a ponto de que este se engaje no universo imaginativo:

---

<sup>13</sup> Flaherty *apud* CALDER-MARSHALL, Arthur. *The innocent eye: The life of Robert j. Flaherty*. New York, NY: Harcourt, Brace & World, 1963, p.80. *apud* Salles, João Moreira. “A dificuldade do documentário”. In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby, Novaes, Sylvia (orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2005, p.57-71.

Quando vemos um filme de ficção, nos propomos a nos entreter com um universo ficcional e seus personagens [...]. *Entreter-nos* com um universo ficcional significa estabelecermos (entretermos) hipóteses, relações, previsões sobre os personagens, suas personalidades e ações verossímeis que lhes cabem, e com eles estabelecer empatias emotivas [...]. Na maioria dos casos, o espectador sabe de antemão estar vendo uma ficção ou documentário e estabelece uma relação com a narrativa em razão desse saber. (RAMOS, 2013, p.24)

Sendo a ficção uma teia narrativa conduzida pelo autor, seria o documentário um registro? Não só. Segundo Salles (2005, p.63), o registro é apenas registro. O documentário “é uma história construída, de rija ossatura dramática, que pega o espectador pela mão e o leva fábula adentro, até a conclusão final” (SALLES, 2005, p.63). Ou seja, em certo grau o documentário também depende de “imaginação autoral”, narrativa, “interferência”, seja no processo de gravação ou na montagem final.

Então aqui estabelece-se o limite conceitual – mas sempre considerando a fluidez desses limites – entre documentário, ficção e registro. O primeiro tem respaldo no mundo histórico em situações reais, talvez recorrentes, que são contadas através da visão do autor do documentário, incumbido da narrativa na qual essa história estará embasada; o segundo é uma narrativa imaginária, que leva o espectador para um mundo e uma realidade que não existem fora da tela; o terceiro equivale a fitas caseiras familiares, por exemplo, porque não tem a pretensão de contar um contexto, mas sim, momentos, e não tem interferência autoral.

Isso que está sendo proposto é uma tentativa para que se possa pensar no documentário como uma ferramenta livre de contar o mundo, a História, o cotidiano ou os fenômenos através do formato audiovisual, mesmo que este tenha alguns aspectos ficcionais, já que isso não invalidaria o produto como a representação da realidade. Essa ferramenta é permeada por uma linha de pensamento, uma narrativa, um olhar particular atento para uma determinada realidade.

### **8.2.2 TIPOS DE DOCUMENTÁRIO**

Assumindo essas incertezas como base para esse capítulo, agora é possível falar sobre os tipos de documentário. Nichols propõe a divisão do gênero em: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Essas definições clássicas são importantes para entender documentário, mas nesse trabalho, serão trabalhados apenas os conceitos que cabem no produto proposto, que são os subgêneros expositivo e participativo.

Para Nichols (2001, p.142), o modo expositivo tem uma proposta mais retórica e argumentativa de contar uma história, do que estética e poética. O autor caracteriza o subgênero expositivo da seguinte maneira: “[O modo expositivo] dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (NICHOLS, 2001, p.142). Nesses tipos de documentário, é comum que se use a Voz de Deus (ou *voz over*), um tipo de recurso que enfatiza a narrativa através do discurso. Para Nichols (2001, p. 143), nesse modelo, as imagens têm papel secundário, “elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito”.

O modo expositivo tem uma característica de parecer mais objetivo e com argumentos bem embasados, segundo Nichols (2001), embora nesse subgênero haja mais possibilidades na montagem das imagens para dar suporte ao discurso narrativo. Ou seja, o discurso atrelado às imagens dá força para a ideia de uma verdade sendo exposta, mesmo que as imagens tenham o objetivo de dar força para o discurso e não o discurso para a imagem.

Para o produto apresentado, são usados depoimentos de personagens com pequenos momentos de narração para dar as impressões sobre os personagens e, algumas vezes explicar o que está sendo falado. Portanto, este recurso é usado para dar as impressões das entrevistas, e não para reforçar a narrativa dos depoimentos, ou seja, a ideia é falar sobre a experiência de entrevista-los e não narrar os acontecimentos da Guerra. Inclusive, a questão dos depoimentos será melhor trabalhada no tópico “história oral”, para que seja possível entender em quais dimensões as falas desses personagens assumem força de informação, e portanto, de documentação histórica a partir de seus depoimentos.

O outro tipo de documentário que se encaixa no formato adotado para o produto é o participativo, principalmente devido a proposta de passar impressões e a maneira como cheguei aos personagens.

Ao falar sobre o modo participativo, Nichols (2001), faz alusão à similaridade com a antropologia, se valendo da prática da observação e interação in loco para isso, como ele descreve:

“Estar presente” exige participação; “estar presente” permite observação. Isso quer dizer que o pesquisador de campo não se permite “virar um nativo”, em circunstâncias normais; ele mantém um distanciamento que o diferencia daqueles a respeito de quem escreve. (NICHOLS, 2001, p.153)

No entanto, Nichols (2001) observa que a antropologia tem seus métodos e práticas particulares. Já o modo participativo “dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera” (NICHOLS, 2001, p.153). Essa ideia entra em contraste com, por exemplo, o modo observativo em que o documentarista mostra como é uma realidade, mas “sem a noção do que é [...] estar lá também” (NICHOLS, 2001, p.153).

Portanto, em termos de “meio” pelo qual o discurso se dá nesse produto, o recurso adotado chamado “voz de Deus” faz parte do subgênero Expositivo. No entanto, o conteúdo desse discurso, que diz respeito às impressões da entrevista e a maneira como essa se desenrolou tem mais similaridades com o subgênero Participativo.

### **8.2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADE JORNALÍSTICA E HISTÓRIA ORAL**

Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV)<sup>14</sup>, História Oral se caracteriza como uma metodologia de pesquisa que se dá através de gravação de depoimentos

---

<sup>14</sup> O que é História Oral. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 21 ago. 2017

de pessoas para que se possa entender aspectos da vida e da história contemporânea. Esse método começou a ser usado depois da invenção do gravador, portanto, por volta dos anos 50. A primeira pessoa de que se tem notícia que começou esse método foi o jornalista e historiador da Universidade de Columbia, Allan Nevins. A partir disso, criou-se o Oral History Research Office da Universidade, o primeiro centro acadêmico a estudar esse método, com a intenção de documentar as histórias de grandes homens dos Estados Unidos (RODRIGUES et. al., 2010, p. 224).

“Reza a lenda” que Nevins tenha começado a pensar nessa alternativa por causa da sua preocupação com o uso do telefone na atividade jornalística. Sendo isso verdade ou não, o fato é que, quando se trata de História Oral, Jornalismo e História se misturam, talvez não com a mesma pretensão final, mas definitivamente com um fundo intencional muito parecido: documentar e contar a história de pessoas.

Dentro do âmbito da História Oral, há muitas divergências, relacionadas a efetividade e precisão do método, e em muitos casos, até mesmo ao termo. Esse trabalho não explora profundamente a discussão sobre a ferramenta, mas sim propõe uma breve reflexão sobre a similaridade entre o Jornalismo documental e História Oral.

De início a entrevista (recurso vital para a atividade jornalística) é um recurso usado por ambos os lados com a intenção de saber algo através de depoimentos pessoais sobre determinado tema, como explica Ribeiro (2015):

As entrevistas podem ser extremamente úteis na obtenção de dados sobre o passado inexistentes em arquivos e em documentos de outra natureza, como os escritos, os iconográficos e os audiovisuais. Os depoimentos ajudam a recuperar informações sobre fatos e processos que só podem ser conhecidos pela narrativa daqueles que os viveram diretamente ou daqueles que os presenciaram de alguma maneira. (RIBEIRO, 2015, p. 75)

Essa é uma consideração importante quando levado em conta que as fontes jornalísticas (com exceção das que são especialistas) são pessoas que, na maioria das vezes, falam de seus próprios testemunhos em determinada situação. Esse é um recurso útil para a História e para o Jornalismo para que, como afirma Garrido (1993, p. 33. *Apud SELAU, 2004*) o uso de fontes orais

permita uma interpretação mais completa e subjetiva de determinado fato. Perazzo (2015) também enfatiza isso e explica que o método da História Oral não supõe que os depoimentos sejam totalmente precisos, mas, mesmo assim, eles podem ser evidência histórica:

Os métodos da História Oral oferecem um suporte metodológico nos estudos da memória e das narrativas orais de história de vida, e também possibilitam a compreensão de processos comunicacionais e sua intersecção com a cultura. Cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo. (PERAZZO, 2015, p.123)

Sob esse ponto de vista, esse produto tem como principal missão revelar as memórias de personagens que, de alguma forma, são eles próprios não só fontes, um documento vivo sobre determinado fato histórico, mas fontes para um relato de memória do que aconteceu na Segunda Guerra Mundial com os judeus. De encontro a isso, Thompson (2000) explica o fato de a História Oral não contemplar apenas uma questão de “memória seletiva da História”, mas de serem memórias pessoais, privadas. Isso é importante de se reforçar porque a História Oral está sempre fluindo entre o pessoal e o histórico:

Ela [História Oral] permite acesso à experiência não documentada - inclusive as vidas de líderes que ainda não escreveram suas autobiografias - e, mais importante, às "histórias ocultas" dos marginalizados: trabalhadores, mulheres, indígenas, minorias étnicas e membros de outros grupos oprimidos, ou excluídos. Elas oferecem uma rica evidência sobre os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais, de eventos passados: qual a sensação de casar-se, de estar na linha de fogo, de enfrentar a morte em um campo de concentração. (THOMPSON, 2000, p.51 in: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p.)

E isso, propõe-se nesse trabalho, não diz respeito apenas a atividade dos historiadores, mas também do Jornalismo que tem o viés de documentação, e mais do que isso, o viés de informar a sociedade sobre questões que envolvam pautas relevantes para esta, e entenda-se por pautas relevantes tudo o que

envolve, além de muitas outras coisas, dar voz para minorias étnicas, sexuais ou de qualquer outro tipo, como explica Perazzo (2015):

Os estudos de Comunicação, recentemente, têm dado especial atenção a essa questão [história oral], que se associa aos estudos da memória como tema, objeto de estudo ou método teórico, ganhando cada vez mais a atenção dos estudiosos preocupados com as questões que envolvem a cultura, a recepção, as comunidades, as linguagens e as tecnologias. A metodologia da História Oral é considerada um campo interdisciplinar e está baseada na interação humana, que contempla as narrativas dos indivíduos/sujeitos sociais e que permite inovações e ampliações nos estudos da Comunicação. (PERAZZO, 2015, p. 123)

No entanto, na grande maioria das vezes, o Jornalismo tem um apelo mais imediato do que a História – o uso das entrevistas com as fontes é feito para falar de uma situação atual, nova ou algum que tem a ver com a agenda midiática. Isso muda ao falar de outros produtos editoriais, como o documentário, o livro-reportagem e, até mesmo, em alguns casos, as grandes reportagens.

A questão então passa a ser não só relacionada a notícia, mas também ao fato de pensar editorialmente um “produto-documento” sobre a História ou uma história para a valorização da memória, como explica Ribeiro (2015):

Em relação ao mercado editorial, as biografias e outras publicações de cunho memorialista (como coletânea de cartas, diários íntimos e livros de memórias) constituem um filão muito bem-sucedido. [...] Esse fenômeno, que também ocorre em vários outros países, tem a ver com a valorização das lembranças individuais, da biografia, do relato pessoal e do papel do sujeito na história. (RIBEIRO, 2015, p. 76)

Ribeiro (2015, p.76) chama atenção para o fato de que a “cultura da memória”, preservação e resgate desta, influenciam os hábitos de consumo de informação de quem vive nessa cultura. Entendendo que essa “cultura da memória” existe como um componente que povoa o imaginário de toda uma sociedade, os depoimentos apresentados qualificam o produto apresentado no sentido de ser interessante e válido.

Entende-se nesse trabalho que o papel da História está garantido pela própria instituição “História” e pela importância do conhecimento. No caso do Jornalismo, cabe a este, paralelos, interpretações, vieses, para fim de

contribuição do entendimento da sociedade sobre temas novos ou velhos, que tenham impacto no passado, presente ou futuro.

O método da História Oral permite que as atividades de ouvir, transmitir, publicar e veicular histórias – sejam elas de importância histórica ou apenas para contar situações cotidianas para falar sobre a realidade do que acontece no mundo, na vida, na sociedade – sejam, por si só, uma confirmação do papel social do Jornalismo e de sua prática.

É muito importante entender que essa diferenciação não confere grau de importância às duas atividades (Jornalismo e História), como se o Jornalismo fosse a chave de interpretação da História, ou vice-versa. São apenas maneiras de se fazer isso. Portanto, esse trabalho busca, através da “História Oral”, trazer um viés importante, uma interpretação da grande história de vida de duas pessoas.

### **8.3 PERSONAGENS**

#### **8.3.1 RITA: CRIANÇA JUDIA NO MEIO DA GUERRA**

Minha mãe pegou um livro emprestado sobre a Segunda Guerra Mundial. “Lê, achei esse livro sua cara, uma amiga do trabalho que me emprestou”, me disse assim que deu o livro na minha mão. Ela sabia que eu gostava de livros de guerra, ainda mais quando se tratavam de histórias reais.

Li. Não foi para mim (e nem deve ser para você) uma surpresa saber que eu gostei. Não que tenha sido algo novo, revelador, que tenha me ensinado algo sobre a Segunda Guerra Mundial. Mas, de certa forma, me ensinou tudo sobre a guerra, sim. Esse livro era “Memórias de uma vida”, escrito e publicado de forma independente pela senhora Rita Braun, em 2008. Acontece que, ao terminar o livro, encontrei o número de telefone dessa senhora, escrito com uma letra um pouco tremida na última página. O número não podia ser o mesmo... Podia? Tentei. Ela atendeu.

Isso foi em 2014. Eu estava começando a faculdade de Jornalismo. E, decidi gravar essa entrevista porque, por mais cruel que isso possa parecer, talvez, nem eu, nem ninguém mais tivesse muito mais chances como essa. Toda essa história é importante porque, além de ser incomum, norteou um pouco a minha relação com a Rita e, futuramente, com o Júlio. Uma relação profissional e objetiva, mas também de carinho e admiração.

Nessa primeira entrevista em 2014, Rita estava com 84 anos. Há 2 anos não dirigia, há um pouco mais do que isso o marido tinha falecido. Ela recebeu a mim e meus colegas da forma mais solícita e amistosa possível. Rita é polonesa, e eu atribuo um pouco da sua personalidade forte e “sem rodeios” a isso. Foram algumas horas de conversa comigo e mais quatro colegas estudantes (entre amigos e pessoas do audiovisual), e umas boas duas horas e meia de gravação.

Terminamos todos extasiados tanto com a nossa primeira experiência de “campo”, quanto com as histórias de Rita, que provoca uma certa tristeza em quem a ouve. Mas ela não é assim. Rita é inabalável enquanto fala sobre o que passou.

Essa senhora nos disse que a Guerra começou quando ela tinha 9 anos de idade. “Menina feliz”, “amada e não mimada”, como faz questão de dizer. Neta, sobrinha e filha única de judeus poloneses modernos. Frequentava escola, cinema e adorava dançar. Seus pais eram separados, mas, segundo ela, faziam de tudo para que a sua infância fosse a mais normal possível.

É importante saber que o antissemitismo já existia na Europa e no começo da Guerra as coisas ainda estavam “normais”, até que, de fato, tudo mudou e ficou insustentável para os judeus. Mas antes disso, inclusive, Rita viveu sob domínio russo, o qual, ela conta, não era violento, mas era opressor.

Rita passava as férias com o pai, a madrasta e o irmãozinho quando o exército alemão tomou conta da região onde estavam. Não se podia mais viajar, trabalhar nos antigos empregos, andar sem a faixa com o bordado de estrela de Davi. Rita, criança, sentia falta da mãe. Um dia, todos foram convocados a entrar em caminhões pois seriam realocados. Ela, seu pai, madrasta e irmãozinho

estavam na fila quando um senhor polonês católico apareceu com uma carta da dona Marisia, mãe de Rita, que pedia, na carta, para que ela fosse com esse senhor. O pai de Rita deixou ela decidir o que queria fazer, e por mais que estivesse triste com isso, Rita decidiu voltar para a mãe. Aquela foi a última vez viu seu pai. Anos depois, ela descobriu que ele foi para um campo de concentração e não sobreviveu. Quanto ao seu irmãozinho, Rita não tem nem ideia do que pode ter acontecido.

Depois disso, Rita e sua família tiveram que se mudar para o gueto de Varsóvia. Toda sua família, incluindo avós e tios, moravam lá. As condições eram deploráveis. Rita contraiu tifo, piolhos e passou fome. Seus familiares eram obrigados a trabalhar por horas a fio, sem dinheiro para comprar comida e roupas.

Aos poucos, o curso da Guerra foi mudando e as aspirações do Reich também. Os judeus já não eram mais considerados para o trabalho. Os guetos começaram a ser liquidados e os judeus enviados para campos de concentração com um único objetivo: a morte.

Rita, sua mãe e seu padrasto fugiram do gueto e passaram a viver na clandestinidade. No meio da nossa conversa, ela nos contou que, quando nasceu, sua mãe ficou muito triste por ter dado à luz uma menina, mas nos tempos de Guerra a sra. Marisia agradecia a Deus por não ter uma criança circuncidada.

Os três tinham documentos falsificados (apesar de o padrasto ficar escondido por causa de sua circuncisão) e moravam em uma casinha fingindo serem poloneses católicos. Esse foi um período em que chegaram a ser presas, se passaram por esposa e filha de soldado, tiveram que se esconder de bombardeios e viver sempre aterrorizadas com a possibilidade de um militar alemão de qualquer patente ou mesmo vizinhos desconfiarem de suas identidades. Depois da Guerra, a família de Rita decidiu vir para o Brasil porque um dos tios tinha vindo conhecer o país antes da Guerra e não podia mais voltar para a Polônia.

Chegaram no Brasil, no porto de Santos, em 1946, a bordo de um navio com mais sobreviventes judeus. Seus documentos falsificados atestavam conversão ao catolicismo porque, como muitos judeus fazem questão de dizer, a época de Getúlio não era a mais receptiva com esse povo.

Nossa entrevista de 2014 estava acabada. Fomos convidados a tomar chá e biscoitinhos, olhar fotos, tirar fotos e, ainda por cima, recebemos exemplares de seu livro.

Em 2016, já sabendo sobre o TCC e o que eu gostaria de fazer, decidi entrevistar a Rita de novo para gravar em vídeo seu depoimento, com a ajuda de um amigo de Rádio e TV. Dessa vez, ela estava com 86 anos. E surpreendentemente, muito mais melancólica e entediada.

Isso não é uma crítica a querida Rita. Mas conhecendo-a em 2014 e comparando com esta entrevista, percebi o quanto ela mudou em apenas dois anos. Rita já não se lembra das coisas em ordem cronológica e parece perceber que isso está acontecendo. Por diversas vezes durante a entrevista, ela se lamentou por não ter muito claros os fatos. E principalmente, Rita sente falta do marido, o sr. Maurício, de quem fala com muito orgulho e carinho. Antes de ligarmos as câmeras, batendo papo, conversando sobre a outra entrevista, os olhos de Rita se encheram de lágrimas ao comentar sobre o esposo.

Mesmo assim, como antes, ela fez questão de que nos sentíssemos à vontade, perguntou das nossas famílias, perguntou sobre o cabelo do meu amigo (um cabelo enrolado bem alto com dreads – para Rita, isso foi uma novidade com a qual ela se divertiu bastante). Essa foi a primeira vez que ela viu um cabelo assim. Interessada como é, pediu para tocar o que ela chamou de “cachinhos” e perguntou se a mãe do meu amigo aprovava aquilo. Ele não se ofendeu. Nós dois nos divertimos com a curiosidade de Rita. Ela é daquele tipo de pessoas que fala o que quer e você só aceita porque sabe que não há nenhum tom de julgamento e arrogância.

Algum tempo depois entrei em contato com Rita, mas ela ficou um pouco mais relutante em me receber para as entrevistas. Apesar de muito educada sempre, ela tem evitado dar mais declarações e entrevistas sobre sua vida.

Descobri por coincidência conversando com o Julio Gartner, que ela não está mais dando palestras tão frequentemente por causa de sua memória e de um episódio em que se sentiu bastante desconfortável. Era um dia de palestra normal em uma escola particular na região da Avenida Paulista. Rita não conseguiu continuar um raciocínio, e isso a deixou bem insegura desde então.

Sobre sua vida no Brasil, Rita me contou que a vida foi bem comum. Casou nos anos 50, teve dois filhos, amou o marido até o último dia de vida dele (aliás, ela o conheceu bastante nova e, inclusive, quase casou com o Julio, o outro entrevistado desse trabalho). A mãe viveu com ela até o fim da vida, e as duas sempre foram muito amigas.

### **8.3.2 JULIO: DO ESCONDERIJO AO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO**

Conheci o Sr. Julio Gartner através da Rita. Sempre tentei ir atrás de outros sobreviventes, mas a falta de tempo, interesse deles ou mesmo percalços da vida atrapalharam as entrevistas. Cada nova vez que ia até a casa da Rita, ela me passava um nome diferente. O Julio foi o último nome que me indicou e, a essa altura, já não tinha muitas esperanças. Foram muitas recusas e dois deles, o senhor Benjamin Abraham e a senhora Ala Gartner, cunhada de Julio, faleceram no meio desse processo de produção.

Liguei e ele atendeu prontamente. Com a mesma objetividade de Rita, Julio me perguntou o que eu queria, do que precisava e quando queria visitá-lo. Decidimos marcar no dia 20 de agosto de 2016, que era, coincidentemente, o mesmo dia da final de futebol entre Brasil e Alemanha, na Olimpíada do Rio de 2016. Ele convidou a mim e dois colegas que estavam comigo a assistir ao jogo com ele e depois fazer a entrevista. Achei a ideia divertida.

Julio é assim, tudo é imediato. Inclusive quando liguei para ele, marquei a entrevista para dali duas semanas, e ele me disse: é melhor você vir logo, porque a gente não sabe o que pode acontecer no futuro.

E assim fomos. Julio nos recebeu em seu apartamento na região da Santa Cecília. Nunca tinha o visto, então me apresentei, apresentei meus colegas e

perguntei onde poderíamos deixar todo o nosso equipamento de gravação. Havia uma senhora no local que nos perguntou se queríamos algo, se precisávamos de algo. Supomos que ela era funcionária da casa de Julio.

Assistimos ao jogo com ele. Quase no fim do primeiro tempo chegou o genro de Julio. Ele é argentino, judeu e deu a impressão de que tinha vindo a mando da esposa (que estava lá no Rio assistindo à final no estádio) para saber se éramos realmente confiáveis. Foi engraçado, no começo parecia um interrogatório para saber quem éramos, o que queríamos, quais eram as nossas intenções com os materiais, etc. Depois, ele foi “afrouxando as rédeas” e nos contou que vários de seus familiares na Argentina também eram sobreviventes e que ele amava o Brasil. Esqueci de perguntar seu nome.

Durante o jogo, Julio ficou muito concentrado, ele fez alguns comentários, mas sempre prestando muita atenção na tela. Inclusive pareceu se incomodar um pouco por estarmos falando com seu genro enquanto Brasil e Alemanha davam seu show. Ainda assim, ele comentou que sempre gostou muito de esportes, e mesmo com 93 anos tinha ido para sua aula de tênis naquela manhã.

Chegou o momento dos pênaltis. Por menos que acompanhe futebol, você sabe bem que esse é um momento de tensão. Para Julio também foi. Ele não tirava o olho da tela. Criticava e torcia, mas sempre muito atento, não queria ouvir comentários, só prestar atenção no jogo. Acabou. Brasil ganhou o jogo nos pênaltis por um placar de 5 a 4.

Julio abriu um sorriso e comemorou a vitória com seu sotaque polonês: “Brasil campeão!”. Mesmo assim, nada muito sentimental, não. Na mesma hora, ele virou para mim e disse: então, Letícia, o que quer de mim?

Microfonamos, ligamos as câmeras, posicionamos as luzes e, nesse meio tempo, Julio e eu conversamos sobre o jogo, a pauta, esse trabalho e outro projeto particular meu. Achei que, com o Julio, teria que incentivá-lo com bastante perguntas, mas não foi o que aconteceu. Fiz a primeira pergunta e ele, na hora, tirou o sorriso do rosto e, com uma voz calma, mas determinada, começou a me contar sua história.

Julio tinha 15 anos quando a guerra começou. Morava com os pais e dois irmãos, e quando começaram a vir os primeiros decretos com restrições aos judeus, Julio e sua família se mudaram para uma pequena aldeia, porque no interior as restrições com os judeus existia, mas era menor. Viveram por anos assim, até que o rigor do Reich chegou a aldeia. Seus pais decidiram ir para um gueto de uma cidade próxima e Julio decidiu ficar na clandestinidade. Ele não tinha roupa, casa, comida ou qualquer condição de sobrevivência. Vivia em celeiros, alimentando-se da compaixão de uns poucos poloneses que o ajudavam ou mesmo de pequenos furtos em plantações.

Os dois irmãos fugiram para a Rússia, mas um deles voltou em 1943, e assim, Julio e ele decidiram ir para o gueto de Cracóvia. Poucos dias depois, o gueto foi liquidado e os dois mandados para o campo de concentração de Paszow, onde ficaram sob domínio do famoso comandante Amon Göth.

O terror era absoluto e a possibilidade de ser morto por qualquer erro ou prazer dos soldados alemães eram uma realidade constante, além da fome e frio. Mesmo assim, Julio e seu irmão sobreviveram e permaneceram juntos até o fim da guerra.

Julio passou por campos como Mauthausen, Ebensee, Auschwitz. Construiu túneis na Áustria já no fim da guerra, e ele garante que só sobreviveu a esse período do inverno austríaco pela bondade do mestre carpinteiro que o deu um trabalho dentro do túnel para não morrer de frio. Ele chegou a comentar de um episódio em que viu um prisioneiro andando com as duas mãos e dois pés no chão de tão magro e sem forças. Esse senhor morreu poucos dias depois.

Julio também vivenciou a marcha da morte, que fez milhares de prisioneiros, em condições de subnutrição, morrerem ao caminharem por mais de 70 quilômetros durante as recuadas do exército alemão. Julio viu muitos serem fuzilados e morrerem de exaustão nessa situação.

Esse já era o fim da guerra. Os alemães já estavam pouco preocupados com a qualidade do trabalho, e sim, com o extermínio dos judeus e a recuada para não serem atacados pelos inimigos.

Julio garante que a sorte sorriu para ele de novo. Ao chegarem no campo de Ebensee, ele e seus amigos, descobriram um trem descarrilhado por perto que carregava alimentos como açúcar e farinha. Se alimentaram e puderam sobreviver. Até que, um dia, ele acordou com gritos de prisioneiros dizendo que os campos estavam livres, não havia mais soldados. Saíram e caminharam até uma pequena vila, onde pessoas os alimentaram e juraram não saber de nada do que acontecia.

Julio e outros prisioneiros foram resgatados pelos americanos e, no fim da guerra, com dezenas de pessoas deslocadas, várias organizações humanitárias começaram o processo de procurar familiares, oferecer comida, roupa, visto para outros países.

Ele foi para a cidade de Cinecítá, na Itália, e, ao saber que o outro irmão estava no Brasil veio para cá e começou a trabalhar no ramo de confecção. Julio acabou comprando a empresa em que trabalhava depois de muitos anos. Casou (a esposa já é falecida), teve dois filhos e, mesmo hoje, aos 93 anos, trabalha, dirige e namora. A entrevista de 2016 acabou tarde, mas ele continuou com a gente batendo papo por alguns minutos.

Em Julho de 2017, liguei para ele e perguntei se podia acompanhar um jogo de tênis. Não tinha certeza se ainda jogava, mas ele prontamente me convidou para acompanhá-lo em um jogo matinal com seus amigos, no Clube Hebraica, na região de Pinheiros. Resolvi chamar um colega de Rádio e TV para a gravação das imagens.

7 da manhã. Julio me pediu para estar lá em ponto. Doeu um pouquinho pensar em acordar tão cedo no sábado. Mas lá fomos nós e 7 da manhã estávamos “bonitinhos” na porta do clube, escoltados por senhores que queriam garantir a nossa entrada (depois de negociações com a assessoria, todos estávamos com medo de que os procedimentos para convidados não estivessem corretos).

Entramos e fomos caminhando pelo jardim do Clube, um local belíssimo, cheio de árvores nativas. Nos instalamos em uma das quadras. Na beira da quadra de tênis, entre mochilas, raquetes e bolinhas, Júlio me contou que

começou a jogar aos 45 anos de idade, e na mesma hora, já quase entrando no jogo, virou para mim e disse: “nunca é tarde” (em francês).

Acompanhamos seu jogo, gravamos imagens, e eu tive a oportunidade de conversar com Julio sobre outras coisas, além do Holocausto. Aliás, nem mesmo tocamos no assunto, o que foi muito bom.

Seus colegas foram um show à parte. Senhores e senhoras bem mais jovens que Julio, mas que se divertem com o amigo e só têm coisas maravilhosas para falar dele. A cada hora chegava um novo conhecido e um deles me puxava pela mão e me apresentava ao novo integrante da roda: “Essa é a Letícia, ela está fazendo um documentário”. Faziam isso em um tom tão gentil que quase parecia um orgulho, como se eu fosse, de certa forma, a neta de todos eles.

Quando o jogo acabou, agradei a todos por terem me recebido tão bem e me despedi. Julio e eu fomos conversando até a saída sobre a vida, a carreira dele, os filhos. Chegando na porta, Julio me perguntou: “Letícia, para onde vocês vão?” – Eu respondi que ele não precisava se preocupar porque eu e meu amigo pegaríamos um táxi. “Não, pra onde vocês vão? Fala!” (Já te expliquei que eles são sem rodeios mesmo, não?). Eu disse que ia para o metrô e ele me ofereceu uma carona. Sim, esse senhor dirige e, devo dizer, que não é lá dos motoristas mais prudentes, não. A gente entrou no carro, ele se certificou de que todos estavam dentro e com as portas fechadas e, sem mais, saiu. O carro começou a apitar. Julio estava sem cinto de segurança. “Já vou colocar!”, advertiu, em tom grosseiro, o próprio carro.

Paramos no portão de entrada dos associados para dar uma carona para o amigo de Julio, um senhor já de idade e um dos diretores do Clube Hebraica. No meio do caminho histórias e mais histórias sobre uma casa na praia, como eles têm jogado mal, além das curiosidades deles sobre como vai a faculdade, onde moramos, etc.

No fim, a experiência foi muito boa e, pensando sobre tudo agora, percebi que sua história de sobrevivência é apenas uma parte da sua vida. Não existe espaço para melancolia, para a lamentação dos anos perdidos. Julio vive o dia a dia e prefere vivê-los bem.

## 9. METODOLOGIA

Considerando que a proposta desse trabalho está completamente embasada em um fato histórico que aconteceu há mais de 70 anos, entende-se que todo e qualquer conteúdo para realização da pesquisa tem como fonte livros e pesquisas que falem sobre a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto, o Povo Judeu, e a imigração destes para a cidade de São Paulo. O trabalho está pautado em livros de história, como “A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo”, de Martin Gilbert (2014); “A Segunda Guerra Mundial - causas, estrutura, consequências”, de Osvaldo Coggiola (2015); “Primeira Guerra Mundial, 1914-1918: História Completa”, de Lawrence Sondhaus (2013) - esse último para uma pequena explanação das consequências da Primeira Guerra Mundial, mas principalmente no que diz respeito ao Holocausto e o que antecedeu esse momento será considerado o livro “Holocausto - crime contra a humanidade” (2007) de Maria Luíza Tucci Carneiro. Esse método é chamado de bibliográfico, como explica Lakatos e Marconi (2003):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 183)

Na parte de linguagem de documentário são usados livros como “Introdução ao documentário”, de Bill Nichols (2001) – para a melhor compreensão do “fazer notícia” a partir do formato – e “Mas afinal... o que é mesmo documentário?”, de Fernão Pessoa Ramos (2013). Além desses, um artigo chamado “A dificuldade do documentário”<sup>15</sup>, de João Moreira Salles

---

<sup>15</sup> Salles, João Moreira. “A dificuldade do documentário”. In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby, Novaes, Sylvia (orgs.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2005, p.57-71.

(2005) também traz contribuições importantes para a discussão da conceituação do gênero.

Nichols (2001) classifica o gênero documentário em seis subgêneros: expositivo, observativo, performático, poético, participativo e reflexivo. O produto apresentado tem como finalidade ser um documentário expositivo, seguindo a definição proposta por Nichols (2001):

Esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. (NICHOLS, 2001, p. 142)

No entanto, outra definição de Nichols (2001, p.62) para os subgêneros de documentário também se aplica: “[Modo participativo] enfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto”. Isso porque no produto faz-se uso de uma narrativa mais pessoal contando impressões das entrevistas.

O método utilizado no trabalho é chamado de “método de campo”, que segundo Lakatos e Marconi (2003) “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los”. Esse método foi utilizado a fim de coletar entrevistas e depoimentos de personagens e outras fontes relevantes para o entendimento, não só do período da Guerra, mas da vida prática dos sobreviventes do Holocausto depois dela.

Como material de apoio para o documentário foram utilizados documentários de Guerra, como por exemplo, os comentados anteriormente na Justificativa, para que fosse possível compreender o tipo de enquadramento, “corte” de fala, intercalação com outros depoimentos, entre outras características úteis para que o trabalho fosse realizado com o máximo de precisão e respeito às histórias dos personagens.

Para a discussão sobre linguagem documental, também é explorado um pouco da discussão sobre história oral, como explicado por Selau (2004):

Prefiro o uso do termo fontes orais, pois não acredito na existência de uma história oral por excelência, já que a entrevista (fonte oral) não se constitui na história em si, mas é uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória. O trabalho de análise e reflexão sobre a série documental de que dispõe, seja com as fontes orais ou qualquer outro tipo de fonte, e a consequente crítica interna e externa a essas fontes é que possibilita ao historiador construir seu trabalho historiográfico, ou seja, é a atividade profissional do historiador que cria as condições para a construção de uma história com base nas fontes orais e não a fonte por si só como sugere o termo história oral. (SELAU, 2004)

Portanto, considera-se que essa discussão tenha relevância para que possa ser entendido (além da esfera pessoal e particular das recordações dos sobreviventes) o papel deles na divulgação contínua da História do Holocausto.

## **10. DIÁRIO DE CAMPO**

- JULHO/2016:  
ENTREVISTA COM SRA. RITA BRAUN NO DIA 30/07/2016  
LOCAL: RUA JOAQUIM EUGÊNIO DE LIMA, 835/apt. 51

Já conhecia a senhora Rita Braun desde 2014. Isso porque encontrei o telefone dela, por acaso, no livro dela que minha mãe pegou emprestado de uma amiga. Por curiosidade liguei, e para a minha surpresa, ela atendeu. Não podia perder a oportunidade de entrevistá-la, e mesmo estando no primeiro ano de faculdade e não dominar nada de técnicas de entrevista, decidi arriscar. Estou contando isso porque a comparação entre a Rita de 2014 e a Rita de 2016 é evidente (essa última será a mais usada no trabalho porque está em vídeo, apesar de haver possibilidade de eu utilizar trechos em áudio da entrevista de 2014). Ela já está mais esquecida, não consegue contar os fatos em ordem cronológica como foi em 2014. Precisou ser estimulada com perguntas e comentários durante toda a conversa, apesar de ter contado tudo o que me contou da outra vez e o que está no livro dela. Ela está mais desanimada e se lamentou por estar mais velha.

Deu a entrevista com certa impaciência que eu já esperava por conhecê-la, mas mesmo assim foi bem solícita, respondeu a todas as dúvidas e até jogou conversa fora em off.

Eu fui acompanhada de um colega de faculdade que faz Rádio e TV e me ajudou com algumas questões da gravação.

AGOSTO/2016:

ENTREVISTA COM O SR. JULIO GARTNER NO DIA 02/08/2016

LOCAL: RUA ALBUQUERQUE LINS, 574/ apt. 82

Consegui o contato do sr. Júlio Gartner através de Rita. Fomos encontrá-lo no dia 20 de agosto de 2016 que foi, curiosamente, o dia da final entre Brasil e Alemanha de futebol masculino, na Olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro. Chegamos lá por volta das 17h. Arrumamos os equipamentos e achávamos que íamos gravar a entrevista normalmente. Acontece que o sr. Julio Gartner é muito fã de esportes, então pediu para que esperássemos e assistíssemos o jogo com ele. Como não tinha problema para nós, assistimos e aproveitamos para gravar as reações dele enquanto assistia a cobrança de pênaltis. Curiosidade: Brasil ganhou.

O sr. Julio, apesar de seus 92 anos é muito lúcido, e talvez por estar acostumado a dar depoimento sobre os anos de guerra precisou ser muito pouco estimulado com perguntas. Há sonoridades dele que têm mais de 20 minutos de fala contínua. Achei isso interessante e preferi deixar ele contando tudo. Só no final que decidi fazer algumas perguntas que eram apenas dúvidas pessoais mesmo.

Fui acompanhada de um colega de faculdade de Rádio e TV - que, de novo, me ajudou com a questão da gravação - e um colega de Jornalismo que gostaria que me acompanhasse nessa experiência.

SETEMBRO/2016:

SEMANA 1: ENTREGA DE INTRODUÇÃO, PROBLEMA E HIPÓTESE

SEMANA 2: OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.

SEMANA 3: REFORMULAÇÃO DE PROBLEMA E HIPÓTESE +  
JUSTIFICATIVA

SEMANA 4: AJUSTES NOS TÓPICOS E COMEÇO DO REFERENCIAL

OUTUBRO/2016

SEMANA 1: REFERENCIAL TEÓRICO (CONVERSA + CORREÇÕES)

SEMANA 2: REFERENCIAL TEÓRICO (CONVERSAS + CORREÇÕES)

SEMANA 3: (NÃO TEVE)

SEMANA 4: REFERENCIAL TEÓRICO (CONVERSAS + CORREÇÕES)

- NOVEMBRO/2016:

SEMANA 1: DÚVIDAS SOBRE ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA

SEMANA 2: (NÃO TEVE)

SEMANA 3: DÚVIDAS FINAIS

SEMANA 4: CORREÇÕES/ DÚVIDAS

- DEZEMBRO/2016

SEMANA 1: ENTREGA DO PROJETO

- JANEIRO/2017

RECESSO

- FEVEREIRO/2017

SEMANA 1: PRIMEIRA ORIENTAÇÃO EM GRUPO - EXPLICAÇÃO  
SOBRE A PRÉ-BANCA, PRIMEIROS PROCEDIMENTOS, DICAS DE  
LIVROS.

- MARÇO/2017

SEMANA 1: ORIENTAÇÃO PARA REFORMULAÇÃO DE OBJ. GERAIS,  
ESPECÍFICOS, PROBLEMA E HIPÓTESE

SEMANA 2: GREVE DOS METROVIÁRIOS

SEMANA 3: REFORMULAÇÃO DA JUSTIFICATIVA

#### SEMANA 4: CORREÇÃO JUSTIFICATIVA + FORMULAÇÃO DE METODOLOGIA

- ABRIL/2017

SEMANA 1: FALTA

SEMANA 2: CORREÇÃO METODOLOGIA E PRIMEIRA REVISÃO.

SEMANA 3: AJUSTES EM METODOLOGIA, REFERENCIAL E REVISÃO.

SEMANA 4: AJUSTE REFERENCIAL, PRIMEIRA REVISÃO REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

- MAIO/2017

SEMANA 1: PRIMEIRA REVISÃO

SEMANA 2: SEGUNDA REVISÃO – DÚVIDAS SOBRE FORMATO DO PROJETO, REVISÃO DE ALGUNS ITENS FALTANTES.

SEMANA 3: TERCEIRA REVISÃO – DÚVIDAS E REVISÕES SOBRE ITENS FALTANTES.

SEMANA 4: CONVERSA/ REVISÃO

SEMANA 5: ENTREGA

- JUNHO/2017

SEMANA 1: DESCANSO

SEMANA 2: REVISÃO APRESENTAÇÃO

SEMANA 3: REVISÃO APRESENTAÇÃO + COMEÇO CAPÍTULO DOCUMENTÁRIO

SEMANA 4: APRESENTAÇÃO PRÉ-BANCA

- JULHO/2017

SEMANA 1: DESCANSO + PRODUÇÃO ENTREVISTAS

SEMANA 2: GRAVAÇÃO ENTREVISTAS JÚLIO GARTNER + MARCIO PITLIUK

SEMANA 3: CAPÍTULO DOCUMENTÁRIO

SEMANA 4: DESCANSO

## ENTREVISTA COM MARCIO PITLIUK NO DIA 14/07/2017

LOCAL: Rua Araci, 360 – Pinheiros

O Márcio é diretor do documentário “Sobrevivi ao Holocausto” (2012) que acompanha o sr. Julio Gartner pelos campos de concentração onde ele ficou na Polônia e Áustria. Entrei em contato com o Marcio via facebook e ele prontamente atendeu. Encontrei-o em sua casa em Pinheiros. Fizemos uma gravação de aproximadamente 30 minutos. Ele é um dos maiores especialistas em Holocausto do Brasil e também é judeu. Durante a entrevista, tentei explorar um pouco a experiência com o Julio Gartner nas gravações do documentário, mas também tentei tirar um pouco de História da imigração judaica para o Brasil.

## ENTREVISTA COM JULIO GARTNER NO DIA 15/07/2017

LOCAL: Clube Hebraica de SP - R. Hungria, 1000 - Pinheiros

Julio Gartner, aos 92 anos, joga tênis. Não podia perder a oportunidade de gravá-lo jogando tênis. Encontrei-o às 7h da manhã no Clube. Estive acompanhada de um colega de produção audiovisual que me ajudou na gravação. Não sabíamos muito bem o que esperar do comportamento e disposição dele, mas ao chegar lá foi uma surpresa perceber que ele estava muito disposto a conversar e bastante solícito, apesar de um pouco enérgico demais. Ele saía falando e nós corríamos atrás com as câmeras, mas mesmo assim, deu pra aproveitar bastante imagens dele e seus amigos jogando, além de trechos de conversas que tivemos. Foi um dia bastante produtivo.

- AGOSTO/2017

SEMANA 1: FÉRIAS

SEMANA 2: FÉRIAS

SEMANA 3: RETORNO ORIENTAÇÃO + CAPÍTULO DOCUMENTÁRIO + AJUSTES PROJETO

SEMANA 4: FINALIZAÇÃO CAPÍTULO DOCUMENTÁRIO

- SETEMBRO/2017

SEMANA 1: COMEÇO DO ROTEIRO

SEMANA 2: ROTEIRO + COMEÇO DA EDIÇÃO

SEMANA 3: EDIÇÃO + CAPÍTULO RITA

SEMANA 4: EDIÇÃO + CAPÍTULO JULIO

- OUTUBRO/2017

SEMANA 1: EDIÇÃO

SEMANA 2: EDIÇÃO

SEMANA 3: EDIÇÃO + AJUSTES PROJETO

SEMANA 4: AJUSTES PROJETO

- NOVEMBRO/2017

SEMANA 1: AJUSTES PROJETO

SEMANA 2: FINALIZAÇÃO

SEMANA 3: EDIÇÃO APRESENTAÇÃO

- DEZEMBRO/2017

BANCA AVALIATIVA

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVIGDOR, Renee. **Judeus, Sinagogas e Rabinos: O judaísmo em São Paulo em mudança.** São Paulo, USP, 2010.

BLAY, Eva Alterman. **O brasil com destino: Raízes da imigração judaica contemporânea em São Paulo/ Eva Alterman Blay.** – 1 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BRAUN, Rita. **Fragmentos de uma vida.** 2º edição. São Paulo: publicação independente, 2010.

CARNEIRO, Maria Lúiza Tucci. **Holocausto: crime contra a humanidade.** São Paulo: editora Ática, 1º ed. 2007.

CENSO DEMOGRÁFICO 1940. **Censo demográfico**: população e habitação. Rio de Janeiro: IBGE, 1950. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII\\_Brasil.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf)>. Acesso em: 10 de set. de 2016.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial**: causas, estrutura, consequências. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2015. Disponível em: <<https://raquelcardeiravarela.files.wordpress.com/2014/11/oc-segunda-guerra-mundial-2.pdf>>. Acesso em: 15 de abr. de 2017.

DECOL, René Daniel. **Judeus no Brasil**: explorando os dados censitários. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2001, vol.16, n.46, pp.147-160. ISSN 1806-9053. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092001000200008>>. Acesso em: 19 de set. de 2016.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: os 2.174 dias que mudaram o mundo / Martin Gilbert; tradução Ana Luísa Faria, Miguel Serras Pereira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GUIA DO ESTUDANTE. **Diáspora**: Descubra como os judeus se espalharam pelo mundo. Disponível em: <<http://origin.guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/diaspora-descubra-como-judeus-se-espalharam-pelo-mundo-743351.shtml>> Acesso em: 13 de nov. de 2016

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MELO, Sylvia Lenz de. **República de Weimar**: Alemanha 1919 – 1933. Universidade Federal de Londrina/ PR. HISTÓRIA & ENSINO, Londrina. Paraná, volume 02: p. 101-111, 1996. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12772/11100>> Acesso em: 14 de abr. de 2017

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Paporus, 2005. (Coleção Campo Imagético).

PERAZZO, Priscila. **Narrativas Oraís de Histórias de Vida**. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015.

POVOA, Carlos Alberto. **A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: do Bom Retiro ao Morumbi**. São Paulo, USP -Universidade de São Paulo, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal.... o que é documentário?**/ Fernão Pessoa Ramos – 2ª ed. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

RATTNER, Henrique. **Tradição e Mudança: a Comunidade Judaica em São Paulo**. São Paulo, Perspectiva, 1977.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história oral nos estudos de jornalismo:algumas considerações teórico-metodológicas**. In: Revista Contracampo, v. 32, n. 2 , ed. abril-julho ano 2015. Niterói: Contracampo, 2015. Págs: 73-90. Disponível em: file:///C:/Users/lelt\_/Downloads/668-2047-1-PB.pdf Acesso em: 14 de ago. 2017

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário**. In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby, Novaes, Sylvia (orgs.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2005, p.57-71.

SELAU, Mauricio da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Revista Esboços** do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, volume 11, n. 11 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486/9887> Acesso em: 20 de abr. de 2017.

**SOBREVIVI ao Holocausto**. Direção e produção: Caio Cobra e Marcio Pitliuk. Paris Filmes - LK Tell, 2012. 1 DVD.

SONDHAUS, Lawrence. **Primeira Guerra Mundial 1914-1918: História Completa**. Editora Contexto: São Paulo. 2013.

SORJ, Bernardo. Diáspora, Judaísmo e Teoria Social, in M. Grin & N. H. Vieira. **Experiência Cultural Judaica no Brasil: Recepção, Inclusão e Ambivalência**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2004.

THOMPSON, 2000, p.51 in: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p

TOPEL, Marta. Judaísmo Brasileiro: Uma incursão antropológica. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 186-197, setembro/novembro 2005

**ÚLTIMAS conversas**. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: João Moreira Salles e Maria Carlota Bruno. Bretz Filmes, 2015.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). **A noite dos cristais**. Disponível em:  
<<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005201>> Acesso em: 15 de abr. de 2017

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). **Campos de extermínio**: visão geral. Disponível em:  
<<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005145>> Acesso em: 14 de abr. de 2017.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). **Guetos**. Disponível em:  
<<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005059>> Acesso em: 14 de abr. de 2017.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). **SS, a Polícia do Estado**. Disponível em:  
<<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007675>> Acesso em: 15 de abr. de 2017

## 12. REFERÊNCIAS CONSULTADAS

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo, Paulus, 1985.

CENSO DEMONSTRATIVO 1950. **Anuário estatístico do Brasil**. Ano XI – 1950. Rio de Janeiro: IBGE, 1951. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1950.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1950.pdf)>. Acesso em: 10 de set. de 2016

ESTUDO PRÁTICO. **Diáspora Judaica**. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/diaspora-judaica/>>. Acesso em: 24 de ago. de 2016.

FAPCOM. **Normas da ABNT**. Disponível em: <<http://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2013/09/Normas-ABNT.pdf>> Acesso em: 28 de abr. de 2017.

### 13. CRONOGRAMA

MÊS/ANO	SEMANA 1	SEMANA 2	SEMANA 3	SEMANA 4	SEMANA 5
JU/2016				ENTREVISTA RITA	
AGO/2016			ENTREVISTA JULIO		
SET/2016	PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO	
OUT/2016	LEITURA/ FICHAMENTO	LEITURA/ FICHAMENTO	LEITURA/ FICHAMENTO	LEITURA/ FICHAMENTO	LEITURA
NOV/2016	PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO	
DEZ/2016	ENTREGA DE PROJETO				
JAN/2017	RECESSO				
FEV/2017	LEITURA/ FICHAMENTO	ORIENTAÇÃO			
MAR/2017	PROJETO/1º CAPÍTULO	PROJETO/1º CAPÍTULO	PROJETO/1º CAPÍTULO	PROJETO/1º CAPÍTULO	AJUSTE PROJETO
ABR/2017	AJUSTE PROJETO	AJUSTE PROJETO	AJUSTE 1º CAPÍTULO	AJUSTE 1º CAPÍTULO	

<b>MAI/2017</b>	REVISÃO	REVISÃO	REVISÃO	ENTREGA	
<b>JUN/2017</b>	AJUSTES APRESENTAÇÃO	CAPÍTULO 2	CAPÍTULO 2	PRÉ-BANCA	
<b>JUL/2017</b>	PRODUÇÃO ENTREVISTAS	GRAVAÇÃO: JULIO E MARCIO	CAPÍTULO 2	CAPÍTULO 2 + PROJETO	
<b>AGO/2017</b>	FÉRIAS	FÉRIAS	CAPÍTULO 2 + PROJETO	CAPÍTULO 2 + PROJETO	ROTEIRO
<b>SET/2017</b>	ROTEIRO + EDIÇÃO	ROTEIRO + EDIÇÃO	EDIÇÃO + CAPÍTULO RITA E JULIO	EDIÇÃO + CAPÍTULO RITA E JULIO	
<b>OUT/2017</b>	EDIÇÃO + PROJETO	EDIÇÃO + PROJETO	PROJETO + AJUSTE CAPÍTULO RITA E JULIO	PROJETO + AJUSTES ITENS FALTANTES	AJUSTES
<b>NOV/2017</b>	FINALIZAÇÃO PROJETO + DOC		ENTREGA		
<b>DEZ/2017</b>	APRESENTAÇÃO	APRESENTAÇÃO	BANCA FINAL		

## 14. APÊNDICES

### 14.1 ENTREVISTA E DECUPAGEM JÚLIO GARTNER

*ESSA ENTREVISTA DECUPADA FOI FEITA EM 20 DE AGOSTO DE 2016 COM O SENHOR JÚLIO GARTNER, SOBREVIVENTE JUDEU POLONÊS. ABAIXO, NA ÍNTEGRA TODO O CONTEÚDO DA CONVERSA, DO JEITO QUE O PERSONAGEM RELATA. POR ISSO, CONSIDERA-SE QUE AS NORMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NEM SEMPRE SERÃO OBEDECIDAS. EM DESTAQUES, POSSÍVEIS PASSAGENS E ITENS A SEREM USADOS NO COMEÇO OU FIM DO DOCUMENTÁRIO.*

JULIO DECUPAGEM

CAM1

00004

00:15

**L: JULIO, VOCÊ ME FALOU AGORA HÁ POUCO, QUE VOCÊ FALA 7 LÍNGUAS. VOCÊ SE SENTE MAIS BRASILEIRO HOJE, OU MAIS POLONÊS?**

**J: BRASILEIRO. CEM POR CENTO BRASILEIRO.**

**L: É MESMO? POR QUÊ?**

**J: PORQUE A MINHA VIDA PRATICAMENTE SE REALIZOU AQUI NO BRASIL. EU ERA ESTUDANTE, EU TINHA 15 ANOS QUANDO COMEÇOU A GUERRA, E EU ERA POLONÊS PORQUE EU NASCI NA POLÔNIA. MAS DEPOIS DA GUERRA, A MINHA VIDA É TOTALMENTE ABRASILEIRADA.**

L: JULIO, COMO ESTAMOS FAZENDO UM DOCUMENTÁRIO, QUERIA SABER SE PRA VOCÊ ESTÁ TUDO BEM SE VOCÊ CONTAR PRA MIM COMO FOI O COMEÇO, O QUE ACONTECEU, PRA ONDE VOCÊ SE MUDOU... PODE SER?

J: ELE ESTÁ GRAVANDO? NÃO, PORQUE VAMOS AGORA ASSISTIR O SEGUNDO TEMPO DEPOIS EU CONTO \*\*\*NESSE DIA FOI A FINAL DE BRASIL E ALEMANHA NAS OLIMPIADAS DE 2016\*\*\*

(RISADAS)

L: ACHO QUE É MELHOR MESMO, PORQUE VAMOS EM SEQUÊNCIA....

04:00

-----

00005

00:13

L: VOCÊ PODE ME CONTAR SUA HISTÓRIA? NA VERDADE, EU GOSTARIA QUE VOCÊ ME CONTASSE QUANDO VOCÊ NASCEU E TUDO.

J: TÁ BOM. VOU FAZER UMA APRESENTAÇÃO. MEU NOME É JULIAN GARTNER, NASCI NA POLÔNIA, CIDADE DE CRACÓVIA, UMA CIDADE HISTÓRICA, UMA DAS QUATRO MAIORES CIDADES DA POLÔNIA. EM 1 DE SETEMBRO DE 1939, COMEÇOU A GUERRA. OS EXÉRCITOS DO HITTLER INVADIRAM A POLÔNIA, E LOGO NO SEGUNDO DIA, EU VI O EXÉRCITO ALEMÃO MARCHANDO PELAS RUAS DA MINHA CIDADE. OS POLONESES, EMBORA ERAM MUITO VALENTES, MAS NÃO TINHA CONDIÇÃO DE RESISTIR A UMA ALEMANHA QUE DURANTE ANOS SÓ SE PREPARAVA PARA A GUERRA.

OS ALEMÃES DESDE O COMEÇO, COMEÇARAM A DIRIGIR O PAÍS NA BASE DE DECRETOS. OS DECRETOS ERAM PRINCIPALMENTE CONTRA OS JUDEUS. UM APÓS OUTRO, UM PIOR QUE O OUTRO. PRIMEIRO

DECRETO QUE JUDEUS NÃO PODIAM MAIS TRABALHAR. DEPOIS NÃO PODIAM MAIS SAIR DEPOIS DAS CINCO HORAS. NÃO PODIAM USAR O TRANSPORTE COLETIVO... É ASSIM QUE COMEÇOU. DEPOIS DE ALGUNS MESES, NO FIM DE 1939, VEIO O DECRETO QUE JUDEUS NÃO PODIAM MAIS FICAR NA CIDADE. ERAM OBRIGADOS A SE RECOLHER A GUETO. O GUETO ERA UM IMENSO CATIVEIRO, ONDE AS MÃES GRITAVAM POR SOCORRO E SOCORRO NÃO PÔDE VIR POIS O TERROR VINHA DE CIMA. O TERROR VINHA DOS GOVERNANTES.

OS JUDEUS TINHAM AINDA POSSIBILIDADE DE IR MORAR NAS ALDEIAS, PORQUE A CRACÓVIA ERA RODEADA DE UMA TERRA BASTANTE FÉRTIL, E NESSA TERRA TINHA MUITOS ALDEÕES QUE TINHA PEQUENAS PROPRIEDADES E FABRICAVAM QUEIJOS, TINHA LEITE, TINHA PÃO.... E ISSO ERA PERMITIDO NO COMEÇO. COMO NÓS TINHAMOS UM FORNECEDOR, UM DESSES ALDEÕES QUE NOS TRAZIA ESSES PRODUTOS, ELE NOS OFERECEU UM PEQUENO, UM QUARTO, ONDE NÓS PODÍAMOS TER SE REFUGIADO. NÓS ARRUMAMOS TODAS AS COISAS QUE ERAM POSSÍVEIS LEVAR NUMA VIAGEM SÓ, ENTÃO NÓS PARTIMOS PARA ESSE LUGAREJO DE NOME GLEWIEC.

CHEGANDO LÁ, E EU FIQUEI DURANTE QUASE UM ANO TRABALHANDO NA TERRA. APRENDI TODAS AS PROFISSÕES DOMÉSTICAS. EU ERA ELETRICISTA, FERREIRO, ENCANADOR... E ISSO ME AJUDOU NO FUTURO PARA PODER SOBREVIVER. OS MEUS PAIS TAMBÉM NÃO ESTAVAM MAL PORQUE NA ÉPOCA NÃO FALTAVA COMIDA, E EU TRABALHAVA TAMBÉM NA PLANTAÇÃO DE TABACO QUE ERA DE PROPRIEDADE DESSE ALDEÃO, E O TEMPO IA PASSANDO ATÉ, EM 1940, CHEGAR UM NOVO DECRETO: OS JUDEUS NÃO MAIS PODIAM FICAR NESSAS ALDEIAS, TINHA QUE SE RECOLHER ÀS CIDADES PORQUE A CIDADE GRANDE QUE ERA A CRACÓVIA ERA JUSTAMENTE CERCADA DE MUITAS CIDADES PEQUENAS, E UMA DELAS ERA PROSZWICE, QUE ERA O MAIS PERTO DAQUELE LUGAREJO, E ONDE MEUS PAIS FORAM OBRIGADOS A SE RECOLHER.

ELES AINDA PERGUNTARAM SE EU QUER IR JUNTO COM ELES OU SE EU PREFIRO FICAR NA CLANDESTINIDADE, E EU ESCOLHI PARA FICAR NESSA ALDEIA COMO CLANDESTINO, PORQUE QUALQUER COISA QUE ERA CONTRA OS DECRETOS DOS ALEMÃES ERA PUNIDO COM PENA DE MORTE. MEUS PAIS FOREM PARA AQUELA CIDADE, E SEGUNDO O QUE ME INFORMARAM DEPOIS, UM DIA DEPOIS CHEGAREM AS ALEMÃES COM CAMINHÕES, CERCARAM A CIDADE E LEVARAM TODOS EMBORA. ELES FORAM LEVADOS PARA UM LUGARZINHO PEQUENO DE NOME MEIDANEC ONDE OS ALEMÃES CONSTRUIREM CREMATÓRIOS. E NA ENTRADA DESSES CREMATÓRIOS ESTAVA ESCRITO QUE “VOCÊS VÃO TOMAR BANHO” E NO LUGAR DE ÁGUA SAÍA GÁS. O CICLONE B, QUE MATAVA ATÉ RAPIDAMENTE... ERA UM GÁS VENENOSO.

EU FIQUEI QUASE UM ANO NAQUELA ALDEIA, SEM DINHEIRO, SEM ROUPA, SEM QUALQUER POSSIBILIDADE DE OUTRA ESCOLHA A NÃO SER FICAR ESCONDIDO. DEPOIS DE QUASE UM ANO, UM DIA VOLTOU MEU IRMÃO – QUE ISSO DEVEIA TER CONTADO NO COMEÇO... QUANDO COMEÇOU A GUERRA, EU TINHA UM TIO, UM DOS HOMENS MAIS RICOS DA POLÔNIA, ELE TINHA DOIS CARROS, CARROS INGLESES, E QUANDO COMEÇOU A GUERRA ELE OFERECEU CARONA PARA NOSSA FAMÍLIA. EU TINHA DOIS IRMÃOS, E OS DOIS IRMÃOS FUGIREM JUNTO COM ELE, PARA UMA CIDADE QUE SE CHAMAVA LEMBERG, ERA NO LESTE DA POLÔNIA. COMO LÁ A SITUAÇÃO NÃO ERA BOA SOB OS RUSSOS, ELE RESOLVEU VOLTAR PARA A POLÔNIA PENSANDO QUE DO LADO POLONÊS SERIA MELHOR DO QUE LÁ... DE SORTE QUE, UM DIA, ELE APARECEU NA ALDEIA, COM UM POUQUINHO DE DINHEIRO E COM ALGUNS RECURSOS, E EU ARRUMEI PARA ELE UM LUGAR NUM SÓTÃO DE UM ALDEÃO, QUE MEDIANTE PAGAMENTO CONCORDOU EM DAR UM ABRIGO PARA ELE. SÓ QUE ESSE ALDEÃO, EMBORA ELE ERA MUITO BOM, ARRISCAVA A PRÓPRIA VIDA, PORQUE SE ALGUÉM PEGASSE UM JUDEU LÁ, ELE SERIA MORTO. MAS DO OUTRO LADO, ELE GOSTAVA ASSIM DE... COTUCAR. ELE VINHA TODO DIA CONTANDO UMAS HISTÓRIAS... “AH, TINHA LÁ UMA CASA QUE ESCONDIA UM JUDEU, VIERAM OS ALEMÃES E MATAREM O JUDEU, INCENDIAREM A CASA, E MATAREM TAMBÉM TODA A FAMÍLIA DOS POLONESES. E CADA DIA ELE TINHA UMA HISTÓRIA PARECIDA. DE SORTE QUE, DEPOIS DE TRÊS SEMANAS, O IRMÃO NÃO AGUENTOU, E FALOU PARA MIM: “O QUE VAI ACONTECER COM TODOS OS OUTROS, VAI ACONTECER COMIGO. EU VOU VOLTAR PARA O GUETO. VOCÊ QUER VIR COMIGO OU QUER FICAR?”. COMO EU NÃO MAIS QUERIA ME SEPARAR DELE, NÓS FOMOS JUNTOS PARA O GUETO. EM 3 DE MARÇO DE 1943, ADENTRAMOS EM GUETO DA CRACÓVIA. NO DIA 13 DE MARÇO, HOVE A FAMOSA LIQUIDAÇÃO DE GUETO DE CRACÓVIA, E TODOS TINHAM O DIREITO DE IR PARA CAMPO DE TRABALHO DE PASZOW, ONDE TINHA O COMANDANTE AMON GÖTH. NÓS OBEDECEMOS, E FOMOS, E ADENTRAMOS NESSE CAMPO QUE AQUELA ALTURA SE CHAMAVA CAMPO DE TRABALHO, DEPOIS VIROU CAMPO DE CONCENTRAÇÃO.

NO DIA 13 DE MARÇO, O GUETO DE CRACÓVIA FOI LIQUIDADO COM CENAS DANDESCAS. QUANDO OS ALEMÃES ACHAREM AQUELES QUE NÃO FOREM PARA CAMPOS, QUE PRETENDIAM SE ESCONDER NA CIDADE, AS CRIANÇAS... PEGAVAM PELOS PÉS E ESTOURAVAM OS MIOLOS CONTRA MUROS. NÃO 1, NÃO 10, CENTENAS.

NÓS COMEÇAMOS ENTÃO, COM MEU IRMÃO, A VIDA EM CAMPO DE TRABALHO, ONDE FIQUEI ATÉ ÚLTIMO DIA DA GUERRA. O AMON GÖTH ERA SIMPLEMENTE UM MONSTRO, NÃO ERA HUMANO. ELE... O QUE ELE GOSTAVA... TINHA CACHORROS BRAVOS, DEIXAVA OS CACHORROS FAMINTOS, E QUANDO ELE GRITAVA A PALAVRA *JUDE* QUE EM ALEMÃO É “JUDEU”, SOLTAVA OS CACHORROS, E CACHORROS ATACAVAM E

ATACAVAM ATÉ A MORTE. OUTRAS ATITUDES DELE ERAM SIMPLEMENTE ANDAR NO MEIO DO CAMPO E QUANDO ELE VIA ALGUÉM QUE NÃO GOSTAVA DA CARA DELE, SIMPLEMENTE TIRAVA REVÓLVVER E MATAVA.

15:44

15:46

AMON GÖTH NASCEU EM VIENA, NA ÁUSTRIA, ERA UM COCHEIRO. O COCHEIRO NAQUELE TEMPO ERA O SUBMUNDO. E ESSE SUBMUNDO, ELE FICOU DONO DE VIDA E DE MORTE DE 20 MIL PESSOAS.

UM EPISÓDIO QUE ACONTECEU LÁ NAQUELE CAMPO... A GENTE MORAVA EM BARRACAS, BARRACAS PRIMITIVAS, TINHA LATRINA COMUM PARA TODOS, E AS BARRACAS ERAM UM PAGADO A OUTRO. NA BARRACA VIZINHA TINHAM TRÊS RAPAZES, RAPAZES DE 17 ANOS, E ELES ESTAVAM ASSOBIANDO UMA CANÇÃO RUSSA. PASSANDO UM SOLDADO ALEMÃO PEGOU OS TRÊS, LEVOU NA FRENTE DO COMANDANTE. O AMON GÖTH CONDENOU ELES A MORTE, A MORTE POR ENFORCAMENTO. ENFORCAMENTO NA POLÔNIA ERA O MODO COMO SE EXECUTAVA AQUELES QUE FORAM CONDENADOS A MORTE, GERALMENTE BANDIDOS ASSASSINOS. PORÉM, NA POLÔNIA, TINHA UMA TRADIÇÃO MILENAR QUE É, QUANDO O CONDENADO... QUANDO SE QUEBRAVA A CORDA, O CONDENADO ERA PERDOADO. OS TRÊS FORAM PENDURADOS, AS TRÊS CORDAS ARREBENTAREM E OS TRÊS CORPOS CAÍREM NO CHÃO. FORAM PEDIR CLEMÊNCIA PARA AMON GÖTH. ELE MANDOU PENDURAR DE NOVO E OS TRÊS MORREREM NA FORÇA, TRÊS RAPAZES DE 17 ANOS. CRIME DELES: ASSOBIAR UMA CANÇÃO.

18:23

18:27

J: EU PODIA CONTAR A HISTÓRIA DELE... VOCÊ QUER?

L: EU QUERO A SUA HISTÓRIA.

J: MINHA? TÁ BOM. TEM RAZÃO.

18:43

18:49

O CURSO DA GUERRA ERA TODO FAVORÁVEL PARA ALEMANHA. ELES INVADIREM A RUSSIA, E LOGO DEPOIS DA INVASÃO, COMEÇAREM A ADENTRAR NA RUSSIA COM POUCA RESISTÊNCIA. ELES CHEGAREM QUASE ATÉ CIDADE DE MOSCOW, E QUASE ATÉ CIDADE DE LENINGRADO, NO NORTE, ONDE FICOU CERCADA DURANTE QUASE DOIS ANOS, NÃO SE RENDEU. E ATÉ A GRANDE BATALHA DE STALINGRADO, QUE ERA MAIS PARA O SUL, ALEMANHA ESTAVA AVANÇANDO.

19:48

20:27

A PARTIR DE STALINGRADO, QUANDO OS ALEMÃES SE RENDEREM, INVERTEU O CURSO DE GUERRA, A RUSSIA COMEÇOU A AVANÇAR E ALEMANHA COMEÇOU A RECUAR. QUANDO ELES CHEGAREM A, MAIS OU MENOS, 200 KM DE CRACÓVIA, OS ALEMÃES RESOLV... NÃO QUERIAM QUE ESSES CAMPOS CAÍSSEM NAS MÃOS DOS RUSSOS, ENTÃO ELES COMEÇAREM A RECUAR. UM DIA FOMOS CHAMADOS TODOS A UMA PRAÇA – EM CADA DESSES CAMPOS TINHA A PRAÇA – E AVISADOS QUE NÓS VAMOS SER TRANSFERIDOS, NOS COLOCAREM NOS VAGÕES, A BASE DE 120, 130 PESSOAS POR VAGÃO, VAGÕES PARA GADO, E O TREM COMEÇOU A ANDAR. SEM QUALQUER POSSIBILIDADE PARA FAZER NECESSIDADES, PRATICAMENTE COM AR VICIADO, TINHA MUITAS PESSOAS QUE MORRERAM NAQUELES VAGÕES. DEPOIS DE DOIS DIAS NÓS PARAMOS EM AUSCHWITZ. AUSCHWITZ ERA UM DOS MAIORES CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO, TINHA CÂMARAS DE GÁS TAMBÉM, E TINHA CAMPO DE TRABALHO, DE SORTE QUE TEM DIVERSAS PESSOAS SE SALVAREM EM AUSCHWITZ.

NÓS FICAMOS LÁ 24 HORAS. SEGUNDO OS ALEMÃES ELES ESTAVAM RESOLVENDO O QUE FAZER COM ESSES VAGÕES. ENTÃO UM VAGÃO IA PARA CREMATÓRIO, OUTRO IA PARA CAMPO DE TRABALHO. O NOSSO VAGÃO, DEPOIS DE DOIS DIAS, O TREM COMEÇOU A ANDAR. NÓS FOMOS DESIGNADOS PARA CAMPO DE MAUTHAUSEN. MAUTHAUSEN TAMBÉM NA AUSTRIA, ERA UM GRANDE CAMPO DE CONCENTRAÇÃO, ONDE NO COMEÇO DE GUERRA TINHA PRISIONEIROS POLÍTICOS, PRINCIPALMENTE DA ESPANHA, AQUELES QUE LUTAREM CONTRA O FRANCO NA ESPANHA ERAM, NA MAIOR PARTE, COMUNISTAS.

DEPOIS DURANTE A GUERRA, FIZERAM DE MAUTHAUSEN UM CAMPO CENTRAL, E PERTO DELE TINHAM DIVERSOS CAMPOS DE TRABALHO. UM DESSES CAMPOS ERA MELK, TINHA... OUTRO TINHA GUSEN I, GUSEN II, TINHA LINZ, E MAIS OUTROS CAMPOS. EM MAUTHAUSEN, NÓS FICAMOS 10 DIAS, O TRABALHO QUE NOS DEREM ERA CARREGAR PEDRAS, PEDRAS PESADAS, QUE ERA UMA PEDREIRA, COM 102 DEGRAUS. ENTÃO NÓS TINHAMOS QUE SUBIR COM ESSAS PEDRAS 102 DEGRAUS, LARGAR PEDRA, E PEGAR OU A MESMA OU UMA OUTRA TAMBÉM PESADA, E DEPOIS DESCER DE NOVO 102 DEGRAUS. FAZENDO ISSO DURANTE 12 HORAS, UM TRABALHO INÚTIL, E EXAUSTIVO, O SER HUMANO NÃO CONSEGUE RESISTIR, A CABEÇA PRINCIPALMENTE, SIMPLEMENTE PIFA. ELES FAZIAM ISSO PARA QUEBRAR A EVENTUAL RESISTÊNCIA QUE AINDA TINHA NESSES SERES HUMANOS, POUCO HUMANOS. ELES FAZIAM ISSO PORQUE ALEMÃO ERA MUITO VALENTE QUANDO TINHA... É COMO NOSSOS BANDIDOS, QUANDO TINHA ARMA, NA FRENTE DELE PESSOAS DESARMADAS, ELE ERA MUITO VALENTE. MAS ELES PENSAVAM ASSIM: “NÓS SOMOS NO CAMPO ALGUMAS

CENTENAS, ELES SÃO DEZENAS DE MILHARES, SE ELES SE REBELAREM VÃO MATAR TODOS NÓS”. ENTÃO A INTENÇÃO ERA FAZER DESSES SERES HUMANOS O MAIS FRACO POSSÍVEL. POR ISSO ESSA ERA A ATITUDE DE PRATICAMENTE DESTRUIR UMA POSSÍVEL RESISTÊNCIA HUMANA.

FICAMOS LÁ DURANTE 10 DIAS, DEPOIS 10 DIAS NÓS FOMOS REMETIDOS PARA MELK. MELK, UMA CIDADE NA ÁUSTRIA SUPERIOR, UMA CIDADE MUITO BONITO, DIGA-SE DE PASSAGEM, MAS LÁ TINHA UM CAMPO DE TRABALHO, E O NOSSO TRABALHO LÁ ERA CONSTRUIR TÚNEIS. E ESSES TÚNEIS, OS ALEMÃES PRECISAVAM PARA DENTRO DELES CONSTRUIR FÁBRICA DE ARMAS. OS ALEMÃES TINHAM EM SEU PODER UMA ARMA MUITO PODEROSA, QUE SE CHAMAVA V2, É UMA PRECURSORA DA BOMBA ATÔMICA. E COM ESSA ARMA, ELES QUERIAM ANIQUILAR INGLATERRA, QUE ESTAVA RESISTINDO AO ATAQUE DELE, DAS ESQUADRÕES QUE BOMBARDEAVAM O LONDRES, MAS ELES COM ESSAS ARMAS, ACHAVAM QUE PODIAM ACABAR COM A INGLATERRA. COMO ELES TINHA MEDO QUE TINHA ESPIONAGEM NESSAS FÁBRICAS - ESTANDO NA SUPERFÍCIE PODIAM SER BOMBARDEADAS E DESTRUÍDAS - RESOLVEREM FAZER ESSAS FÁBRICAS DENTRO DE TÚNEIS. E ISSO ERA O NOSSO TRABALHO. QUANDO NÓS CHEGAMOS LÁ, TINHA EQUIPES QUE TRABALHAVAM DENTRO DE TÚNEL RETIRANDO A TERRA E NÓS TRABALHAVAMOS FORA DOS TÚNEIS MISTURANDO O CIMENTO ARMADO COM AREIA.

OS TÚNEIS ERAM CONSTRUÍDAS DESSA FORMA:

29:05

(MOSTRA E FALA COMO ERAM OS TÚNEIS)

29:57

DEPOIS DE UM MÊS, MAIS OU MENOS, O MESTRE QUE ERA AUSTRÍACO - NÃO ERA MILITAR, MAS ERA UM ENGENHEIRO AUSTRÍACO – ME CHAMOU, E QUANDO ELE VIU O JEITO COMO EU TRATAVA O PÁ, O JEITO COMO EU JOGAVA ESSE CIMENTO... (FIM EM 30:26)

-----

00006

00:03

AÍ ELE ME CHAMOU E DISSE, VOCÊ VAI SER O MESTRE DE CARPINTEIROS. VOCÊ VAI TRABALHAR DENTRO DO TÚNEL, E VAI ACERTAR – ME MOSTROU COMO FAZER – ESSAS TÁBUAS, PARA PODER CONSTRUIR ESSE TÚNEL. E ISSO ME SALVOU A VIDA PORQUE UM MÊS DEPOIS CHEGOU UMA, UM TRANSPORTE DE 500 POLONESES, E ELES

FORAM DESIGNADOS A TRABALHAR FORA DOS TÚNEIS FAZENDO TRABALHO DE MISTURAR CIMENTO ARMADO COM... CIMENTO COM AREIA.

POR CAUSA DO FRIO, E UMA ROUPA MUITO “PARCA”, QUANDO FICAVA DOENTE ERA AUTOMATICAMENTE REMETIDO PARA MAUTHAUSEN, DIRETAMENTE PARA CREMATÓRIO. DEPOIS DE 13 MESES NÃO SOBREVIVEU NENHUM. TODOS MORRERAM. E NÓS TRABALHANDO LÁ DENTRO DOS TÚNEIS SOBREVIVEMOS DURANTE 9 MESES, ESSE MESTRE AUSTRIACO ERA MUITO BOM. ELE, DE VEZ EM QUANDO, TRAZIA ALGUMA COMIDA... PÃO, QUE EU DIVIDIA COM MEUS AMIGOS E MEU IRMÃO. E DAVA PARA SOBREVIVER. PORÉM, EM FUNÇÃO DOS AVANÇOS DOS RUSSOS, NA FRENTE ALEMÃ, ELES ESTAVAM SE APROXIMANDO, JÁ ADENTRANDO A ÁUSTRIA, APROXIMANDO DESSE CAMPO. DE SORTE QUE QUANDO JÁ SE OUVIA OS TIROS DE ARTILHARIA, ELES RESOLVERAM, DE NOVO, RECUAR ESSE CAMPO, E UM DIA SIMPLEMENTE AVISARAM PARA CADA UM PEGAR SUAS COISAS QUE NÓS VAMOS EMBORA. NÓS PEGAMOS PRIMEIRO DE TREM, DEPOIS PEGAMOS UNS BARCOS PEQUENOS QUE SUBIAM O RIO, DURANTE ALGUNS DIAS.... CHEGAMOS A UMA CIDADE QUE SE CHAMAVA LINZ. DE LÁ TINHAMOS QUE DESEMBARCAR, E ANDAR A PÉ, MAIS OU MENOS, 70 QUILOMETROS. AÍ COMEÇOU A TAL CHAMADA “MARCHA DE MORTE”. FORMAMOS UMA COLUNA, E COMO MUITOS DOS PRISIONEIRO ERA EXTREMAMENTE DEBILITADO, NO CASO DO MEU IRMÃO QUE NÃO TINHA SAPATO, TINHA TAMANCO – TAMANCO É UM SAPATO DE MADEIRA QUE MACHUCA MUITO OS PÉS... AS PESSOAS NÃO CONSEGUIA ANDAR. ENTÃO DURANTE O DIA TINHA QUE ANDAR APROXIMADAMENTE 30 QUILOMETROS. QUEM NÃO CONSEGUIA ANDAR, ERA SUMARIAMENTE FUZILADO, DE SORTE QUE QUANDO A COLUNA PASSAVA, DOS DOIS LADOS FICAVAM DEZENAS DE CORPOS JÁ EXECUTADOS. DEPOIS DE TRÊS DIAS, O MEU IRMÃO COMO EU CONTEI, DESISTIU, NÃO QUERIA MAIS ANDAR POR CAUSA DESSES TAMANCOS QUE MACHUCAVA MUITO, MAS NÓS... EU, COM MAIS ALGUNS AMIGOS, CONSEGUIMOS CARREGAR ELE, AJUDAR ELE, ATÉ QUE CHEGAMOS EM EBENSEE.

EBENSEE ERA OUTRO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO, TAMBÉM FAZIA TÚNEIS, SÓ QUE LÁ OS TÚNEIS ERAM FEITOS EM ROCHA, ROCHA DURA. E DAS ROCHAS SAÍA ÁGUA. ESSES PRISIONEIRO SEM ROUPA, SEM SAPATO, NO INVERNO, COM FRIO, NÃO ESTAVAM CONSEGUINDO RESISTIR MUITO TEMPO. QUANDO ALGUÉM FICAVA DOENTE ERA IMEDIATAMENTE MANDADO PARA MAUTHAUSEN, PARA CREMATÓRIO. NÓS DEPOIS DE TRÊS DIAS CHEGAMOS A ESSE EBENSEE, QUE CONSIDERADO PIOR CAMPO DE TODA A EUROPA, PORQUE LÁ MORRIA 10% DOS HABITANTES POR SEMANA. DE SORTE QUE O MÁXIMO QUE PODIA SOBREVIVER LÁ ERA UM MÊS, TRÊS SEMANAS. AQUI TAMBÉM A SORTE SORRIU PARA MIM, PELO MENOS. PERTO DESSA CIDADE TEM UMA OUTRA CIDADE PEQUENA QUE SE CHAMA ALTNAUSSEE PUCHEN,

E NESSA CIDADE, ERA UM NÓ FERROVIÁRIO MUITO IMPORTANTE POR ONDE PASSAVAM TODOS OS TRENS QUE TRANSPORTAVAM AS ARMAS, OS ALIMENTOS PARA A FRENTE RUSSA. E NUM ATAQUE COORDENADO ANGLO-AMERICANO E RUSSO, ELES DESTRUÍRAM ESSE NÓ FERROVIÁRIO. COMO OS ALEMÃES NECESSITAVAM DESSA PASSAGEM, NÃO TINHA PRATICAMENTE HOMENS LÁ PARA TRABALHAR, RECOLHERAM A CAMPO E PERGUNTARAM QUEM QUER TRABALHAR PARA DESOBSTRUIR... ATÉ NÃO EXPLICARAM MUITO, MAS UM TRABALHO PARA FAZER LÁ NA ESTAÇÃO DOS TRENS, E EU FUI UM DOS CANDIDATOS. QUANDO CHEGUEI LÁ EU VI UM VIADUTO, NÃO GRANDE, PEQUENO, REVIRADO JOGADO FORA PORQUE O BOMBARDEIO LÁ FOI MUITO FORTE, E UM MONTE DE VAGÕES TUDO REVIRADO. MAS DENTRO DOS VAGÕES TINHA AÇUCAR, FARINHA E CICÓRIA – CICÓRIA É UMA ESPÉCIE DE TRIGO QUEIMADO QUE DURANTE A GUERRA SUBSTITUIA CAFÉ, TRIGO QUEIMADO TEM SABOR DE CAFÉ – E MAIS OUTROS PRODUTOS. NATURALMENTE PRIMEIRO NÓS NOS ENCHEMOS O QUE DEU PARA COMER, PORQUE A FOME ERA TERRÍVEL, E DEPOIS AMARRAMOS AS CALÇAS EMBAIXO E O QUE DEU PARA LEVAR NAS CALÇAS CADA UM ENCHEU, E COM ISSO À NOITE, NÓS VOLTAMOS PARA O CAMPO PARA DORMIR. ISSO DURANTE TRÊS DIAS, PROVAVELMENTE ISSO TAMBÉM SALVOU MINHA VIDA E DO MEU IRMÃO. (9:24)

PORQUE NÓS FOMOS JUNTOS E ISSO ALIVIOU A TERRÍVEL FOME QUE EXISTIA LÁ. NO CAMPO DE EBENSEE, E EU COM MEUS OLHOS VIA AS PESSOAS QUE NÃO CONSEGUIAM LEVANTAR, ANDAVAM DE QUATRO COMO CACHORROS, MAS QUANDO ISSO ACONTECIA, MAIS ALGUNS DIAS JÁ ESTAVA MORRENDO, NÃO CONSEGUIA SOBREVIVER. A SOPA QUE DEVA SER SOPA DE BATATA OU DE CASCA DE BATATA ERA TRAZIDA... TRANSPORTADA EM UNS CUBÍCULOS ASSIM (FAZ GESTO) GRANDES, ÀS VEZES CAÍAM UM POUQUINHO NO CHÃO, OS PRISIONEIRO SE JOGAVAM E LAMBIAM O CHÃO PARA OBTER UM POUQUINHO DE ALIMENTOS.

A FOME PROPRIAMENTE DITA É UM DOS MAIORES CASTIGOS QUE PODE SER APLICADO AO SER HUMANO, A FOME VERDADEIRA. DEPOIS DE TRÊS DIAS O COMANDANTE DO CAMPO CHAMOU TODOS DE NOVO À PRAÇA, E CADA CAMPO TINHA UMA PRAÇA ENORME, E FALOU O SEGUINTE: “EU TENHO ORDENS PARA LEVAR TODOS VOCÊS DENTRO DOS TÚNEIS PORQUE ESSE CAMPO VAI SER BOMBARDEADO PELOS AMERICANOS, E PARA SALVAR VOCÊS EU TENHO A ORDEM DE LEVAR VOCÊS PARA OS TÚNEIS”. ELE RECEBEU UM SONORO “NÃO”, TODOS OS QUINZE MIL QUE ESTAVAM LÁ GRITARAM “NÃO”. NO MEIO TINHA MUITOS RUSSOS QUE ERAM FEITOS PRISIONEIRO RECENTEMENTE E ELES ERAM AINDA MAIS FORTES, NÃO ERAM TÃO DEBILITADOS COMO OS OUTROS QUE JÁ PASSARAM ALGUNS ANOS NOS CAMPOS. AÍ ELE RESPONDEU... FALOU ASSIM: “VAMOS FAZER O SEGUINTE ACORDO... VOCÊS NÃO SAEM DAS BARRACAS, SE FICAREM NAS BARRACAS, EU

VOU DEIXAR”. COMBINADO. ASSIM ACONTECEU, VOLTAMOS PARA AS BARRACAS, DORMIMOS DURANTE A NOITE. NO DIA SEGUINTE DE MANHÃ ALGUÉM ESTAVA CORRENDO, GRITANDO: PORTÕES ABERTOS, NÃO TEM MAIS GUARDAS. ERA O FIM DO CATIVEIRO. FIM DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO. (13:00)

OS ALEMÃES FUGIREM, DEIXARAM PORTÕES ABERTOS. PEGAMOS OS POUCOS PERTENCES QUE AINDA TIVEMOS E ANDAMOS, COMEÇAMOS A ANDAR. SAIR DO CAMPO, ANDAMOS. DEPOIS DE ALGUNS QUILOMETROS, UM OU DOIS QUILOMETROS, ENCONTRAMOS AS PRIMEIRAS CASAS, ENTRAMOS LÁ E COMEÇAMOS A PERGUNTAR SE SABIAM QUE TINHA LÁ NO CAMPO, QUE ERA CAMPO DE CONCENTRAÇÃO... “NÃO, CAMPO DE CONCENTRAÇÃO, NÃO! ERA CAMPO DE TRABALHO, VOCÊS FAZIAM TRABALHO LÁ”. ELES, TODOS ELES FALAVAM QUE NÃO SABIAM DE NADA. É MAIS OU MENOS COMO NOSSO EX-PRESIDENTE LULA, NÃO SABIA DE NADA. MAS ELES SABIAM PORQUE... TALVEZ ELES NÃO, MAS OS FAMILIARES DELES FAZIAM PARTE DESSA GUARDA, MAS EM TODO CASO ELES NOS DEREM UM POUCO DE COMIDA, DEREM PÃO, QUEIJO, MANTEIGA, E NÓS NOS JÁ ALIMENTAMOS UM POUQUINHO, E EU FALEI PARA MEU IRMÃO E MEUS AMIGOS: “OLHA, NÃO PODE COMER MUITO PORQUE É PERIGOSO DEPOIS DE TANTOS MESES DE FOME VAMOS RACIONALIZAR A COMIDA”. É O QUE ACONTECEU PORQUE MUITOS DESSES QUE FORAM LIBERTADOS MORRERAM DEPOIS JUSTAMENTE POR CAUSA DAS COMPLICAÇÕES DE TANTA FOME, COMEREM DEMAIS, E ISSO PROVOCOU UMAS COMPLICAÇÕES FATAIS. CONTINUAMOS A ANDAR DURANTE ALGUMAS HORAS, ATÉ QUE APARECEU PRIMEIRO CAMINHÃO AMERICANO. OS AMERICANOS QUANDO NOS ENCONTRARAM CONVIDARAM PARA SUBIR NO CAMINHÃO, CAMINHÃO MILITAR DELES, TAMBÉM NOS DERAM ALIMENTOS – A MAIOR PARTE ERA CONSERVAS – CARNE EM CONSERVAS, TUDO EM CONSERVAS, E NOS LEVARAM PARA SALISBURG QUE É UMA CIDADE NA ÁUSTRIA SUPERIOR, UMA DAS GRANDES CIDADES, E LÁ NÓS JÁ ENCONTRAMOS UM AMERICANO QUE JÁ FAZIA REGISTRO DAQUELES QUE SOBREVIVEREM, REGISTRO DE QUE... NOME, IDADE, CIDADE ONDE NASCEU, NOME DOS PARENTES, E TUDO O QUE PODIA FORNECER ELES REGISTRAREM, E REMETIAM ISSO DIRETAMENTE PARA A CIDADE ONDE CADA UM NASCEU. (16:18).

DE SORTE QUE, QUANDO MEU IRMÃO MAIS VELHO QUE SE SALVOU NA RUSSIA, VOLTOU DEPOIS DA GUERRA, VOLTOU PARA CRACÓVIA, ELE ENCONTROU O REGISTRO DE NÓS DOIS PORQUE DURANTE A GUERRA NÓS NÃO SABÍAMOS NADA DELE, NEM ELE DE NÓS. QUANDO ELE FICOU SABENDO QUE NÓS SOBREVIVEMOS, MANDOU UMA CARTA COM ENDEREÇO EM ITÁLIA, MAS A CARTA CHEGOU. DEPOIS QUE FICAMOS ALGUMAS SEMANAS LÁ EM SALISBURG, ELES DEREM AS SEGUINTE OPÇÕES: “VOCÊS PODEM FICAR AQUI MAIS ALGUM TEMPO”, “VOCÊS PODEM VOLTAR PARA OS SEUS LUGARES ONDE VOCÊS NASCEREM,

NESSE CASO NA POLÔNIA” OU “VOCÊS PODEM IR PARA A PALESTINA” – PORQUE O ESTADO DE ISRAEL NÃO EXISTIA NAQUELA ALTURA. AÍ VOCÊS TÊM QUE IR PARA A ITÁLIA E AGUARDAR UMA OPORTUNIDADE PARA EVENTUALMENTE SEGUIR PARA A PALESTINA. EU NÃO QUERIA IR PARA A PALESTINA, MAS GOSTEI DA IDEIA DE IR PARA A ITÁLIA. E NÓS FOMOS JUNTO, EU COM MEU IRMÃO, FOMOS DE TREM, PASSAMOS A FRONTEIRA ITALIANA, ADENTRAMOS NA ITÁLIA E FOMOS PARA ROMA. (18:17)

EM ROMA NOS DERAM UM ABRIGO, DURANTE ALGUM TEMPO JÁ NOS DEREM ALGUM DINHEIRO, ALIMENTO, ROUPAS, E FICAMOS EM CINECITTÀ. CINECITTÀ É PRATICAMENTE UM HOLLYWOOD ITALIANO PORQUE LÁ FABRICAREM FILMES, E LÁ EM CINECITTÀ ERAM UMAS BARRACAS ENORMES, COLOCAREM BELICHES, E ABRIGAREM MILHARES DESSES SOBREVIVENTES QUE ESTAVAM CHEGANDO NA ITÁLIA. DE LÁ TIVEMOS UMA NOVA OPÇÃO: “VOCÊS PODEM IR PRA ITÁLIA DO SUL...” PRATICAMENTE A ITÁLIA É UMA BOTA, ENTÃO BEM NO FINZINHO DA BOTA TEM UM LUGAR MUITO BONITO QUE SE CHAMA SANTA MARIA DEL BAGNO . LÁ TEM DIVERSAS SANTA MARIAS, TEM SANTA CROCHE, SANTA LEUCA, E NÓS FOMOS PARA SANTA MARIA DEL BANO... “LÁ VOCÊS PODEM AGUARDAR, SE REFAZER UM POUQUINHO, PORQUE ERA APENAS ALGUMAS SEMANAS DEPOIS QUE NÓS SAÍMOS DE CAMPO... E NOS DERAM UM ABRIGO PORQUE ESSA SANTA MARIA DEL BANO, DURANTE TEMPO DE MUSSOLINI, DO FASCISMO NA ITÁLIA, UM BOM FASCISTA, GANHAVA COMO PRÊMIO TRINTA DIAS DE FÉRIAS, E JUSTAMENTE MANDAVAM LÁ QUE ERA MUITO BONITO, BEM NO SUL DA ITÁLIA, UM CLIMA MARAVILHOSO. E QUANDO A ITÁLIA PERDEU A GUERRA ELES FUGIREM, DEIXARAM AQUILO VAZIO. E OS AMERICANOS REQUISITAREM ISSO, E ENTREGAREM PARA OS SOBREVIVENTES, OS FUGITIVOS DA ALEMANHA.

LÁ EU FIQUEI DURANTE NOVE MESES, CONSEGUI ME REFAZER PORQUE QUANDO SAÍ DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO, PESAVA UM POUQUINO MAIS DE TRINTA QUILOS, E LÁ NÓS TÍNHAMOS CONDIÇÕES DE SE REFAZER, COMIDA, PODÍAMOS VIAJAR, PODÍAMOS... COMO ERA MUITO PERTO, NADAR NO MAR, E ERA TIPO FÉRIAS. (21:54)

MAS AQUILO ERA TUDO PROVISÓRIO PORQUE CADA UM TEM QUE PENSAR NO SEU FUTURO. QUEM TINHA FAMÍLIA, LÁ ERA LUGAR BOM PARA GUARDAR, PARA EVENTUALMENTE SE JUNTAR À FAMÍLIA. QUANDO RECEBI ESSA CARTA DO MEU IRMÃO E FIQUEI SABENDO QUE ELE SOBREVIVEU, NA SEGUNDA CARTA ELE JÁ AVISOU QUE RECEBEU VISTO PARA O BRASIL. EU ESTAVA LÁ MUITO INDECISO, QUERIA FICAR MAIS UM POUCO – EU TINHA UM PRIMO EM PARIS QUE CONHECIA DE ANTES DA GUERRA AINDA, FIQUEI SABENDO QUE ELE SOBREVIVEU TAMBÉM – E DEPOIS QUE FIQUEI SABENDO QUE MEU IRMÃO PRETENDIA IR PARA O BRASIL, MEU HORIZONTE CLAREOU, PENSEI: “EU TAMBÉM

QUERO IR PARA O BRASIL”. PORQUE, COMO JÁ FALEI, NÃO QUERIA IR PARA PALESTINA, NÃO QUERIA VOLTAR PARA A POLÔNIA, E ESSA ERA UMA DAS OPÇÕES QUE EU GOSTEI. NÃO CONHECIA O BRASIL, MAS JÁ QUE MEU IRMÃO IA LÁ, ACHEI QUE ISSO SERIA UMA BOA SOLUÇÃO. FUI PARA ROMA, CONSEGUI O VISTO, E DEPOIS FUI PARA PARIS PORQUE PARA IMIGRANTE, MINHA VIAGEM SERIA FINANCIADA POR UM INSTITUTO AMERICANO QUE AJUDAVA OS SOBREVIVENTES. MAS A DEMORA PARA IMIGRANTE RECEBER ESSA UMA VAGA NO NAVIO, ERA DE 6 MESES A UM ANO. MAS ISSO ERA MAIS PARA FAMÍLIAS, PORQUE TINHA MUITAS FAMÍLIAS ITALIANAS PRINCIPALMENTE QUE IMIGRAVAM. MAS EM TODO CASO EU FUI PARA PARIS, FIQUEI COM MEU PRIMO DURANTE UM MÊS AGUARDANDO... ME INSCREVI PARA IMIGRAR PARA O BRASIL, E COMO EU ERA UMA PESSOA SÓ, DEPOIS DE UM MÊS, UM DIA ELES ME TELEFONAM QUE TEM UMA VAGA NO NAVIO “S. S. CAMPANA”, QUE VAI ZARPAM AMANHÃ Cedo DE MARSEILLE . MARSEILLE É UM PORTO DO SUL DA FRANÇA – MAS QUE EU TENHO QUE CHEGAR LÁ AINDA HOJE PORQUE AMANHÃ Cedo É O ÚLTIMO PRAZO. PEGUEI AS POUCAS COISAS QUE EU TINHA, ME DESPEDI DO MEU PRIMO E DA FAMÍLIA DELE E FUI PARA MARSEILLE. EMBARQUE, DEPOIS DE 17 DIAS CHEGUEI NO RIO DE JANEIRO. ENQUANTO OS OUTROS QUE TINHA IMIGRANTES ESTAVAM QUERENDO NAMORAR, PROCURANDO NAMORAR OU BRINCAR, EU ARRUMEI UM DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ITALIANO, PORQUE EU JÁ FALAVA MUITO BEM ITALIANO DEPOIS DE UM ANO E MEIO, FALAVA QUASE UM ITALIANO PERFEITO, ARRUMEI UM DICIONÁRIO E APRENDI TODAS AS PALAVRAS EM PORTUGUÊS QUE TINHA NO DICIONÁRIO. DE SORTE QUE, QUANDO CHEGUEI AQUI JÁ TINHA UMA CERTA NOÇÃO, DA LÍNGUA PORTUGUESA.

CHEGAMOS NO RIO, VI UM BARQUINHO GIRANDO EM TORNO DO NOSSO NAVIO, E OLHANDO MELHOR VI QUE ERA MEU IRMÃO. PORQUE MESMO COM DOCUMENTOS O BRASIL NÃO DEIXAVA ENTRAR... ERA ÉPOCA DE VARGAS, E ELES NÃO QUERIAM TER OS IMIGRANTES, VAMOS DIZER, QUE SERIA A CARGO DO GOVERNO, PORQUE O GOVERNO SE DEIXA ENTRAR IMIGRANTE É OBRIGADO A SUSTENTAR ELE. ENTÃO ELES FAZIAM DIFICULDADE, MAS ELE SE ENTENDEU LÁ COM UM GUARDA, DE SORTE QUE EU CHEGUEI, CONSEGUI DESEMBARCAR, DESEMBARQUEI NO RIO DE JANEIRO. ANDEI PELO RIO, NÃO VI AS BELEZAS DO RIO, ESTAVA SÓ PREOCUPADO COM O FUTURO. MEU IRMÃO JÁ ESTAVA TRABALHANDO, FICAMOS UMA SEMANA NO RIO, DEPOIS CHEGAMOS EM SÃO PAULO. (27:57)

O RIO NÃO ME DISSE NADA. É UMA CIDADE DAS MAIS LINDAS DO MUNDO, MAS NAQUELE ALTURA PARA MIM ERA UMA CIDADE QUE SIMPLEMENTE NÃO SENTIA NADA. QUANDO CHEGUEI EM SÃO PAULO, ALGO ME DISSE: “ESSE É O LUGAR QUE VOCÊ VAI FICAR!”. CHEGUEI EM MARÇO DE 1947, CHEGUEI NUMA SEXTA-FEIRA, NA PRÓPRIA SEXTA-FEIRA FUI NUMA CONGREGAÇÃO QUE SE CHAMA CONGREGAÇÃO

ISRAELITA PAULISTA, ENCONTREI LÁ UMA SENHORA, UMA MULHER FANTÁSTICA DE NOME DE URSULA DAMMAN, QUE MORREU AOS 33 ANOS DE CÂNCER, MAS ANTES DE MORRER ELA DISSE PARA MIM ASSIM: “TEM AQUI UMA FAMÍLIA ALEMÃ, SÃO JUDEUS ALEMÃES, QUE TEM UMA FÁBRICA DE CONFECÇÃO, E NÃO TÊM FILHOS. ELES ESTÃO INTERESSADOS DE PEGAR UM QUE QUISESSE TRABALHAR COM ELES MAIS ALGUNS ANOS, E DEPOIS ELE PRETENDE SIMPLEMENTE JÁ PENDURAR AS CHUTEIRAS PORQUE JÁ ESTAVAM UM POUQUINHO CANSADOS. GOSTEI DA IDEIA, NO SÁBADO FUI NAQUELE ENDEREÇO DAQUELA PESSOA – POR COINCIDÊNCIA O NOME DELE TAMBÉM ERA JULIUS – E CONVERSAMOS DURANTE ALGUMAS HORAS... NA SEGUNDA-FEIRA SAÍ COM ELE TRABALHANDO NO RAMO DE CONFECÇÃO. FIQUEI TRABALHANDO DURANTE 35 ANOS E FUI BEM SUCEDIDO. ELE DEPOIS DE UM ANO E MEIO TIVE UM ANEURISMA CEREBRAL E MORREU... NO HOSPITAL DEMOROU POUCOS DIAS E FALECEU. (30:26)

0007

0:03

A VIÚVA VENDEU A FIRMA PARA UM SOBRINHO DE UM GUARDA-LIVROS DELE, MAS COMO EU JÁ TINHA CONHECIMENTO DE TUDO, COMECEI TRABALHAR COM SOCIEDADE COM UM CASAL, ELA ERA SÓCIA, ELE ERA UM BOM NEGOCIANTE, ELE TRABALHAVA NA BASE DE COMISSÃO, E FIQUEI NESSE RAMO DURANTE 35 ANOS.

DEPOIS DE 17 ANOS, ESSES SÓCIOS MEUS TAMBÉM SE ACHARAM JÁ CANSADOS, ELE ERA MAIS VELHO, ELE QUERIA ME VENDER A PARTE DELE, MAS EU NÃO ESTAVA INTERESSADO PORQUE SIMPLEMENTE NA FIRMA TUDO ERA EU.

AÍ EU ME ARRUMEI... COMPREI UM IMÓVEL QUE SE ADAPTAVA PARA FÁBRICA E COMECEI A TRABALHAR COM A MINHA ESPOSA QUE ERA... TINHA MUITO GOSTO. O RESTO EU JÁ SABIA COMO FAZER. FIQUEI TRABALHANDO TODO ESSE TEMPO E... ELA FICOU DOENTE DEPOIS. **AGORA FAZ JÁ 12 ANOS QUE SOU VIÚVO, TENHO DOIS FILHOS E QUATRO NETOS. MUITO BOM. SOMOS UMA FAMÍLIA UNIDA. E ESSA É MINHA HISTÓRIA.**

2:04

-----

3:59

L: EU QUERIA SABER... COMO FICOU SUA FÉ DEPOIS DE TUDO ISSO?

J: MINHA FÉ FICOU ABALADA. DEVO ESCLARECER QUE, ALGUMAS GERAÇÕES ANTES, DUAS GERAÇÕES ANTES DE MIM, TODOS OS JUDEUS NA POLÔNIA ERAM ORTODOXOS. ORTODOXOS QUER DIZER RESTRITO. RELIGIÃO, FAMÍLIA... DEPOIS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

COMEÇOU A MUDAR. ENTÃO MEUS PAIS JÁ NÃO ERAM MAIS ORTODOXOS, E OS FILHOS COMO MEU E MEU IRMÃO, NÓS JÁ ESTUDAMOS SÓ NAS ESCOLAS POLONESAS. E JÁ ÉRAMOS BEM MAIS ATUALIZADOS. MAS PRINCIPALMENTE DURANTE GUERRA... UMA PARTE QUE EU NÃO CONTEI, QUANDO ESTAVA ESCONDIDO NAQUELA ALDEIA DE GLEWIEC, TINHA 17, 18 ANOS, FAZIA PERGUNTAS PARA DEUS: “DEUS, POR QUÊ ISSO?”. – INCLUSIVE TAMBÉM NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO. – “ESTÃO MATANDO CRIANÇAS INOCENTES... ONDE ESTÁ TUA FORÇA? POR QUE VOCÊ NÃO FAZ NADA?” ISSO ABALOU A MINHA FÉ. POR EU NÃO FAZER NADA E SÓ FICAR PENSANDO E MEDITANDO DURANTE MESES, AÍ CHEGUEI À CONCLUSÃO QUE QUANDO EU CHAMEI O DEUS, ELE NÃO ME AJUDOU. E ISSO É UM FUNDAMENTO PORQUE MINHA FÉ FICOU ABALADA. EU FIQUEI COMO JUDEU PORQUE NASCI JUDEU, NÃO TINHA CULPA, NÃO TINHA ESCOLHAS, SIMPLEMENTE NASCI JUDEU, MAS PELA TRADIÇÃO QUERIA CONTINUAR. OS MEUS FILHOS CASARAM, O MARIDO DA MINHA FILHA TAMBÉM É JUDEU, NÃO SÃO TÃO PRATICANTES, MAS CONTINUA SENDO JUDEU PORQUE É A NOSSA TRADIÇÃO.”

6:49

CAM2

00006 – TODO PODE SER USADO, MAS NÃO É IDEAL POR CAUSA DO TEMPO. JÚLIO ASSISTINDO COBRANÇA DE PÊNALTI DE BRASIL E ALEMANHA NA FINAL DA OLIMPÍADA DE 2016.

REAÇÃO DO JÚLIO (APROXIMADAMENTE) 3:00 A 4:30

00011

4:30 – JÚLIO VENDENDO FOTOS. – 5:30

6:11 – OLHANDO FOTOS – 6: 45

## **14.2 ENTREVISTA E DECUPAGEM RITA BRAUN**

*ESSA ENTREVISTA DECUPADA FOI FEITA EM 30 DE JULHO DE 2016 COM A SENHORA RITA BRAUN, SOBREVIVENTE JUDIA POLONESA. ABAIXO, NA ÍNTEGRA TODO O CONTEÚDO DA CONVERSA, DO JEITO QUE A PERSONAGEM RELATA. POR ISSO, CONSIDERA-SE QUE AS NORMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NEM SEMPRE SERÃO OBEDECIDAS. EM*

*DESTAQUES, POSSÍVEIS PASSAGENS E ITENS A SEREM USADOS NO COMEÇO OU FIM DO DOCUMENTÁRIO.*

## VÍDEO 1

-00:00 – 00:05 – TAKE DO TCHAUZINHO + VINÍCIUS PASSANDO

PARA COBERTURA DE OFF PODE SER ATÉ 00:20

1:30

R: NA POLÔNIA, EU VIVIA NA CASA DOS MEUS AVÓS, PORQUE MAMÃE ESTAVA SEPARADA DO MEU PAI, E IA PARA A ESCOLA – ERA A ÚNICA JUDIA DA CLASSE – MUITO FELIZ, CRIANÇA MUITO FELIZ, PRATICAVA BALÉ E, DEPOIS COMEÇOU A GUERRA. AÍ EU PASSEI PARA A FAZENDA DO MEU PADRASTO, E LÁ COMEÇARAM OS PRIMEIROS BOMBARDEIOS, A GENTE NÃO SABIA SE ERAM DOS ALEMÃES OU DOS RUSSOS. DEPOIS PARTIMOS COM SETE CARROÇAS PARA FUGIR COM MANTIMENTOS E TUDO, E PARAMOS EM UMA CIDADE CHAMADA STANISLAVOV, ONDE MORAVA O PRIMO DO MEU PADRASTO, ONDE ELE ERA DONO DE UM MOINHO.

ALUGAMOS UMA CASA. PENSAVAMOS QUE IA SER POR POUCO TEMPO, MAS INFELIZMENTE NÃO. OS ALEMÃES SAÍRAM, VIERAM OS RUSSOS, FUI MATRICULADA NA ESCOLA, E ASSIM FOI.

2:37

-----

3:19

R: EU ERA FILHA ÚNICA, INFELIZMENTE, NASCIDA EM 28 DE MAIO DE 1930, MOREI COM OS MEUS AVÓS, MAS MINHA MÃE TAMBÉM MORAVA COM ELES DEPOIS QUE SE SEPAROU DO MEU PAI. MEU PAI VINHA CONSTANTEMENTE ME VISITAR, INCLUSIVE DORMIA LÁ, PARA PODERMOS SAIR, E ELE PODER ME LEVAR PARA UMA CIDADE DE MONTANHAS PARA A GENTE SE DIVERTIR

3:47

-----

3:56

R: ELE ERA REPRESENTANTE DA WARNER BROTHERS, E POR ISSO, EU TINHA ENTRADA LIVRE PARA TODOS OS CINEMAS, MAS SÓ PARA O DESENHO, DEPOIS QUANDO ACABAVA O DESENHO E COMEÇAVA O FILME, EU JÁ ERA CHAMADA PARA SAIR INFELIZMENTE. A MINHA VIDA, EU NA VERDADE NÃO SENTIA MUITO PESO PORQUE TINHA OS PAIS SEPARADOS, PORQUE OS DOIS ERAM MUITO DEDICADOS. QUANDO O

MEU PAI APARECEU NA FAZENDA DIZENDO PARA A MAMÃE QUE SE ELA NÃO DESSE A MIM A ELE COMO GUARDA, ELE TERIA QUE CASAR PARA TER UMA FAMÍLIA, PORQUE COMO ELE ERA FILHO ÚNICO E PERDEU OS PAIS, ELE PRECISARIA CONSTITUIR FAMÍLIA, E ELA DISSE QUE PODE PORQUE EU VOU MORAR COM ELA E SEMPRE QUE PRECISAR (PRECISASSE) ELE QUISER, EU POSSO PASSAR AS FÉRIAS COM ELE. ENTÃO ASSIM FICOU, E REALMENTE DEPOIS ELE VEIO ME BUSCAR, ME APRESENTOU A NOVA ESPOSA COM O FILHINHO... INCLUSIVE ISSO OCASIONOU QUE EU NÃO PUDE VOLTAR PARA A CIDADE ONDE MAMÃE MORAVA PORQUE OS ALEMÃES ENTRARAM E NÃO PODÍAMOS MAIS VIAJAR, ENTÃO QUANDO ESTÁVAMOS NA FILA QUE NOS LEVAVA PARA O CAMINHÃO QUE NOS LEVARIA PARA BOSQUE, DOS QUAIS NUNCA NINGUÉM VOLTOU, APARECEU UM SENHOR POLONÊS CATÓLICO QUE SE APRESENTOU, MOSTROU A CARTA DA MAMÃE, E MEU PAI LEU E DISSE: "FILHA, É A CARTA DA MAMÃE, E ELA PEDE PRA EU TE ENTREGAR PARA ESSE SENHOR, MAS EU NÃO VOU OPINAR PORQUE NÃO SEI QUEM DE NÓS VAI SOBREVIVER, SE EU OU MAMÃE, VOCÊ VAI OPINAR, VAI DA TUA OPINIÃO E TUA VONTADE". E EU DISSE: PAPAÍ, SE VOCÊ NÃO SE ZANGAR, EU GOSTARIA DE IR PARA A MAMÃE. E ESSE SENHOR ME LEVOU

6:00

-----

6:45

R: CHEGAMOS LÁ, QUER DIZER, APORTAMOS COM AS CARROÇAS E CAVALOS NO PÁTIO, NO MOINHO DO PRIMO, MAS OS CAVALOS FORAM IMEDIATAMENTE LEVADOS PELOS RUSSOS, FICAMOS SÓ COM AS CARROÇAS, E CADA UM PROCUROU UMA CASA PARA ALUGAR. PENSÁVAMOS QUE IA SER POR POUCO TEMPO, MAS FOI BASTANTE TEMPO

7:10

-----

7:55

R: NO TEMPO DOS RUSSOS, AS CRIANÇAS ERAM MUITO PRIVILEGIADAS, QUEM TINHA TALENTO PARA MÚSICA, COMO VIOLINO, PIANO, OU DANÇA, TINHA TUDO PARA PODER PRATICAR, E SE PROJETER, MAS ELES QUERIAM ME LEVAR PARA MOSCOU, MAMÃE NÃO DEIXOU. ELA CONSEGUIU UM ATESTADO QUE EU ESTAVA DOENTE DE PULMÃO E QUE NÃO PODIA IR PARA UM PAÍS TÃO FRÍGIDO, ENTÃO FIQUEI LÁ DANÇANDO, E EU GOSTAVA MUITO DISSO, ESTUDANDO... AÍ TINHAMOS A OBRIGAÇÃO DE ESTUDAR TODAS AS MATÉRIAS EM RUSSO, FORA UMA AULA EM POLONÊS. OS QUADROS DOS SANTOS ERAM TIRADOS E COLOCADOS SÓ QUADROS DE STALIN, DEPOIS MANDAVAM GENTE REZAR PARA SANTOS, NÓS REZÁVAMOS E NÃO APARECIA NADA.

QUANDO REZÁVAMOS PARA STALIN, ABRIAM-SE AS PORTAS E ENTRAVAM CHEIOS DE CESTAS E PÃO DE MEL, E DE DOCES E PIRULITO E TUDO MAIS. ISSO ERA A DOCTRINA DELES. DEPOIS ELES FALAVAM QUE QUEM FICAR PIONEIRO- QUER DIZER, COLOCAR UM LENÇO VERMELHO, IA TER PRIVILÉGIOS, ENTÃO EU ME TORNEI PIONEIRA, ÍAMOS PARA AULA E... OS RUSSOS SE DEDICAVAM MUITO ÀS CRIANÇAS, PRINCIPALMENTE CRIANÇAS COM TALENTO

9:28

---

## VÍDEO 2

1:48

R: MEU PAI VEIO ME BUSCAR PARA PASSAR FÉRIAS COM ELE E CONHECER MEU IRMÃOZINHO, MAMÃE PERMITIU, ELE DORMIU EM CASA UMA NOITE E FOMOS EMBORA, LÁ EU CONHECI MEU IRMÃOZINHO E A ESPOSA DELE – DE QUEM EU NÃO GOSTEI – NEM ELA DE MIM, E EU IA FICAR DUAS SEMANAS, MAS, QUANDO EU JÁ IA VOLTAR, VIERAM OS ALEMÃES, ENTÃO NÃO SE PODIA MAIS VIAJAR, ERA TERRÍVEL. EU FIQUEI ATÉ COM DOR DE BARRIGA, PORQUE NÃO PODIA VOLTAR PARA A MAMÃE. PAPAI TRABALHAVA PARA ELES, LIMPANDO OS CAPACETES, USAVA A... FAIXA COM A ESTRELA DE DAVI, E EU NÃO VIA NENHUMA IMAGEM E NENHUM PLANO DE PODER VOLTAR. ISSO ME DEIXAVA MUITO TRISTE, À NOITE EU TIVE PESADELOS, MAS NÃO TINHA-SE O QUE FAZER, SÓ SE CONFORMAR. DEPOIS, QUANDO ESTÁVAMOS NA FILA PARA UM CAMINHÃO – TINHA TRÊS CAMINHÕES E TRÊS FILAS – E ALEMÃES COM CACHORRO LATINDO QUE A SIMPLES PALAVRA *JÜDISCH*, QUE EM ALEMÃO QUER DIZER JUDEU, ELES ARRANCAVAM UM PEDAÇO DA CARNE, DO QUADRIL DA GENTE. ENTÃO EU VIA ESSES CACHORROS, ATÉ HOJE TENHO PRECONCEITO, E ELES LATINDO, LATINDO... E NÓS QUASE SUBINDO NO CAMINHÃO, QUANDO JÁ CHEGAMOS QUASE AO NOSSO CAMINHÃO, QUE ERAM TRÊS, APARECEU UM SENHOR POLONÊS, SE APRESENTOU, MOSTROU CARTA DA MAMÃE – NÃO SEI SE ESTOU ME REPETINDO – E PAPAI DISSE QUE ERA REALMENTE LETRA DA MAMÃE, ONDE ELA PEDIU PARA QUE ELE ME ENTREGASSE A ESSE SENHOR, QUE FOI PAGO COM METADE DOS HONORÁRIOS, E A OUTRA METADE IA SER PAGA QUANDO ELE ME ENTREGASSE LÁ. PAPAI DISSE QUE ELE NÃO VAI OPINAR, EU VOU TER QUE RESOLVER, AOS DEZ ANOS. FOI DIFÍCIL, EU NÃO QUERIA OFENDÊ-LO, MAS EU QUERIA VOLTAR PARA A MAMÃE. ENTÃO EU FALEI: PAPAI, SE VOCÊ NÃO SE OFENDER, EU QUERO IR PARA A MAMÃE. NÃO SEI QUEM DE VOCÊS VAI SOBREVIVER, MAS NÃO IMPORTA, DEPOIS DA GUERRA A GENTE VAI SE ENCONTRAR. ELE ME LEVOU, ESSE SENHOR... FICAMOS NUMA PENSÃO ONDE PAPAI PERGUNTOU O ENDEREÇO E À NOITE, EU VI QUE PAPAI ARRANCOU A FAIXA DE ESTRELA DE DAVI, PARA PODER SUBIR, NÓS NOS ABRAÇAMOS, NOS BEIJAMOS E ELE PENDUROU UM SAQUINHO COM MOEDAS, E DISSE: RITUSIA, QUANDO VOCÊ TIVER FOME OU SEDE, AQUI VOCÊ TEM MOEDAS PARA PÃO E ÁGUA, É ISSO QUE É IMPORTANTE. NÃO TINHA FIM PARA A GENTE SE ABRAÇAR E BEIJAR, E JURAMOS QUE

DEPOIS DA GUERRA VAMOS NOS ENCONTRAR. NUNCA MAIS. FOI A ÚLTIMA VEZ. DEPOIS DA GUERRA, APARECEU UM SENHOR, E CONTOU QUE ELE ESTAVA NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO JUNTO COM O MEU PAI E QUE ELES FIZERAM UMA PROMESSA: QUEM SOBREVIVER DEVERÁ CONTAR À FAMÍLIA O QUE ACONTECEU COM O OUTRO, E ELE VEIO DIZENDO QUE MEU PAI CONTRAIU TIFO E, PARA NÃO CONTAGIAR OS OUTROS, FOI JOGADO CONTRA O MURO ELÉTRICO PARA MORRER E NÃO CONTAGIAR OS OUTROS PRISIONEIROS. PORTANTO NÃO SEI ONDE ELE ESTÁ ENTERRADO E SE FOI ENTERRADO. BOM, ESSA FOI A HISTÓRIA DO MEU PAI... DO MEU IRMÃOZINHO E DA ESPOSA DELE NÃO SEI NADA.

5:40

-----

5:46

R: VOLTEI PRA CASA, ME LEMBRO QUE MAMÃE ESTAVA OUVINDO O RÁDIO NA CASA DE UMA VIZINHA, EU FUI ESCONDIDA ATRÁS DO ARMÁRIO PARA A MAMÃE NÃO TER UM CHOQUE, ELA VOLTOU E AÍ MEU PADRASTO DISSE: VOCÊ SABE... TEM NOTÍCIAS QUE VEM VINDO OS TRENS DA CIDADE DE WOLF, QUEM SABE RITA VEM. E EU JÁ ESTAVA ATRÁS DO ARMÁRIO. E ELA DISSE: “ NÃO, NÃO ACREDITO”, E COMEÇOU A SE ABALAR, AÍ DEPOIS EU SAÍ, NOS ABRAÇAMOS, NOS BEIJAMOS, CHORAMOS.. E PRONTO.

6:15

-----

6:22

R: DEPOIS DISSO, OS ALEMÃES PEDIAM PARA DEIXAR TODAS AS COISAS DE VALOR EM FRENTE AS CASAS, ATÉ POR EXEMPLO, 9H DO DIA SEGUINTE, ENTÃO MAMÃE DEIXOU GOLAS DE PELE, CRISTAIS, DINHEIRO NÃO, ELA COSTUROU NUMA MANGA DO CASACO, E COLOCOU LÁ NO FORRO, E QUANDO OS ALEMÃES VIERAM RETIRARAM TUDO QUE ESTAVA EM FRENTE A CASA, VIERAM OS CAMINHÕES E NOS LEVARAM PARA GUETO. LÁ NO GUETO, NUMA GRANDE PRAÇA, HAVIA TRÊS MESAS COM DOIS ALEMÃES... UM ALEMÃO E UM UCRANIANO, PORQUE O UCRANIANO SABIA MELHOR QUEM É JUDEU QUEM NÃO É, PORQUE ELES TAMBÉM ERAM ESLOVACOS, ALEMÃES ÀS VEZES NÃO. E OS HOMENS SE COLOCARAM EM FILA, NÓS MULHERES E CRIANÇAS ATRÁS. NA FILA SE APRESENTARAM MEU TIO IRMÃO DA MAMÃE – RECEBEU LETRA A, QUE

QUER DIZER BOM PARA “ARBEIT” – QUE EM ALEMÃO QUER DIZER TRABALHO; O OUTRO TIO TAMBÉM, IRMÃO DELA; O MEU PADRASTO QUE VINHA DEPOIS DE UM REUMATISMO RECEBEU LETRA C, E FOI LEVADO JUNTO A UM CAMINHÃO, PARA ESPERAR O CAMINHÃO SE ENCHER E DEPOIS SEREM LEVADOS PARA TRABALHOS FORÇADOS, MAS NINGUÉM VOLTOU DE LÁ. ENTÃO, MEU TIO, IRMÃO DA MAMÃE, QUANDO RECEBEU LETRA A, ARRANCOU DA LAPELA, COLOCOU NO BOLSO, SE PÔS NUMA OUTRA FILA, RECEBEU OUTRA LETRA A, COLOCOU NA LAPELA, E COM ESSA QUE ELE TEVE NO BOLSO, CORREU PARA JUNTO DO CUNHADO E FALOU: ESCUTA, VOCÊ SE ENGANOU, TUA LETRA NÃO É C, ARRANCOU, JOGOU NO CHÃO E COLOCOU LETRA A NELE, E TIROU E O LEVOU PARA JUNTO DE NÓS. ESSE FOI O ATO, REALMENTE MUITO AUDACIOSO.

8:22

-----

8:25

R: A VIDA NO GUETO FOI DIFÍCIL PARA MAMÃE QUE LOGO SE INSCREVEU PARA TRABALHAR FORA DO GUETO, ENTÃO ELA SEPARAVA AS ROUPAS JUDEUS QUE ELES NÃO TIVERAM TANTA FORÇA PARA CARREGAR, MAS NA VERDADE ELA VIU QUE ERAM ROUPAS DE JUDEUS FUZILADOS, PORQUE MUITAS ESTAVAM COM O BURACO DA BALA. QUANDO ELA PODIA E DEIXAVAM, ELA TRAZIA ALGUMA COISA E COLOCAVA EM MIM, PORQUE NÃO TINHAMOS ROUPA. ÀS VEZES, ELA CONSEGUIA MEDIANTE DINHEIRO, TRAZER ALGUM COPO DE LEITE PRA MIM - QUE EU ESTAVA DENTRO DO GUETO E NÃO TINHA COMIDA – UM PEDAÇO DE PÃO. MEU PADRASTO TRABALHAVA NUMA PADARIA, ÀS VEZES TRAZIA PÃO QUEIMADO PORQUE A PADARIA FAZIA PÃO PARA OS ALEMÃES, QUANDO QUEIMAVA PÃO, ELES PODIAM TRAZER, ENTÃO EU ERA FELIZ QUE PODIA COMER ESSE PÃO QUEIMADO, MAMÃE TRABALHAVA LÁ E A MINHA IRMÃ (FILHA DO PADRASTO) TRABALHAVA COMO GOVERNANTA NA CASA DE UM ALEMÃO, QUE ALIÁS DEPOIS SALVOU A VIDA DELA E DO MORDOMO DELE, ESSE MORDOMO ENGRAXAVA AS BOTAS DELE. OS DOIS SE CONHECERAM, SE APAIXONARAM E CASARAM DEPOIS DA GUERRA.

9:55

-----

9:49

R: ESSE DOUTOR SZPITTA, HERBERT SZPITTA SALVOU A VIDA DELA, DEPOIS DA GUERRA, ELA MANDAVA PACOTES PARA A ALEMANHA PARA ELE SE ALIMENTAR, NÃO SEI QUE FIM LEVOU

9:59

-----

10:05

R: MEUS PAIS TRABALHAVAM, ELE NA PADARIA, ELA FORA, MINHA IRMÃ COMO GOVERNANTA, E EU JOGAVA QUEIMADA COM OUTROS MENINOS,

OU ENTÃO AMARELINHA, ESPERAVA ALGUÉM VIR TRAZER COMIDA... TODO DIA EU VIA CARROÇAS LEVANDO OS CADÁVERES, CUJAS AS MÃOS, OS BRAÇOS E AS PERNAS SE BALANÇAVAM EM CONTATO COM O PARALELEPÍPEDO, E ASSIM FOI LEVADA A MINHA AMIGA. FOI MUITO TRISTE, NÃO ME ESQUEÇO DISSO.

10:45

-----

11:25

R: NO GUETO, ACONTECEU UMA COISA QUE UMA JOVEM CHORANDO, ENTROU NA CASA DA MINHA AVÓ E DISSE: MAMÃE, EU PRECISO TE ENTREGAR, PORQUE SENÃO, É A TUA VIDA OU A MINHA. VOCÊ JÁ VIVEU O BASTANTE, AGORA EU PRECISO SALVAR A MINHA. E FALOU: ESSA É A MINHA MÃE. MINHA AVÓ DISSE: NÃO CONHEÇO ESSA MOÇA, NÃO SEI QUEM É. MAS O ALEMÃO DISSE: TUDO BEM, VEM. E LEVOU ELA PARA UMA PRAÇA ONDE HAVIA JUDEUS LÁ QUE IAM SER LEVADOS PARA CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO, QUANDO O FILHO DELA, MEU TIO, CHEGOU, VIU O PAI DELE BATENDO A CABEÇA NA PAREDE E ENSANGUENTADO, DESESPERADO QUE NÃO PÓDIA FAZER NADA PORQUE LEVARAM A ESPOSA. ELE FALOU: ONDE? ELE DISSE: ACHO QUE PARA UMA PRAÇA. ELE CORREU LÁ, E VIU REALMENTE, UM BLOCO DE HOMENS E MULHERES, MAIS MULHERES, ESPERANDO PARA SAIR, ENTÃO ELE PODIA TER SIDO MORTO PORQUE NENHUM JUDEU PODIA DIRIGIR A PALAVRA A UM ALEMÃO, SEM SER PERMITIDO. ELE BATEU A CONTINÊNCIA E OS SAPATOS, E DISSE: SR. COMANDANTE, DESCULPE INTERPELÁ-LO, MAS, MEU NOME É EDWARD BLUM, E EU DURANTE A GUERRA SALVEI A VIDA DE MUITOS SOLDADOS ALEMÃES, CUIDANDO DOS FERIMENTOS DELES PORQUE EU ERA ENFERMEIRO, E HOJE POR UM TERRÍVEL ENGANO, MINHA MÃE ESTÁ SENDO LEVADA NÃO SEI PARA ONDE. ONDE NOME DELA É..., ELE DISSE (ALEMÃO): COMO É O NOME DELA?. TIO: BERTHA BLUM. MILAGRE PORQUE ELE PODIA MATÁ-LO, ENTÃO O ALEMÃO GRITOU: BERTHA BLUM, RAUS... RAUS QUER DIZER FORA. ELA SÓ OUVIU PORQUE ESTAVA SEM ÓCULOS, NÃO ENXERGOU NADA, SAIU PARA FORA DO COMBOIO, ABRAÇOU-SE COM O FILHO E FOI EMBORA.

13:29

13:37

R: BOM, QUANDO O GUETO COMEÇOU A SER EXTERMINADO, MINHA MÃE CONSEGUIU TRÊS CERTIDÕES DE NASCIMENTO COM NOMES FALSOS, MEU NOME ERA EVA RYSIEK, MAMÃE ERA MARIA RYSIEK, E MEU PADRASTO PHILIP RYSIEK, E NO CASO QUANDO O GUETO IA SER REALMENTE FECHADO, NÓS SAÍMOS DO GUETO COMO SE FOSSE PARA TRABALHOS, MEU PADRASTO FOI ABOTOADO EM UM CASACO BEM GRANDÃO E EU ABRAÇADA NA CINTURA DELE, ELE FICOU BARRIGUDO, TUDO BEM, E MARCHAMOS, TREINAMOS PRIMEIRO EM CASA, MARCHAMOS UM DOIS, UM, DOIS E SAÍMOS DO GUETO. E SAINDO DE LÁ

FOMOS NA CASA DO ALEMÃO ONDE MINHA IRMÃ ERA GOVERNANTA. ESSE ALEMÃO DISSE: NÃO POSSO ESCONDER VOCÊS, VOU LEVAR VOCÊS PARA OUTRA CIDADE, ONDE, EM UMA EMPRESA MINHA, ALEMÃ, QUE OS JUDEUS TRAZIAM TRILHOS E VAGÕES PARA MANDAR PARA A ALEMANHA, VOCÊS VEJAM SE CONSEGUEM SE ESCONDER LÁ. ENTÃO NÓS FOMOS PARA LÁ, E MEU PADRASTO A NOITE FOI LEVADO POR ESSE ALEMÃO, PORQUE HOMENS ERA PERIGOSO VIAJAR, PORQUE HOMENS ERAM CIRCUNCIDADOS, ENTÃO A PRIMEIRA COISA QUE ALEMÃO VIA QUE ERA UM JUDEU, QUE PARECIA UM JUDEU OU NÃO PARECIA... ABRE AS CALÇAS. COM ISSO OU ERA FUZILADO, OU MANDANDO PARA CAMPO DE CONCENTRAÇÃO. ENTÃO ESSE ALEMÃO COLOCOU ELE EM UM TREM, ONDE SÓ HAVIA ALEMÃES E FALOU: VOCÊ FINGE QUE ESTÁ LENDO UM JORNAL ALEMÃO E NÃO ACORDA ATÉ A HORA DE SAIR. E COLOCOU ELE COM UM JORNAL EM CIMA DA CABEÇA. E ASSIM ELE FICOU COM UMA MÃO POR BAIXO DO JORNAL SEGURANDO O BILHETE, VEIO A MOÇA.. COLOCOU, TUDO BEM. E DEIXOU ELE DORMIR. QUANDO CHEGOU À CIDADE, ESSE ALEMÃO, SZPITTA, CHAMAVA HERBERT SZPITTA, ACORDOU ELE, LEVOU PARA A CASA DA MINHA IRMÃ, BATEU NA JANELA E FOI EMBORA, DEIXOU ELE LÁ. MINHA MÃE VEIO BUSCAR MEU PADRASTO, ESCONDEU ELE ATRÁS DO ARMÁRIO, E ASSIM FICOU.

15:55

-----

17:29

R: MUITOS JUDEUS FORAM JUNTO, MAS NÓS NÃO FOMOS, ACHÁVAMOS QUE TEMOS QUE ESPERAR AS ERUDITAS FORÇAS ALEMÃS” 17:39

-----

VÍDEO 3

00:44

R: QUANDO HAVIA A EXTERMINAÇÃO DO GUETO, MEU AVÔ QUE TRABALHAVA NA CASA DE COUROS, CHEGOU EM CASA E DISSE QUE TEM DIREITO A LEVAR UMA PESSOA PARA SALVÁ-LA. ENTÃO MAMÃE DISSE: PERGUNTE SE PODE LEVAR SUA NETINHA. ELE VOLTOU, PERGUNTOU, ENTÃO O COMANDANTE DISSE: OU ESPOSA OU NETA. ENTÃO MAMÃE DISSE: ENTÃO LEVE A MAMÃE QUE EU ME ARRUMO COM A FILHA. E ELE LEVOU MINHA AVÓ. NUNCA MAIS APARECERAM PORQUE FORAM LEVADOS PARA CAMPO DE CONCENTRAÇÃO. FOI SORTE QUE ELE NÃO ME LEVOU. SÃO COISAS QUE A GENTE PERGUNTA E NÃO TEM RESPOSTA. AÍ MINHA MÃE ME LEVOU E CORREMOS PARA UM PRÉDIO ONDE OS JUDEUS JÁ ESTAVAM SUBINDO PARA O ANDAR ONDE HAVIA UM ESCONDERIJO ATRÁS DO ARMÁRIO. ENTRAMOS LÁ, E OS HOMENS PUXARAM ESSE ARMÁRIO DE QUATRO CORPOS (TAMANHO) PARA BLOQUEAR, E LÁ EU VI UM PEQUENO QUARTINHO, COM OS PAIS E UM MENINO, QUE INCLUSIVE ERA DESMEMORIADO, FALAVA ALTO: EU NÃO

TENHO MEDO! EU NÃO TENHO MEDO!. E MEU PADRASTO DISSE: EU TE DOU CHOCOLATE SE VOCÊ NÃO FALAR ALTO. -CHOCOLATE? – SIM! ENTÃO ELE SE CALOU. UMA SENHORA ESTAVA COM DUAS CRIANÇAS, CHORANDO. MAMÃE DISSE: POR QUE A SENHORA CHORA SE ESTÁ COM DOIS FILHOS E SEU MARIDO NOS FECHOU COM O ARMÁRIO... ELA DISSE: POR QUE DEIXEI UMA CRIANÇA DENTRO DO BERÇO. EU NÃO PODIA TRAZÊ-LA PORQUE A GENTE NÃO SABE QUANTO TEMPO ELA IA DORMIR, E PODERIA, COMO SE DIZ, DENUNCIAR TODAS VOCÊS. E DE REPENTE, OUVIU-SE AS BOTAS E BATIDAS COM CARABINA, E CRIANÇA ACORDOU E CHOROU E TIRO. ACABOU. A MOÇA, A MÃE, DESMAIOU.

2:38

-----

4:22

R: QUANDO O GUETO IA TERMINAR NÓS SAÍMOS, E MAMÃE ALUGOU UMA CASINHA – MEU PADRASTO FICOU ATRÁS DO ARMÁRIO, NÓS NÃO TINHAMOS DINHEIRO PARA COMER, ENTÃO UM CASAL CHAMADO ZEIFFMAN, FALOU PARA A MAMÃE... PESSOAL SEMITAS: SE A SENHORA NOS ESCONDER, A SENHORA NÃO VAI TER PREOCUPAÇÃO COM ALIMENTAR SUA FILHA E SEU MARIDO. MAMÃE DISSE: CONCORDO. ELES VIERAM PARA ESSA CASINHA – OS HOMENS FICARAM ATRÁS DO ARMÁRIO, O ARMÁRIO FICAVA GERALMENTE NO CANTO, E TINHA DUAS... DOIS BANQUINHOS, E OS HOMENS TINHAM DOCUMENTOS. ELA -A ESPOSA, O FILHO, EU E MAMÃE FICAMOS MORANDO. AÍ MAMÃE E EU SAÍAMOS PARA A RUA PARA FAZER COMPRAS COM O DINHEIRO DELES PARA TODA A FAMÍLIA. À NOITE OS HOMENS SAÍAM DETRÁS DO ARMÁRIO, NÓS ÍAMOS DORMIR E NO DIA SEGUINTE, A MESMA COISA – EU COM A MAMÃE SAINDO, E ELES EM CASA. UMA VEZ VEIO UM UCRANIANO ... AH, UMA VEZ UMA VIZINHA VEIO E DISSE: HMM... ELA CORREU PORQUE ERA UMA VILA, E VEIO CORRENDO DA PRIMEIRA CASA ATÉ A ÚLTIMA ONDE ESTÁVAMOS E DISSE: ESTÃO PROCURANDO DONA MARISIA, QUE ERA MINHA MÃE, E ELES VÊM VINDO AQUI. SÓ ESTOU AVISANDO. E ELA FOI EMBORA. ENTÃO ABRIMOS DUAS FOLHAS DE MADEIRA, E MAMÃE DEITOU LÁ PORQUE ERA UM LUGAR MUITO BAIXO, COBRIMOS COM TAPETE, ELE ENTROU E DISSE: MARIA... – NÃO ESTÁ, ESTÁ VIAJANDO. – AH, TUDO BEM, EU TENHO TEMPO. SENTOU COM A CARABINA ENTRE AS PERNAS E FINGIU OU DORMIU... EU DESESPERADA. E FALEI PARA A DONA XXX (APONTANDO) E ELA DISSE: NÃO, DEIXA, DEIXA... E EU DISSE: NÃO DEIXO. EU SABIA QUE MAMÃE SE DEITOU PORQUE NÃO TINHA COMO RESPIRAR (MUITO PEQUENO). DISSE: NÃO DEIXO, VAMOS JUNTO. ELA DISSE: NÃO, NÃO... EU: VAMOS JUNTO. EU FALEI PRA ELE: UM MOMENTINHO. TIREI A MESINHA, LEVANTEI O TAPETE, TIREI AS DUAS MADEIRAS, MAMÃE JÁ SAIU TOSSINDO, E EU DISSE: VEM MAMÃE, ELE ESTÁ TE ESPERANDO E EU VOU COM VOCÊ. ELE DISSE: AH, ENTÃO ESTÁ AQUI... BEM QUE EU SABIA. ELA DISSE: SIM, ESTOU AQUI! ELE DISSE: SÓ PODE LEVAR UMA SACOLA. NESSA SACOLA EU SÓ PUS OS TECIDOS PARA MENSTRUAÇÃO QUE EU

NEM SABIA O QUE ERA, MAS ME LEMBRAVA QUE MAMÃE USAVA UM VEZ POR MÊS, E OS CHINELOS DELA QUENTES. SÓ. E FOMOS EMBORA, NÓS DUAS FOMOS COLOCADAS NAS CELAS DAS POLONESAS CATÓLICAS, E ELES DOIS, POR CAUSA DOS DOCUMENTOS, NAS CELAS DOS JUDEUS. LÁ NA CELA DOS CATÓLICOS TINHA PROSTITUTAS... MAMÃE ME FECHAVA OS OLHOS PORQUE UMA LÁ ABRIA AS PERNAS E TIRAVA A BONECA.... BRINCADEIRAS QUE NÃO QUERIA QUE VISSE. VEIO UMA SENHORA CHEIA DE PACOTINHOS, E DISSE QUE ERA DA CRUZ VERMELHA E TROUXE PACOTINHOS PARA PRISIONEIRAS, E QUE ELA TAMBÉM FOI PRESA, MAS QUE VAI SER SOLTA. PERGUNTOU ONDE NÓS FAZÍAMOS NECESSIDADE, E NÓS FALAMOS: NESSE BARRIL. TEM QUE SUBIR DOIS DEGRAUZINHOS E SENTAR. ELA DISSE: AH, ISSO NÃO. MAS UMA HORA DEPOIS ELA JÁ ESTAVA SENTADA FAZENDO PIPI, PORQUE NÃO TINHA ONDE... EU VENDO TUDO ISSO E... ELA FOI SOLTA DEPOIS DE ALGUNS DIAS PORQUE SÓ FOI PRESA POR CAUSA DESSES PACOTINHOS DE PÃO, E NÓS FICAMOS.

8:12

-----

8:22 – 8:38 TOMA SUCO (POSSÍVEL COBERTURA DE OFF)

-----

8:38

R: AÍ APARECEU O PRESIDENTE DO GUETO DAQUELA CIDADE, E FICOU NO CORREDOR CHAMANDO TODOS OS JUDEUS PRESOS. MAMÃE SE LEMBROU QUE ELE VEIO PARA UMA CAÇADA NA NOSSA FAZENDA, E ELA DISSE SR. RUTHERER, ELE OLHOU E ELA DISSE: EU SOU A... E DEU O NOME. ELE ESCREVENDO DISSE: SE APROXIME E SE CONSIDERE JUDIA PORQUE CONTRA PESSOAS QUE NÃO SÃO JUDIAS EU NÃO TENHO DIREITO NENHUM. ENTÃO O TEMPO TODO ELA GRITAVA QUE ERA CATÓLICA, CATÓLICA, CATÓLICA... DEU UM PASSO A FRENTE E DISSE: EU SOU JUDIA. MEU NOME É TAL E TAL, E EU QUERO IR PRO GUETO COM ESTE MARECHAL. OS CACHORROS JÁ ESTAVAM (FAZ GESTO DE FURIA), E ELES PRENDENDO... MILAGRE, MILAGRE. E FOMOS JUNTOS PARA GUETO, SENÃO ELE NÃO PODIA NOS LEVAR. FOMOS JUNTOS NO GUETO, E LÁ NO GUETO, NA SAÍDA, MAMÃE FOI PEGAR DOCUMENTO E PERGUNTOU PARA ESSE POLONÊS: O SENHOR ACHA QUE EU DEVO IR PARA O GUETO? OU DEVO CONTINUAR NOS PAPEIS FALSOS... ELE OLHOU E DISSE... POLONÊS: A SENHORA SABE QUE COM O SEU ASPECTO E SUA MANEIRA DE FALAR, EU NÃO IRIA PARA O GUETO, E SE FOSSE, POR POUCO TEMPO E SAIR OUTRA VEZ NOS PAPEIS FALSOS COM SUA FILHA, MAMÃE DISSE: OBRIGADA. VOLTAMOS PARA O GUETO E SAÍMOS OUTRA VEZ COM PAPEIS FALSOS.

10:23

-----

11:58

R: NÃO SE ENTENDIA. ERA: HOJE EU VOU VIVER, AMANHÃ EU VOU VIVER, O QUE VAI SER DEPOIS NÃO SEI. QUAL ERA O DIA DO MÊS NÃO SEI, SE ERA INVERNO A GENTE SABIA PELA NEVE OU NÃO... PELAS PRIMEIRAS FLORZINHAS, NÃO SE SABIA NADA, NÃO SE TINHA CALENDÁRIO, NADA.

12:15

---

12:38

R: PRIMEIRO EU VOU TE CONTAR QUE A GENTE CORRIA PARA OS LIXOS DOS ALEMÃES ONDE AS COZINHEIRAS DELES JOGAVAM MEMBRANAS DE CARNE, AINDA COM PEDACINHOS DE CARNE, E A GENTE LEVAVA ISSO, RASPAVA E COMIA.

12:56

---

19:27

R: QUANDO HAVIA BOMBARDEIOS, OS JUDEUS SE ESCONDIAM NAS SINAGOGAS E OS CATÓLICOS NAS IGREJAS, E MINHA MÃE ME PUXAVA PARA ME ESCONDER EMBAIXO, NO TÉRREO... ABAIXO DO TÉRREO.... - SÓTÃO? – SÓTÃO DO PRÉDIO E EU DISSE: MAS PORQUE MAMÃE SE ELES ESTÃO NA CASA DE DEUS, ESTES E ESTES? E ELA DISSE: CASA DE DEUS É TELHADO ALTO, NA IGREJA TEM CRUZ NA SINAGOGA TEM CÚPULA, OS AVIÕES ESTÃO VENDENDO. EMBAIXO NÃO VÃO NOS VER. E REALMENTE NÓS FOMOS LÁ E DE MANHÃ QUANDO ACABOU OS BOMBARDEIOS TODOS ELES ESTAVAM SOTERRADOS. E MAMÃE DISSE: VIU FILHA... ELES DEVERIAM SER SALVOS. ESTAVAM NA CASA DE DEUS E NÃO FORAM. NÓS ESTAMOS SALVAS. ENTÃO A GENTE TEM QUE SE PENSAR O QUE É POSSÍVEL E O QUE É IMPOSSÍVEL. NÃO É PORQUE É SINAGOGA OU PORQUE É IGREJA. OS ALEMÃES ESTÃO VENDENDO LÁ EM CIMA. E ELES SABIAM QUE NAS IGREJAS E SINAGOGAS ESTAVAM ESCONDIDOS... A POPULAÇÃO SE ESCONDIA. MAMÃE ERA MUITO INTELIGENTE... DIGA....

20:38

---

22:16

DEPOIS DISSO NÓS DECIDIMOS SAIR DA POLÔNIA. – PARA ONDE VOCÊS FORAM? PARA PARIS ONDE TINHA CONSULADO BRASILEIRO QUE O JUTÉLIO (*GETÚLIO*) NÃO DEIXAVA OS JUDEUS VIREM, MAS A GENTE APRESENTOU OS PAPEIS DE CONVERSÃO, FICAMOS EM PARIS SEIS MESES A ESPERO DA ENTRADA, TOMAMOS UM NAVIO E DESCEMOS AQUI EM SANTOS ONDE O IRMÃO DA MAMÃE ETAVA ESPERANDO PELA GENTE. – QUAL IRMÃO DA SUA MÃE? – QUAL IRMÃO DA MAMÃE? PHILIP, UM QUE SAIU ANTES DA GUERRA PARA CONHECER O BRASIL, E NÃO PODIA MAIS VOLTAR. GRAÇAS A DEUS

22:57

---

## VÍDEO 4

00:15

L: E COMO FOI SUA ADAPTAÇÃO?

R: ERA DIFÍCIL PORQUE A LÍNGUA ERA TOTALMENTE DIFERENTE. MAMÃE IMEDIATAMENTE ME COLOCOU NO MACKENZIE NO CURSO MAIS CURTO QUE HAVIA: CORRESPONDENTE. DOIS ANOS. LÁ EU APRENDI O PORTUGUÊS, PORQUE QUANDO, POR EXEMPLO, IA COMPRAR NUMA QUITANDA ALGUMA COISA EU SÓ APONTAVA. A LÍNGUA É TOTALMENTE DIFERENTE. BATATA, POR EXEMPLO É *KARTOFEL*, NÃO É POR EXEMPLO COMO ARGENTINO E PORTUGUÊS, ESPANHOL. E EU ENTÃO FREQUENTEI ESSA ESCOLA, ME FORMEI COMO CORRESPONDENTE, NÃO TRABALHEI COMO CORRESPONDENTE, TRABALHEI COMO GERENTE DE UMA LOJA DA RUA DIREITA, CUJO DONO ERA UM POLONÊS, EU FUI GERENTE LÁ, E ASSIM ATÉ CASAR. CONHECI MEU MARIDO NUMA... UMA COLEGA QUE CONHECI, ELA CHEGOU ANTES DE MIM, JÁ FALAVA PORTUGUÊS E ENSINAVA A GENTE. ENTÃO ELA ME DISSE: OLHA, EU GANHEI UM NAMORADO, ELE NÃO É BONITO, VAI SER CARECA, VAI SER BARRIGUDO, MAS... QUANDO ELA ME CONVIDOU PARA ANIVERSÁRIO DELA, ELE PEDIU PARA DANÇAR COMIGO E MEU PERGUNTOU: COMO SE FALA EM POLONÊS “EU TE AMO”. EU PENSEI QUE ELE QUER DIZER PARA ELA, E EU DISSE: “*JA CIE KOCHAM*”, E ELE DISSE: “*JA CIE KOCHAM*”, E DEPOIS ME DISSE: “*JA CIE KOCHAM*”. EU NÃO GOSTEI. DEPOIS, COMO DIZ VOCÊ É LINDA: “....” – “...” EU DISSE: NÃO ENTENDI, O SENHOR NÃO QUER FALAR PARA... – ELE DISSE: NÃO, É PRA VOCÊ. FOI UMA FACADA. E EU DISSE: SENHOR, POR FAVOR, SE RETÉM, PORQUE HOJE EU DURMO NA CASA DELA QUE EU NÃO POSSO VOLTAR PARA CASA A NOITE. E EU NÃO VOU PODER DORMIR. E EU VI QUE A MÃE DELA JÁ ESTAVA SE ABANANDO, E ELE DANÇANDO COMIGO, E EU DISSE: O SENHOR NÃO ME PEÇA MAIS PARA DANÇAR. FUI DORMIR. E ELA DISSE: ESCUTA, O MAURÍCIO TE PERGUNTOU ALGUMA COISA? TE DISSE... EU DISSE: NADA. É UM CHATO. NADA, NADA, NADA.... PRONTO. DORMIMOS. DE MANHÃ EU VOLTEI PARA CASA, ELA DISSE QUE ELE CONVIDOU TODOS PARA TOMAR LANCHE NA CASA DELE, MAS QUE ELA VEIO SEM MIM.... E EU ME VESTI PORQUE ELE DISSE QUE AMANHÃ É LANCHE NA CASA DELE, E ELA NÃO VEIO ME BUSCAR. TUDO BEM. FUI ASSISTIR JOGO DE FUTEBOL COM MEU PADRASTO, E ELES FORAM LÁ. ELE DISSE: A RITA NÃO VEIO? ELA DISSE: NÃO. – MAS VOCÊ NÃO IA BUSCAR A RITA? ELA DISSE: IA, MAS NÃO SEI O QUE ACONTECEU.... ELE DISSE: ENTÃO A FESTA AQUI ACABOU. ACABOU. FORAM EMBORA, ELA FICOU MUITO CHATEADA. E ASSIM ACABOU.

L: E AÍ VOCÊS COMEÇARAM A NAMORAR?

R: (AFIRMA COM A CABEÇA)

L: EM QUE ANO VOCÊ CASOU?

R: EM 1952, 1 OU 2.

L: RITA, VOCÊ FALOU UMA VEZ, E ISSO NEM ESTÁ NO SEU LIVRO, QUE VOCÊ TINHA MEDO DE CIRCUNCIDAR O SEU FILHO... ME CONTA SOBRE ISSO.

3:46

R: É PORQUE PELA RELIGIÃO TEM QUE CIRCUNCIDAR, EU FALEI COM A MINHA SOGRA: EU NÃO CIRCUNCIDO ELE.. PORQUE ISSO ERA MOTIVO PARA MORRER OU VIVER. ELA DISSE: NÃO FAÇA ISSO PORQUE VAI SER O ÚNICO NETO QUE NÃO VAI SER CIRCUNCIDADO, E NÃO ESQUECE QUE AQUI O BRASIL É UM PAÍS TROPICAL QUE REALMENTE TEM DOENÇAS VENÉREAS. EU DISSE: MAS TANTAS DOENÇAS VENÉREAS? TANTO É QUE OS MÉDICOS GANHAVAM MUITO DINHEIRO COM ATESTADO QUE CIRCUNCIDARAM PORQUE A CRIANÇA TINHA SÍFILIS, MAS TINHA MUITO, ENTÃO JÁ NÃO VALIA. CIRCUNCIDEI. PERDI LEITE.

-----  
PARTE IMPORTANTE – POSSÍVEL ABERTURA DO DOC

5:38

R: A GENTE APRENDEU A VIVER EM UM PAÍS MARAVILHOSO QUE EU ADOTEI COMO MINHA PÁTRIA. O BRASILEIRO NÃO DÁ VALOR AO PAÍS QUE VIVE, NÃO DÁ... EU FALO PRA ELE. POR QUE ELE NÃO CONHECEU OUTROS PAÍSES. AQUI, NEGRO, ÍNDIO, HOMOSSEXUAL, CARECA E NÃO CARECA, TODOS TÊM DIREITO. ANDAM PELA PAULISTA, ENTÃO TEM QUE DAR VALOR. EU CONTO ISSO QUANDO ENTRO NO TAXI, A PRIMEIRA COISA: O SENHOR SABE O QUE É O HOLOCAUSTO? – NÃO! AÍ VAI.

L: E ME CONTA, VOCÊ VOLTOU PARA A POLÔNIA...

R: VOLTEI PORQUE FUI CONVIDADA PARA ACOMPANHAR JOVENS QUE IAM FAZER EXCURSÃO. NÃO GOSTEI. NÃO GOSTEI... CONTINUAM PESSOAS ANTISSEMITAS... COMI COMIDAS QUE ME FAZIAM FALTA, LEVEI ELES PARA CAMPO DE CONCENTRAÇÃO, PARA TERESIN... ACABOU. FIZ MINHA OBRIGAÇÃO E ACABOU. MINHA TERRA, MINHA PÁTRIA É AQUI.

6:55

-----  
11:47 – POSSO TIRAR?

...AQUI É UMA POESIA QUE NASCEU DESSA CABEÇA. VOU RECITAR?

-----  
RECITANDO POESIA

12:05 – RITA BRAUN...

12:45 – SENTADA LÁ.  
-----

CAM 2

0056, 0057, 0058 – MOSTRANDO AS FOTOS DE FAMÍLIA. DÁ PRA SER INTEIRO. PEQUENOS CORTES PARA ADEQUAR CORTE E REFLEXO DA LUZ NOS VIDROS DOS PORTARRETRATOS.

0059

L: RITA, ME CONTA DA SUA FÉ...

R: MINHA FÉ? EU NÃO TENHO FÉ.

0061

00:59 – 01:13- MOSTRANDO FOTOS DO ESCRITÓRIO

### **14.3 ROTEIRO**

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	24'07
USAR IMAGENS DUAS CÂMERAS		<p data-bbox="751 524 991 555">SONORA1 JULIO</p> <p data-bbox="751 591 900 622">TEMPO: 9"</p> <p data-bbox="751 658 1273 689">5:02 "BRASILEIRO CEM POR CENTO"</p> <p data-bbox="751 725 1075 757">5:11 "AQUI NO BRASIL"</p> <p data-bbox="751 837 991 869">SONORA2 JULIO</p> <p data-bbox="751 904 916 936">TEMPO: 15"</p> <p data-bbox="751 972 1098 1003">5:23 "EU ERA POLONÊS"</p> <p data-bbox="751 1039 1075 1070">5:38 "ABRASILEIRADA"</p> <p data-bbox="751 1173 975 1205">SONORA1 RITA</p> <p data-bbox="751 1263 916 1294">TEMPO: 14"</p> <p data-bbox="751 1352 1018 1384">2:01 "NA POLÔNIA"</p> <p data-bbox="751 1420 1187 1451">2:15 ÚNICA JUDIA DA CLASSE"</p> <p data-bbox="751 1554 975 1585">SONORA2 RITA</p> <p data-bbox="751 1644 900 1675">TEMPO: 5"</p> <p data-bbox="751 1733 1273 1765">2:22 "DEPOIS COMEÇOU A GUERRA"</p>		

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	
USAR IMAGENS DUAS CÂMERAS	OFF 1	<p>ABERTURA DOC</p> <p>RITA E JÚLIO SÃO DOIS SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO./ A RITA FOI QUEM ME APRESENTOU AO JULIO E COM OS DOIS EU APRENDI UM POUCO SOBRE HISTÓRIA, ESPERANÇA E SUPERAÇÃO.//</p> <p>ENCONTREI O JÚLIO NO DIA DA FINAL DE FUTEBOL NOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016./ BRASIL E ALEMANHA, DECISÃO NOS PÊNALTIS... BRASIL GANHOU O JOGO./ O JÚLIO ME CONVIDOU PARA ASSISTIR A PARTIDA COM ELE./ ESSE SENHOR DE 94 ANOS AMA FUTEBOL./ A ENTREVISTA ACONTECEU NO FINAL DA PARTIDA./ ATÉ ENTÃO, EU NÃO SABIA MUITO SOBRE SUA VIDA.//</p> <p>SOBE SOM</p> <p>RITA 1_SOUND CLOUD</p> <p>TEMPO: 10”</p> <p>13:08: “ DAQUI A POUCO NÃO VAI TER NINGUÉM...”</p> <p>13:18 : “ IDADE VAI”</p> <p>SONORA3 JULIO</p> <p>TEMPO: 13”</p> <p>1:29 “MEU NOME É JULIAN GARTNER”</p> <p>1:36 “CIDADE DE CRACÓVIA”</p>		
IMAGEM: TRANSCRIÇÃO				
ESCURECE TELA				
JULIO GARTNER sobrevivente				

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	
USAR IMAGENS DUAS CÂMERAS		<p data-bbox="667 421 906 450">SONORA4 JULIO</p> <p data-bbox="667 479 831 508">TEMPO: 26”</p> <p data-bbox="667 537 1023 566">1:50 “EM PRIMEIRO DE...”</p> <p data-bbox="667 595 1235 624">2:16 “...PELAS RUAS DA MINHA CIDADE”</p> <p data-bbox="667 775 890 804">SONORA4 RITA</p> <p data-bbox="667 833 831 862">TEMPO: 28”</p> <p data-bbox="667 891 1098 920">3:19 - “EU ERA FILHA ÚNICA...”</p> <p data-bbox="667 949 1166 978">3:47 “PARA A GENTE SE DIVERTIR”</p> <p data-bbox="667 1128 890 1158">SONORA5 RITA</p> <p data-bbox="667 1187 847 1216">TEMPO: 1’00</p> <p data-bbox="667 1245 1150 1274">1:48 – “PAPAI VEIO ME BUSCAR...”</p> <p data-bbox="667 1303 995 1332">2:48 “SE CONFORMAR”</p> <p data-bbox="667 1547 906 1576">SONORA5 JULIO</p> <p data-bbox="667 1606 831 1635">TEMPO: 21”</p> <p data-bbox="667 1664 1086 1693">2:46- “PRIMEIRO DECRETO...”</p> <p data-bbox="667 1722 1315 1751">3:25 – “NÃO PODIAM MAIS FICAR NA CIDADE”</p> <p data-bbox="667 1901 906 1930">SONORA6 JULIO</p> <p data-bbox="667 1960 858 1989">TEMPO: 1’10”</p>		
RITA BRAUN sobrevivente				

<p>MARCIO PITLIUK diretor e escritor</p> <p>IMAGEM APOIO (5" – 10")</p> <p>LEGENDA: EU SOU JUDEU MAS NÃO QUERO RECLAMAR SOBRE OS ALEMÃES"</p> <p>CRÉDITOS DE IMAGEM: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO</p>	<p>IN: "EU ESCOLHI FICAR..."</p> <p>OUT: "COMO CLANDESTINO"</p> <p>SONORA1 MARCIO PITLIUK</p> <p>TEMPO: 24"</p> <p>2:49 "O HOLOCAUSTO"</p> <p>3:13 "QUE ERA A ALEMANHA"</p> <p>JUDEU_PLACA_foto</p> <p>SONORA7 JULIO</p> <p>TEMPO: 57"</p> <p>12:34 "NÓS FOMOS JUNTO"</p> <p>13:27 "AMON GOTH"</p> <p>SONORA6 RITA</p> <p>TEMPO: 4"</p> <p>2:56: " QUANDO ESTÁVAMOS..."</p> <p>3:00 "... NA FILA PARA UM CAMINHÃO..."</p>
---	---

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	
<p>USAR IMAGENS DUAS CÂMERAS</p> <p>IMAGEM APOIO (5" – 10")</p> <p>LEGENDA: DOIS IRMÃOS MORTOS EM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO EM AUSCHWITZ</p> <p>CRÉDITOS DE IMAGEM: MUSEU JUDAICO DE SÃO PAULO</p>		<p>SONORA7 RITA</p> <p>TEMPO: 16"</p> <p>3:30 "APARECEU UM SENHOR..."</p> <p>4:16: "A GENTE VAI SE ENCONTRAR"</p> <p>SONORA8 RITA</p> <p>TEMPO: 9"</p> <p>4:48 "NÃO TINHA FIM..."</p> <p>4:57 "FOI A ÚLTIMA VEZ"</p> <p>SONORA8 JULIO</p> <p>TEMPO: 11"</p> <p>14:10 "QUANDO OS ALEMÃES"</p> <p>14:21 "...NÃO 10, CENTENAS"</p> <p>FILHOS DE LISBETH_FOTO</p>		

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
				24'07

LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	
<p>USAR IMAGENS DUAS CÂMERAS</p> <p>IMAGENS APOIO ÓCULOS_PIC ROUPAS_PIC SAPATOS_PIC CANECA_PIC CRÉDITOS DE IMAGEM: RENATA AFONSO</p>			<p>SONORA9 JULIO TEMPO: 6” 14:26 “NÓS COMEÇAMOS...” 14:32 “ÚLTIMO DIA DA GUERRA”</p> <p>SONORA9 RITA TEMPO: 55” 8:23 “A VIDA NO GUETO” 9:18 “ELES PODIAM TRAZER”</p> <p>SONORA10 RITA TEMPO: 34” 10:12 “E EU JOGAVA” 10:46 “NÃO ME ESQUEÇO DISSO”</p> <p>SONORA10 JULIO TEMPO: 52” 21:04 – “UM DIA...” 21:56 “PARAMOS EM AUSCHWITZ”</p>	

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
			TCC/ SOBREVIVENTES	24'07

LETÍCIA AKAMINE		DOC		
<p>ENTRADA_AUSCHWITZ</p> <p>ALOJAMENTO</p> <p>DANGER</p> <p>MENINA ASSUSTADA</p> <p>CRÉDITOS DE IMAGEM: RENATA AFONSO</p> <p>LEGENDA: IMAGENS EXPOSTAS EM AUSCHWITZ</p>		<p>SONORA11 JULIO</p> <p>TEMPO: 17"</p> <p>22:38 "O NOSSO VAGÃO"</p> <p>22:55 "MAUTHAUSEN"</p> <p>SONORA12 JULIO</p> <p>TEMPO: 27"</p> <p>24:01 "EM MAUTHAUSEN..."</p> <p>25:15 "...SIMPLEMENTE PIFA"</p> <p>SONORA11 RITA</p> <p>TEMPO: 39"</p> <p>13:37: "QUANDO O GUETO.."</p> <p>14:16: "SAÍMOS DO GUETO"</p> <p>SONORA13 JULIO</p> <p>TEMPO: 51"</p> <p>3:29 "AÍ COMEÇOU..."</p> <p>4:20 "...DEZENAS DE CORPOS"</p>		

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	24'07
USAR IMAGENS DUAS CÂMERAS		<p data-bbox="667 510 906 539">SONORA12 RITA</p> <p data-bbox="667 568 831 598">TEMPO: 17”</p> <p data-bbox="667 627 1150 656">11:58 “ERA: HOJE EU VOU VIVER,”</p> <p data-bbox="667 685 1278 714">12:15 “NÃO SE TINHA CALENDÁRIO, NADA”</p> <p data-bbox="667 797 922 826">SONORA14 JULIO</p> <p data-bbox="667 855 831 884">TEMPO: 21”</p> <p data-bbox="667 913 1142 943">12:07 – A FOME PROPRIAMENTE”</p> <p data-bbox="667 972 1107 1001">12:20 – “A FOME VERDADEIRA”</p> <p data-bbox="667 1030 1034 1059">22:41 “QUANDO SAÍ DO...”</p> <p data-bbox="667 1088 1150 1117">22:49 “...MAIS DE TRINTA QUILOS”</p> <p data-bbox="667 1200 906 1229">SONORA13 RITA</p> <p data-bbox="667 1258 831 1288">TEMPO: 41”</p> <p data-bbox="667 1317 1273 1346">22:16 “NÓS DECIDIMOS SAIR DA POLÔNIA.</p> <p data-bbox="667 1375 1015 1404">22:57 “GRAÇAS A DEUS”</p> <p data-bbox="667 1541 906 1570">SONORA14 RITA</p> <p data-bbox="667 1599 831 1628">TEMPO: 14”</p> <p data-bbox="667 1657 1219 1686">3:27 “RITA, ME CONTA SOBRE SUA FÉ”</p> <p data-bbox="667 1715 890 1744">3:43 “NÃO TEM”</p>		

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	24'07
<p>USAR IMAGENS DUAS CÂMERAS</p> <p>ATENÇÃO: RITA LENDO POEMA (O ARQUIVO 00053 E 00052 É PARA COBRIR O POEMA EM ALGUMA PARTE)</p>			<p>SONORA15 RITA</p> <p>TEMPO: 38"</p> <p>12:06 – “RITA BRAUN...”</p> <p>12:44 – “EU ESTAVA SENTADA LÁ”</p> <p>SONORA15 JULIO</p> <p>TEMPO: 7"</p> <p>28:17 “QUANDO CHEGUEI...”</p> <p>28:25 “...VAI FICAR”</p> <p>SONORA2 MARCIO</p> <p>TEMPO: 31"</p> <p>16:02 – “NA EUROPA”</p> <p>16:33 – “ACONTECEU O HOLOCAUSTO”</p> <p>SONORA3 MARCIO</p> <p>TEMPO: 49"</p> <p>17:01 “SER JUDEU NÃO É”</p> <p>17:50 – “SEGUNDA GUERRA MUNDIAL”</p> <p>SONORA4 MARCIO</p> <p>TEMPO: 31"</p> <p>28:32 – “AGORA, TEM UMA PIADA”</p> <p>29:01 – “VAMOS CONTINUAR”</p>	

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	24'07
IMAGENS APOIO TÊNIS_2 TÊNIS_JL TÊNIS_01		SONORA16 RITA TEMPO: 1'13" 22:15 "E COMO FOI SUA ADAPTAÇÃO?" 24:03 "FOI UMA FACADA"  INTEIRO – VÍDEO 8_JULIO23  SONORA16 JULIO TEMPO: 11" 00:30 – FRANCÊS VOCÊ FALA? 00:41 – NUNCA É TARDE.  SONORA17 JULIO TEMPO: 36" 1:10 "EU FUNDEI..." 1:46 "EU COM A MINHA ESPOSA"  SONORA17 RITA TEMPO: 1'13" 5:38 "A GENTE APRENDEU A VIVER" 6:45: "AÍ VAI"		

Editor	Data	Programa	Retranca	Tempo
LETÍCIA AKAMINE		DOC	TCC/ SOBREVIVENTES	24'07
IMAGENS APOIO RITA_7: APONTANDO FOTOS JULIO_5: DESCANSANDO DO TÊNIS		OFF 2	RITA E JULIO ESTÃO BEM. ELES TÊM BASTANTE ORGULHO DA HISTÓRIA QUE CONSTRUÍRAM POR AQUI; QUANDO EU ENCONTREI COM ELES PELA PRIMEIRA VEZ TENDEI SER O MAIS DELICADA POSSÍVEL COM AS MINHAS PERGUNTAS E COMENTÁRIOS. MAS ACONTECE QUE, APESAR DE ELES FALAREM COM UMA CERTA TRISTEZA SOBRE TUDO O QUE ACONTECEU, ELES DEIXAM CLARO QUE SEGUIRAM EM FRENTE E QUE FALAR SOBRE O ASSUNTO É IMPORTANTE PARA QUE, O QUE ACONTECEU COM ELES NÃO ACONTEÇA DE NOVO.	

## 15. ANEXOS

### 15.1 AUTORIZAÇÕES

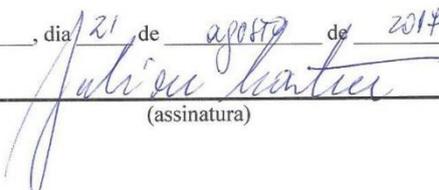
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Neste ato, Juliano Gattner, nacionalidade Brasileira, portador da Cédula de identidade RG n°. 212.899, inscrito no CPF/MF sob n° 007.287.308-63, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada para fins de notícia, reportagem, documentário (áudio e vídeo) sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior em mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros) concedida a Leticia Akamine da Costa, RG n° 48.858.424-3, inscrita no CPF 442.583.018-09. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

S. Paulo, dia 21 de agosto de 2014.

Nome:

Telefone p/ contato:

  
(assinatura)

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu Henrique Pracy  
Portador (a) do RG nº 1234.716-8 e do CPF nº 327.058.948-45  
**AUTORIZO a PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO - FAPCOM**, estabelecida na Rua Major Maragliano, 191, Vila Mariana, São Paulo, SP, CEP 04017-030, inscrita no CNPJ/MF sob nº 61.287.546/0041-57, a **UTILIZAR A IMAGEM E VOZ** em vídeos e fotografias, cuja cópia em anexo passa a fazer parte integrante do presente Termo (vídeos e fotografia com minha imagem), para ser utilizada no material eletrônico e impresso da FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação.

A presente autorização é a título gratuito, sem limite de tiragem ou edições e é válida por todo o período de proteção legal dos direitos autorais, nos termos do artigo 44 da lei nº 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

A imagem objeto da presente autorização poderá ser utilizada para fins de edição, reprodução, divulgação, podendo para tanto ser utilizada no todo ou em parte em qualquer material produzido pela FAPCOM, no Brasil e/ou exterior. Fica Também autorizado que se proceda a eventuais alterações para melhor composição audiovisual dos vídeos e gráfica das fotos à critério da FAPCOM.

São Paulo, 22 de Agosto de 2015.

Henrique Pracy

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, EU Henrietta Braun, nacionalidade brasileira, portador de identidade RG nº 4.237.76-8, inscrito no CPF/MF sob nº 327.058.948-45, AUTORIZO o uso da minha imagem e voz em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser autorizada para fins de notícia, reportagem, documentário (áudio e vídeo) sejam essas destinadas ao público geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior em mídia eletrônica (painéis, videotapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros) concedida a Leticia Alcamine da Costa RG nº 48.858.424-3, inscrita no CPF 442.583.018-09 e Vinicius Gabriel Carralhas Pimenta, RG nº 49.058.957-1, inscrito no CPF 415.388.138-40. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em duas vias, de igual teor e forma.

São Paulo, dia 30 de julho de 2016

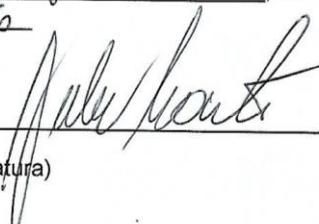
Henrietta Braun

(Assinatura)

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, EU Julian Gartner, nacionalidade brasiliana, portador de identidade RG nº 212.849, inscrito no CPF/MF sob nº 007.287.308-63, AUTORIZO o uso da minha imagem e voz em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser autorizada para fins de notícia, reportagem, documentário (áudio e vídeo) sejam essas destinadas ao público geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior em mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros) concedida a Letícia Akamine da Costa RG nº 48.858.424-3, inscrita no CPF 442.583.018-09 e Vinicius Gabriel Carnalhaus Pinna, RG nº 49.058.957-1, inscrito no CPF 415.388.138-40. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em duas vias, de igual teor e forma.

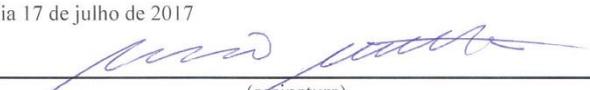
São Paulo, dia 20 de agosto de 2016

  
 (Assinatura)

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Marcio Pitliuk, nacionalidade brasileiro, portador da Cédula de identidade RG nº 4987792 inscrito no CPF/MF sob nº 861228948-34, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada para fins de notícia, reportagem, documentário (áudio e vídeo) sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior em mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros) concedida a Letícia Akamine da Costa, RG nº 48.858.424-3, inscrita no CPF 442.583.018-09. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

São Paulo dia 17 de julho de 2017

  
 (Assinatura)

Nome: Marcio Pitliuk  
 Telefone p/ contato:

98512 0057



RECIBO

Recebemos a quantia de R\$150,00 (cento e cinquenta reais) da Sra. Leticia Akamine cpf. 442.583.018-09 referente à venda de 19 fotografias para uso em seu Trabalho de Conclusão de Curso na Fapcom.



São Paulo, 11 de setembro de 2017.

